



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

| MÁRCIA JARDIM GUSMÃO

**Contribuições de Paulo Freire para
se pensar o uso das tecnologias na
educação**

Goiânia
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

MÁRCIA JARDIM GUSMÃO

3. Título do trabalho

Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das tecnologias na educação

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **MARCIA JARDIM GUSMÃO, Usuário Externo**, em 21/11/2022, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real, Professor do Magistério Superior**, em 22/11/2022, às 10:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3331203** e o código CRC **E4CE88E3**.

MÁRCIA JARDIM GUSMÃO

Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das tecnologias na educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação
Linha de pesquisa: Cultura e Processos Educacionais. Orientador: Professor Doutor Márcio Penna Corte Real.

Goiânia

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gusmão, Marcia Jardim

Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das tecnologias na
educação [manuscrito] / Marcia Jardim Gusmão. - 2022.
116 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Penna Corte Real.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação,
Goiânia, 2022.
Bibliografia.

1. Paulo Freire. I. Real, Marcio Penna Corte, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **134** da sessão de Defesa de Dissertação de **MÁRCIA JARDIM GUSMÃO** que confere o título de **Mestra em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na área de concentração em **Educação**.

Aos **vinte e dois dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois (22/08/2022)**, a partir das **14:30**, em plataforma virtual no link público <http://meet.google.com/zsq-vtfr-gbn>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das tecnologias na educação"**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Márcio Penna Corte Real (PPGE/FE/UFG)**, doutor em **Educação** pela **UFSC**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Profª. Drª. **Solange Martins Oliveira Magalhães(PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular interna e Profª. Drª. **Cristina Helou Gomide (FE/UFG)**, doutora em **História** pela **PUC/SP** - integrante titular externa. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. **Márcio Penna Corte Real**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e dois dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. **Márcio Penna Corte Real**

Profª. Drª. **Solange Martins Oliveira Magalhães**

Profª. Drª. **Cristina Helou Gomide**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real, Professor do Magistério Superior**, em 25/10/2022, às 15:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Helou Gomide, Professor do Magistério Superior**, em 07/11/2022, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Solange Martins Oliveira Magalhães, Professor do Magistério Superior**, em 07/11/2022, às 12:55,



conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3136294** e o código CRC **B70671E9**.

Referência: Processo nº 23070.045216/2022-90

SEI nº 3136294



Márcia Jardim Gusmão

**Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das
tecnologias na educação**

Goiânia

2022

MÁRCIA JARDIM GUSMÃO

**Contribuições de Paulo Freire para se pensar o uso das
tecnologias na educação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação pela Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para aprovação da dissertação, submetido à comissão julgadora do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação pela Universidade Federal de Goiás.

Orientador: Professor Dr. Márcio Penna Corte Real

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real (Orientador)

Universidade Federal de Goiás

Prof^a. Dra. Solange Magalhães

(Examinadora)

Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Cristina Helou Gomide

(Examinadora) Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Cap. 1 - A educação segundo Paulo Freire.....	14
1.1 A educação bancária e a educação libertária	34
1.2 A preocupação com a coerência entre teoria e prática.....	45
Cap. 2 - tecnicismo e tecnologias na visão de Paulo Freire	55
2.1 - Mídia educação e sua relação com a concepção de educação de Paulo Freire.....	59
2.2 - Disseminação das mídias e suas implicações com a educação	66
2.3 - A cultura digital no ambiente escolar – possibilidades de diálogo com Paulo Freire.....	72
2.4- Os desafios da educação online na pandemia COVID 19.....	76
Cap. 3- Relação entre tecnologia e educação na visão de Paulo Freire	83
3.1 – Tecnologia para impulsionar a conscientização	86
3.2 – Avanço tecnológico: entre a liberdade e a opressão	93
Considerações finais	105
Referências	112

Dedicatória

Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem as palavras nas entrelinhas.

Clarice Lispector

Dedico este trabalho à memória de Cléo, a mulher que ajudou a transformar a minha vida e a de meus irmãos. Quando penso nela me vem sempre à lembrança a cantiga de roda “Eu sou pobre pobre pobre de marré deci”¹. Era nossa brincadeira preferida quando morávamos no sertão de Minas Gerais, levando a vida mais simples que se possa imaginar, enquanto a minha tia, irmã caçula de minha mãe, fora morar em Belo Horizonte e se casou com um distinto senhor que começava desbravar o Centro Oeste goiano nos anos 80, trazendo para Goiânia sua jovem e linda esposa. Quando crescemos e buscávamos novas oportunidades, ela leva os filhos de minha mãe e dá a todos o ofício que lhes agradou, como na canção. Trouxe os seis para Goiânia e nos deu muitas oportunidades, cuidados e direção. Dessa forma tenho hoje o ofício de professora que muito me orgulha e me possibilita muitas realizações tanto pessoais quanto profissionais. Ela faleceu em 2014, mas permanecerá sempre viva em nossos corações e nossa memória. Sem ela nossos destinos não teriam se cumprido da forma que se cumpriu, da melhor maneira possível, mais que poderíamos almejar. Minha eterna gratidão.

Estendo a dedicatória também a profª Maria Emília de Castro, profunda conhecedora e praticante da teoria freireana. Com ela pude “imersão” na obra de Paulo Freire através de suas aulas, juntamente com a profª Vanessa Gabassa, que fizeram com que esse projeto nascesse. A perda da profª Emília pela COVID-19 é irreparável e consternou a todos que a conheceram e foram seus alunos. Sou grata à FE/UFG pela oportunidade de tê-la conhecido.

¹ “Je suis pauvre pauvre pauvre du Marais Marais Marais, je suis riche riche riche d’la Mairie D’Issy”, que virou “Eu sou pobre pobre pobre demarré marré marré, eu sou rica rica rica de marré dessi”... (Marais e Mairie d’Issy são dois bairros de Paris)(GALVÃO, Rafael, 2004, s.p).

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que sempre nos deram liberdade para buscar nossos destinos e nos ensinou a sermos éticos, corajosos e resilientes.

Agradeço aos meus irmãos por sempre estarmos unidos nesta caminhada de descobertas, aprendizados e conquistas.

Agradeço a meu filho Luiz Henrique por ser a luz que ilumina meu caminho, o ar que respiro, a razão de minhas alegrias diárias e minha felicidade completa.

Agradeço ao meu companheiro Péricles que me dá energia para caminhar, me inspira e me apoia, me incentivando e acreditando sempre em meus projetos, além de me fazer sentir o que pode o amor em nossas vidas.

Agradeço ao professor Márcio Penna Corte Real, que me orientou com o rigor necessário para a elaboração deste trabalho, e às professoras da banca examinadora pela leitura e contribuições para a conclusão do trabalho.

Agradeço aos professores desta instituição com os quais tive a oportunidade de realizar as disciplinas oferecidas pelo PPGE/UFG, me possibilitando assim compreender o quão árduo, porém gratificante e necessária é a ampliação do processo de formação na pós-graduação e quão profundas são as camadas que acessamos na elaboração do saber adquirido neste processo.

Agradeço aos colegas com os quais tive a oportunidade de conviver e trocar experiências durante a realização das disciplinas, em eventos realizados na Faculdade de Educação, palestras e filmes no miniauditório, tudo tão acolhedor e afetivo que somente de forma presente podemos sentir e constituir-se como verdadeira experiência.

Agradeço ao NEVIDA pela oportunidade de participar de um grupo de estudos tão prestigiado, com pesquisadores éticos e sensíveis, que me possibilitou momentos de leituras e debates imprescindíveis para a minha formação durante esse período de estudos.

Resumo

Este trabalho busca analisar possíveis contribuições de Paulo Freire para se pensar a presença das (novas) tecnologias na educação no contexto atual. A preocupação do autor com o pragmatismo e o tecnicismo na educação norteiam as reflexões sobre os riscos de uma educação meramente técnica que exige decisões rápidas e comprometem a formação crítica e o desenvolvimento da autonomia do educando. Ele se mostra atento à necessidade das escolas se adaptarem a essas mudanças aceleradas e o risco de aprofundamento dos problemas já existentes no modelo de educação vigente, que ele chama de educação bancária, de transmissão e antidialógica que não promove o acesso ao conhecimento e a transformação da realidade. Paulo Freire entende a educação como ato político. Ele se preocupa com os sujeitos colocados à margem do processo histórico e a valorização de suas culturas consideradas inferiores. A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica, analisando as categorias conceituais de Paulo Freire para se pensar uma educação libertária, tais como: a perspectiva dialógica, a coerência entre teoria e prática, a valorização dos saberes prévios e da cultura do educando e o desenvolvimento da autonomia e da consciência. Paulo Freire não é contrário ao uso das tecnologias na educação, mas alerta para os riscos de que seu uso irrefletido possa ampliar a desigualdade e promover uma educação que atenda somente aos interesses do capitalismo e exclua o desenvolvimento integral do ser humano. No decorrer do trabalho, foram abordados aspectos fundamentais da pedagogia freireana e a sua importância para a adoção das novas tecnologias no processo educativo. O diálogo, o desenvolvimento crítico, a compreensão dos processos históricos em um exercício dialético são pontos cruciais para que a tecnologia na escola seja um instrumento a favor da construção do conhecimento e transformação da realidade.

Palavras-chave: Paulo Freire; (novas) tecnologias; educação; autonomia; formação crítica.

Abstract

This project seeks to analyze the possible contributions of Paulo Freire to think the presence of (new) technologies in education in the present context. The concern of the author with pragmatism and technicality in education guide the reflections about the risks of a purely technical education that demands quick decisions and commits the critical formation and autonomy developing of the student. He was attentive to the needs of the schools of adapting themselves to these accelerated changes and the dangers of deepening of the already serious problems in the current educational system, which he calls banking education, antidialogic and based on transmission, that does not promote the access to knowledge and transformation of reality. Freire understands education as a political act. He concerns about subjects placed at the margins of historical process and the valorization of their cultures considered inferiors. The methodology used on the realization of this project was the bibliographic research, analyzing the conceptual categories of Paulo Freire to think in a libertarian education, such as: dialogical perspective, coherence between practice and theory, valorization of the previous knowledge and of the culture of the students, and the developing of autonomy and consciousness. Paulo Freire isn't against using technologies in education, but alerts that its thoughtless use might amplify inequality and promote an education that meets only capitalism's interests and excludes the integral human being's growth. Through this essay, it has been addressed fundamental aspects of Freire's pedagogy and its importance for the introduction of the new technologies on the educational process. Dialogue, critical developing, understanding of the historical process in a dialectic exercise are crucial points to technology in school be an instrument in favor of knowledge building and transformation of the reality.

Key words: Paulo Freire; (new) technologies; education; autonomy; critical formation.

Introdução

O desenvolvimento do projeto que resultou na presente dissertação se deu sobretudo devido à importância inquestionável do educador Paulo Freire para a educação. A celebração do centenário do seu nascimento em setembro de 2021 foi um elemento oportuno para a realização da pesquisa. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, estado de Pernambuco, em 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo, em 02 de maio de 1997. Trata-se de um trabalho teórico no qual se pretende analisar as contribuições do autor em relação ao uso das tecnologias da informação (TIC's) no contexto educativo. Busca-se então compreender a inserção e o papel das novas tecnologias na escola; a concepção de Paulo Freire do modelo de educação bancária, de transmissão passiva e antidialógica, que não promove o acesso ao conhecimento em oposição à educação libertária e problematizadora; os desafios para a promoção de uma educação capaz de promover o acesso ao conhecimento, o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos através do uso das novas tecnologias; a preocupação de Paulo Freire com o tecnicismo e o pragmatismo na educação a favor do mercado de trabalho, através do uso das novas tecnologias, comprometendo dessa forma o desenvolvimento integral do educando.

O problema que procuramos desenvolver na pesquisa foi: Quais as possíveis contribuições de Paulo Freire para se pensar a presença das (novas) tecnologias na educação no contexto atual de acelerado desenvolvimento tecnológico e mudanças na educação que colocam em risco o desenvolvimento de uma educação para a autonomia?

Nos anos iniciais do meu exercício de professora na rede Estadual de Educação de Goiás, no ensino fundamental, em 2010, pude perceber que, com a chegada dos celulares na sala de aula, as aulas tradicionais não surtiam efeito e não despertavam o interesse dos educandos, cada vez mais próximos da cultura digital. Surge então a oportunidade de fazer uma especialização em “Mídias na Educação”, oferecida pela Faculdade de Educação da UFG, à distância (EAD) em 2012. Pude então entrar em contato com os conceitos de Cibercultura, Cultura digital, os desafios da Inclusão digital causados sobretudo pela desigualdade social no Brasil e as dificuldades de um acesso qualificado que permita ao indivíduo a capacidade cognitiva para compreender e interagir com os conteúdos acessados, de forma que isto lhe confira melhorias em seu acesso à cultura e ao conhecimento, assim como discernimento sobre o que é mais adequado para sua formação.

Após a conclusão da especialização participei de um projeto chamado “Círculo Câmera cotidiana” oferecido pelo Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte da Secretaria de Educação de Goiás/SEDUC. O projeto selecionava educadores interessados em audiovisual e cultura digital atuantes em escolas públicas e pontos de cultura do Estado de Goiás, oferecendo formação na produção de audiovisual com câmeras de celular ou pequenas câmeras utilizadas no cotidiano para incentivar o trabalho colaborativo e cocriativo.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, analisar o uso das tecnologias a partir da teoria freireana foi oportuno devido à importância do autor para se pensar na possibilidade de atuar na sala de aula de forma mais ativa, de modo a tornar o processo educativo diferente. Paulo Freire ajuda a entender o que precisa ser diferente na forma de lidar com a educação no sentido de mostrar caminhos para uma formação mais humana e mais respeitosa com o educando, sobretudo diante das mudanças causadas pelo acelerado desenvolvimento das tecnologias digitais e as transformações que a sociedade e a escola enfrentam com a necessidade de se adaptarem a uma realidade mediada pelas novas tecnologias.

Paulo Freire é um humanista, revolucionário e atento aos desafios de seu tempo, entendendo a diversidade como possibilidade de desenvolvimento em lugar de ser transformada em desigualdade, injustiça, produção e manutenção de preconceitos. O autor ressalta em seu trabalho a importância da formação humana, o acesso ao conhecimento e à cultura como ferramentas para a interpretação da realidade e a formação de sujeitos capazes de intervir na mesma.

As pesquisas sobre tecnologias na educação ocupam um amplo espaço nos debates acadêmicos devido à sua expansão cada vez mais veloz e mais sofisticada, trazendo desafios cada vez maiores aos educadores, tanto pela demanda por formação para lidar com esses recursos quanto pela precariedade que as escolas públicas enfrentam. A necessidade de equipar as escolas pressupõe também formação para lidar com essas ferramentas (BELLONI, 2002; BELLONI E BÉVORT, 2009, SANTAELLA, 2003).

A pedagogia de Paulo Freire traz a necessidade de se criar um novo modelo civilizatório, em que seja repensada a relação entre opressores e oprimidos, segundo uma ética de respeito, solidariedade e cooperação, reconhecendo e respeitando as

diferenças. O professor precisa estar preparado para contribuir com a formação de um sujeito capaz de dialogar e pensar criticamente sobre sua realidade. São princípios que o autor considera essenciais para que a emancipação ocorra através do processo de formação. A transmissão mecânica de conteúdo é considerada por Freire um dos maiores equívocos na prática do professor. O acesso àquilo que é produzido pela cultura deve ser instrumento de conscientização e apropriação de um saber que liberte e transforme o sujeito e sua realidade. Freire (1987) afirma que:

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os quase como “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente (FREIRE, 1987, p. 31).

Portanto, cabe ao educador comprometido com a prática libertadora, uma postura política diante da realidade. Segundo Marx (s/d. p.05) “temos de emancipar-nos a nós próprios, antes de podermos emancipar os outros”. O educador precisa de uma formação sólida, amparados em teorias que os emancipe do pensamento tradicional do dominador e das culturas de massa uniformizadoras para que se desenvolva nele um pensamento livre e coerente com as suas ações. Segundo Freire, “aqueles que se comprometem autenticamente com o povo é indispensável que se revejam constantemente. Essa adesão é de tal forma radical que não permite a quem a faz comportamentos ambíguos” (1987, p. 27). Essa radicalidade proposta por Freire pressupõe sobretudo uma formação ética e moral consistente, além de sólida formação humana e intelectual.

Os principais livros pesquisados para a realização do trabalho foram: *Educação como prática da liberdade* (1967); *Pedagogia do Oprimido* (1987), analisando a concepção de educação de Paulo Freire. *A sombra desta mangueira* (1995) e *pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000); *Pedagogia da autonomia* (1996) e *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992). São livros nos quais Paulo Freire desenvolveu diversas questões relacionadas às tecnologias na educação e revela os pontos de atenção sobre a utilização das mesmas no contexto educativo.

O primeiro capítulo irá tratar da educação segundo Paulo Freire, o contexto do desenvolvimento de sua teoria e sua concepção de uma educação libertadora em oposição à educação bancária. A preocupação do autor com a coerência entre teoria e prática é central em sua obra. Segundo Paulo Freire, esta é uma preocupação que deve

permeiar todo o trabalho de um educador que queira assumir a pedagogia libertária. A importância do registro das experiências de Paulo Freire compõe sua obra e nos mostra essa preocupação do educador com a práxis, ou seja, a reflexão sobre a prática. Seus ensaios e memórias revelam todo seu humanismo e elevada cultura intelectual, assim como o talento de um grande escritor.

A preocupação de Paulo Freire em relação às tecnologias na educação diz respeito sobretudo à questão da desigualdade de acesso e os riscos de uma educação pragmática e tecnicista. Em uma sociedade com graves problemas sociais e um modelo de educação de transmissão, que não dialoga com a realidade dos educandos, o desenvolvimento tecnológico pode ser um acelerador dessas desigualdades e perpetuador dos privilégios dentro do processo educacional, visto que a falta de acesso às ferramentas tecnológicas e de seu uso crítico podem contribuir ainda mais com o aprofundamento da exclusão e desigualdade.

O segundo capítulo trata do conceito de mídia educação, sua inserção na educação e sua relação com a maneira como Paulo Freire pensa sobre o uso das tecnologias no processo educativo. A disseminação das mídias e suas implicações com a educação, as novas formas de comunicação através da internet e as possibilidades de diálogo com Paulo Freire compõem o desenvolvimento do segundo capítulo deste trabalho. Uma breve análise da escola online durante a pandemia do Covid-19 foi feita devido à convergência com o tema do trabalho e o momento em que o ensino passou a funcionar de forma remota, ou seja, através das novas tecnologias, enquanto as escolas permaneceram fechadas devido aos altos riscos de contágio que o vírus oferecia. O Covid-19 surgiu na cidade de Uhan, província de Ubei na República Popular da China e foi caracterizado como uma pandemia em 11 de março de 2020, devido ao rápido avanço e contaminação em nível global, culminando no isolamento social e causando um número assustador de vítimas. (PALÚ et AL, 2020).

A urgência com que essas mudanças ocorreram gerou transtornos para toda a sociedade e suas consequências e impactos só poderão ser mensurados a partir de alguma distância histórica e longas pesquisas. No entanto, foi necessária uma breve abordagem sobre o assunto pois os problemas que envolviam o uso das tecnologias nas escolas assumiram dimensões inimagináveis com a necessidade de uma adaptação

emergencial durante a pandemia e o distanciamento social que ela provocou, acarretando o fechamento das escolas e seu funcionamento via internet.

No terceiro capítulo serão desenvolvidas as possíveis relações entre a obra de Paulo Freire e o uso das tecnologias, assim como suas contribuições para a educação no contexto atual e as necessidades de uma mudança de paradigmas na estrutura educacional, ainda mais urgente com o acelerado desenvolvimento tecnológico e seus riscos em relação à formação humana. A possibilidade de a tecnologia ser um instrumento para impulsionar a conscientização é analisada a partir da forma consciente com que Paulo Freire observa os riscos de que as ferramentas tecnológicas se tornem um instrumento sofisticado de dominação e empobrecimento da formação do educando, assim como os problemas relacionados à desigualdade de acesso às novas tecnologias e seu uso consciente.

Com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais avançado, a (falsa) ideia de educação para todos, cada vez mais sucateada e voltada para atender demandas de mercado e contra as classes populares, sobretudo, visto que uma educação mecanicista não permite o desenvolvimento das potencialidades humanas conforme nos mostra Freire em sua obra, a proposta de uma educação conscientizadora e crítica se faz ainda mais necessária para a transformação da realidade. No entanto, mudam-se os meios mas permanecem os mesmos interesses de dominação sobre os menos favorecidos, que exercem sempre o papel de vítimas da história com sua liberdade sempre ameaçada de diferentes maneiras.

No livro *A sombra desta mangueira* (1995) Paulo Freire apresenta a necessidade do uso da tecnologia de forma consciente e crítica, quando ele alerta que o poder material e ideológico tem utilizado o avanço tecnológico para manutenção do poder. Por outro lado, ele apresenta possibilidades do uso dessas ferramentas para a transformação da realidade. O autor entende a educação como ato político e a necessidade de reconhecer-se como produtor de cultura e como parte dessa cultura, assim como sujeito da história. Podemos perceber nas reflexões de Paulo Freire que não são os meios que promovem ou não as mudanças, mas os interesses dos envolvidos no processo histórico. Segundo Freire (1995, p.21) “o período entre mudanças significativas diminui cada vez mais. Em certas áreas da ciência e tecnologia atual alguns meses são suficientes para envelhecer um procedimento”. O professor não pode subestimar as tecnologias em sua

prática educativa, pois estará ignorando uma ferramenta que é fruto do próprio processo histórico. Considerando estes aspectos Magiolino e Smolka (2010) afirmam:

:

A compreensão do impacto da utilização dos instrumentos técnicos na escola, desde os mais primários como o giz, o lápis e o papel, até as novas tecnologias da (in) formação, nos leva a indagar sobre o que os homens fazem com os instrumentos e também o que os instrumentos fazem com os homens, “afetando e transformando as práticas sociais” (MAGIOLINO E SMOLKA, 2010, p. 39).

A tecnologia em si, não é maléfica, pois é fruto do desenvolvimento humano. Portanto, é conhecimento humano, produzido coletivamente. No entanto, seus benefícios não se estendem a todos, pois são apropriados por grupos hegemônicos. Como resultado, a maioria não tem acesso e aumenta a exclusão e a desigualdade.

Sempre atento às transformações históricas, Paulo Freire nos alerta para esse tempo altamente tecnológico e o cuidado que deve ser tomado em relação ao uso das (novas) tecnologias. Segundo Freire (1996):

Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo (FREIRE, 1996, p.33-4).

Paulo Freire não deixa de criticar o pragmatismo dos neoliberais e pós-modernos presente hoje na educação, que se preocupam somente com a formação técnica, devido à exigência de “decisões rápidas”, e termina por se voltar contra os menos favorecidos, deixando de lado a criticidade e o horizonte formativo do educando. “Para nós progressistas, não há como pensar numa preparação técnica em si mesma, que não se pergunte a favor de que, de quem e contra quem se trabalha” (1995, p. 40, 41). A globalização e os avanços tecnológicos não podem pôr fim à luta e transformar a educação em pragmatismo e adaptação. Pelo contrário, devem tornar-se “constatação crítica e rigorosa dos fatos” que possibilite a intervenção no mundo (FREIRE, 2000, p. 42).

A obra de Paulo Freire consegue dialogar com todas as áreas do conhecimento porque ele propõe uma formação integral, autônoma e livre para que o ser humano seja capaz de conquistar sua dignidade e de compreender a sua existência dentro do seu

contexto histórico; que ele seja capaz de compreender suas lutas, descobrir suas aptidões e entender o seu valor. A tecnologia é a ferramenta mais avançada disponível para a luta no contexto atual, mas para Paulo Freire é preciso ter cuidado para que essas ferramentas não aprofundem ainda mais a exclusão e a desigualdade.

Dada a sofisticação da tecnologia no momento presente, a atenção para com sua utilização deve ser prioridade nas políticas educacionais e na prática pedagógica. Paulo Freire não se posiciona em nenhum momento contra a tecnologia, mas ele chama a atenção para o problema da desigualdade quanto ao acesso e quanto aos perigos que a sua má utilização pode causar em relação à prática da educação libertadora e crítica. Ele questiona se “a ética do mercado que prevalece hoje com ares de vencedora imbatível nos discursos e na prática político-econômica neoliberais se instalou para sempre contra a ética universal do ser humano” (FREIRE, 2000, p.49).

A valorização da experiência é um princípio da teoria freireana. Ele a considera fundamental para o desenvolvimento do conhecimento científico. Diante do desenvolvimento tecnológico e uma educação cada vez mais mecanicista e acrítica, Freire (1995) escreve:

Não sou um ser no suporte mas um ser no mundo, com o mundo e com os outros; um ser que faz coisas, sabe e ignora, fala, teme e se aventura, sonha e ama, tem raiva e se encanta. Um ser que se recusa a aceitar a condição de mero objeto, que não baixa a cabeça diante do indiscutível poder acumulado pela tecnologia porque, sabendo-a produção humana, não aceita que ela seja, em si, má (FREIRE, 1995, p.22).

De acordo com Paulo Freire, com uma educação libertadora, problematizadora, é possível superar os desafios do nosso tempo e possibilitar uma formação integral através do diálogo, do respeito pelo ser humano, da valorização de sua cultura e de sua experiência, do seu saber feito, para promover o desenvolvimento de uma consciência crítica e a compreensão da realidade, assim como a possibilidade de intervir para sua transformação.

Com relação às possíveis contribuições de Paulo Freire quanto à presença das (novas) tecnologias na educação, esta pesquisa possibilitou uma breve análise do modelo de educação bancária e a educação tradicional, sobretudo no contexto atual de acelerado desenvolvimento das tecnologias digitais e a necessidade de adaptação aligeirada à nova realidade mediada pelas (novas) tecnologias.

Os desafios enfrentados pelos educadores devido à expansão cada vez mais veloz e a (de)formação para lidar com as novas ferramentas são pontos importantes a se pensar através da proposta pedagógica de Paulo Freire a respeito da necessidade de uma formação crítica e reflexiva. O professor que se comprometa com a pedagogia freireana deve assumir uma postura radical e se posicionar politicamente a favor de uma educação libertadora.

A práxis, a coerência entre teoria e prática, a dialogicidade, a valorização da cultura do educando são conceitos fundamentais na pedagogia freireana. Pensar o uso das (novas) tecnologias e os riscos de que o acelerado desenvolvimento tecnológico seja um recrudescer de desigualdades é uma preocupação constante na obra de Paulo Freire.

Com uma educação cada vez sucateada, pragmática e tecnicista voltada para o mercado de trabalho, o desenvolvimento tecnológico pode se tornar uma ameaça ao desenvolvimento das potencialidades humanas, conforme alerta o educador.

Paulo Freire vê a educação como ato político. Em um país com graves problemas estruturais, em que o povo sempre foi apartado dos processos históricos e sem uma consciência política e democrática, a educação é a mais importante ferramenta de transformação social. O pragmatismo e a formação técnica são críticas constantes de Paulo Freire. Segundo o educador, a exigência por uma formação aligeirada sempre se volta contra os oprimidos.

Cap. 1- A educação segundo Paulo Freire

A proposta de educação de acordo com Freire, que percebe a necessidade de uma formação crítica para a compreensão da realidade e a capacidade de intervenção do homem na sociedade em que vive, constituem a base deste trabalho. A compreensão das novas tecnologias na educação e o uso crítico dessas ferramentas é necessário para que elas possam ser um instrumento de transformação social. O desenvolvimento tecnológico, associado ao modelo de educação bancária vigente em nossa sociedade, pode ser um colaborador na manutenção das desigualdades e da alienação.

A alienação (do alemão *Entfremdung*, também traduzido como afastamento) exprime sobretudo a ideia de algo que está separado de outra coisa ou que é estranho a

essa coisa: estar alienado de si na medida em que não se pode compreender ou aceitar a si mesmo; o pensamento está alienado da realidade, pois a reflete de forma inadequada. É um conceito fundamental nas obras filosóficas de Hegel, Feuerbach e Marx, bastante abordado por Paulo Freire e será visto ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Em Hegel, o progresso para o absoluto (Deus, ou o início e o fim) consiste num crescimento da autoconsciência, que é um processo de "desalienação" por meio do qual aquilo que está separado e falsamente objetivado recupera sua unidade através da autocriação e da autoconsciência. Para Feuerbach, pelo contrário, abandonam-se os aparatos absolutistas da alienação hegeliana e o conceito é substituído pelo de autoalienação, uma condição a ser superada pela autoconsciência que, por sua vez, é o resultado da relação apropriada com nossos produtos e atividades. Já em Marx, a alienação é econômica e social: o proletariado só tem como bem sua força de trabalho; o trabalhador é completamente alheio ao produto final e, por consequência, do valor agregado ao bem a partir de seu trabalho no sistema de produção capitalista. Entretanto, é pelo trabalho que, ao longo da história, o indivíduo se humaniza, domina e transforma a natureza a favor de suas necessidades (GREGÓRIO, 2010).

Consciente de sua missão como educador, Paulo Freire tinha o amparo de uma sólida cultura e postura intelectual e humanista elevadas para a sua prática pedagógica e a elaboração de sua obra. Para ele, a missão do educador é ouvir mais do que falar, buscando entender o outro, compreender sua realidade, as formas de recuperar sua dignidade perdida com as injustiças sociais e a desumanização pelas quais os oprimidos passam. Segundo o educador “constatar essa preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como realidade ontológica, mas como realidade histórica” (FREIRE, 1987, p. 16)

Paulo Freire desenvolveu seu trabalho como educador em um momento no qual a sociedade brasileira passava por um importante processo de transição: de sociedade fechada, alienada e com o homem brasileiro reduzido a coisa, para a busca por uma nova sociedade, em que o homem pudesse se tornar sujeito de sua própria história: “Sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência dessa minimização, era mais “coisa” que homem mesmo”(FREIRE, 1967, p.35). Em sua tese de concurso para a cadeira de história e filosofia da educação na antiga Escola de Belas artes de

Pernambuco, em 1959, *Educação e atualidade brasileira*, “encontram-se as primeiras orientações de Paulo Freire em seus estudos sobre as relações entre o homem, a educação e a sociedade” (BEISIEGEL, 2010, p. 29). Em *Educação e atualidade brasileira*, Paulo Freire ressalta a importância de uma educação conscientizadora e as relações entre educação e humanização, assim como o comprometimento do homem com a sua realidade.

O livro *Educação como prática da liberdade* foi concluído no Chile, em 1965, e se divide em quatro capítulos: 1. A sociedade brasileira em transição; 2. Sociedade fechada e inexperiência democrática; 3. Educação versus massificação; e 4. Educação e conscientização (BEISIEGEL, 2010, p.77). Neste trabalho, Paulo Freire faz uma avaliação crítica sobre as experiências realizadas no Brasil, enfatizando os temas sobre educação e o diálogo como um exercício de reflexões críticas sobre as condições das classes populares, a formação para o exercício da cidadania e as relações entre educação e liberdade (BEISIEGEL, 2010).

O início da década de 60 foi marcado por intensas atividades na vida social do país. Eram momentos de grandes transformações e um período de organização e sistematização da educação. Conforme Paulo Freire escreve em *Educação como prática da liberdade* (1967): “nesse momento dividiam-se os homens e as instituições, num sentido amplo, que comportava categorias intermediárias, em reacionários e progressistas” (1967, p. 49). A concepção de educação de Paulo Freire começa a ser desenvolvida no momento em que implicava a participação política do povo através do voto, a urbanização, a necessidade do domínio da escrita e da leitura para as pessoas que chegavam às cidades, vindos do campo. Segundo Beisiegel (2010)

No campo da cultura e da educação popular, a notável criatividade que caracterizou esse período exprimiu-se, entre outros acontecimentos significativos, na criação de empreendimentos como o Movimento de Educação de Base (MEB) da CNBB, os Centros Populares de Cultura (CPCs), a campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e o Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife. (BEISIEGEL, 2010, p. 39)

A concepção de educação de Paulo Freire procurava realizar tudo aquilo que ele defendia como uma educação condizente com as exigências da sociedade brasileira, “comprometida com o desenvolvimento, a formação de uma consciência crítica e a construção de personalidades democráticas”. (BEISIEGEL, 2010, p.39). Segundo Freire, o ponto de partida para a transição da sociedade foram “os choques entre algo

que se esvaziava e pretendia preservar-se e algo que emergia e buscava plenificar-se” (FREIRE, 1967, p.65).

Estruturas desfavoráveis desde o início de nossa formação histórico-cultural, considerando que, de acordo com Freire, o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas, uma sociedade antidialógica, escravocrata, identificada como uma sociedade inexperiente democraticamente. Na definição de Freire (1995):

Minha terra é a coexistência dramática de tempos díspares, confundindo-se no mesmo espaço geográfico – atraso, miséria, pobreza, fome, tradicionalismo, consciência mágica, autoritarismo, democracia, modernidade e pós-modernidade. Um país de contrastes (FREIRE, 1995, p. 26).

Paulo Freire define essa análise como uma “ausência, no tipo de formação que tivemos daquelas condições necessárias à criação de um comportamento participante, que nos tivesse levado à feitura de nossa sociedade, com “nossas próprias mãos”” (FREIRE, 1967, p. 66). Colônia de exploração desprezada pelos colonizadores que nunca tiveram a intenção de estabelecer uma civilização na terra descoberta, interessando-lhes apenas a exploração comercial, associados à escravidão do negro e do índio, tornaram a experiência democrática inviável (FREIRE, 1967).

Sem projetos de povoamento e entregue às mãos de aventureiros cujo objetivo era explorar suas riquezas e retornar a Portugal para desfrutar de suas conquistas, Paulo Freire aponta registros do desprezo do colonizador: “ em uma das suas cartas, Nóbrega reclama contra esse desamor à terra e o gosto de enriquecerem e logo voltarem a Portugal, onde deixavam afeição” (ibid. p.68).

Presenteados por Portugal com grandes quantidades de terras, os moradores tinham a proteção de seus senhores e aprendiam desde cedo a obedecer, temer e serem submissos, estabelecendo assim as bases da nossa cultura, conforme análise de Paulo Freire (1967):

aí se encontram, realmente, as primeiras condições culturoológicas em que nasceu e desenvolveu no homem brasileiro o gosto, a um tempo de mandonismo e de dependência, de “protecionismo”, que sempre floresce entre nós em plena fase de transição (FREIRE, 1967 p.69).

Logo é possível, através da história de nossa colonização, perceber o espírito de subserviência e acomodação, a falta de experiência democrática, o medo de se

posicionar e exigir seus direitos e de se indignarem com as injustiças. Paulo Freire distingue nesse modelo de sociedade o opressor e o oprimido. A estrutura de uma sociedade fechada e “sem povo”, antidialógica, decorre do próprio processo de colonização. O homem esmagado pelo poder é uma constante na vida do brasileiro, do início de nossa formação social e cultural até os dias atuais. Freire (1967) avalia sua formação inicial:

Em verdade, o que caracterizou, desde o início, a nossa formação foi, sem dúvida, o poder exacerbado. Foi a robustez do poder em torno de que foi se criando um gosto quase masoquista de ficar sob ele a que correspondia outro, o de ser o todo poderoso. Poder exacerbado a que foi se associando sempre submissão. Submissão de que decorria, em consequência, ajustamento, acomodação e não integração (FREIRE, 1967, p.74).

A nossa inexperiência democrática, na visão de Paulo Freire, está diretamente relacionada com o isolamento da colônia, destinada somente a atender aos interesses da Corte, ou seja, é um problema estrutural desde as bases da colonização. A ausência da participação do homem comum na vida política do país fez emergir a classe dos homens privilegiados. Sem experiência democrática, o homem comum é silenciado e acostumado a viver sob o autoritarismo e a opressão.

Diante das forças contraditórias enfrentadas pelos progressistas, em oposição aos reacionários, Paulo Freire apresenta o homem radical, cujo conceito se desenvolve de forma mais abrangente em *Pedagogia do oprimido*. Freire (1967) afirma:

O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas aceita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar seu oponente. (FREIRE, 1967, p.49).

Por outro lado, o sectário, com posicionamentos conservadores, antidialógico e com forte apelo para atitudes extremas e emocionais, desejosos de manter o *status quo* e fechados para a mudança, “pretende a todos impor a sua, que não é opção, mas fanatismo” (ibid. p. 50). Sentem-se amedrontados com a possibilidade da renovação e a quebra de seus conceitos cristalizados e a perda de seus privilégios.

A exploração do povo se dá através de um número pequeno de privilegiados que autorizam a opressão e assim quer que permaneça, aprofundando cada vez mais a desigualdade e a exploração. Uma sociedade que, mesmo com recursos tecnológicos extremamente avançados, estes passam a servir de “armas” para manter a sociedade

em uma forma velada de escravidão material e psicologicamente. Manzi (2020) atualiza o pensamento freiriano:

O que temos hoje no Brasil (1997), na era da globalização, é ainda o produto daquele velho projeto autoritário: a gente brasileira, condenada à desigualdade, com a pior distribuição de renda do mundo, é o país que vibra unido na integração imaginária: na Copa do Mundo, no final da novela, na morte do ídolo do automobilismo, na ‘festa cívica’ das eleições presidenciais (BUCCI apud MANZI, 2020, p. 35).

São forças reacionárias contra a transformação da sociedade que, ainda com a mentalidade colonialista, latifundiários, “antidialógicos” que temem a abertura da sociedade e impõem a passividade através de soluções assistencialistas, reatualizam as raízes brasileiras patriarcais e paternalistas. “O assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação que rouba ao homem condições à consecução de uma das necessidades fundamentais de sua alma – a responsabilidade” (FREIRE, 1967, p. 57). Conforme Paulo Freire, o assistencialismo promove a domesticação e a passividade, impedindo o homem de assumir sua responsabilidade e tomar decisões.

Na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine. Para isto se servem da concepção e da prática “bancárias” da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de “assistidos”. (FREIRE, 1987, p. 39)

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, depois de mais de 200 anos de exploração da colônia e dos desmandos dos colonizadores, ocorreram algumas reformas e aumentou o desenvolvimento das cidades. Com isso, foi criada a biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, a imprensa, escolas e o ensino técnico. O poder do patriarcado rural é transferido para as cidades, mas o homem comum continua excluído da vida política. A europeização do Brasil aumentou ainda mais com o desenvolvimento das cidades, quando os filhos dos donos das terras iam fazer seus estudos na Europa. A opressão dos africanos escravizados, os indígenas e servos tornou-se cada vez mais aguda com o desenvolvimento urbano, aprofundando ainda mais o desconhecimento da realidade e a distância entre as classes populares e as elites. Freire (1995) considera que:

De fato, a necessidade de decidir com rapidez faz parte das sociedades em que a informação e a comunicação se aceleram. O problema fundamental dos centros de poder está em como produzir uma criticidade tão especializada que só decida em favor da verdade dos fortes e opressores, negando a verdade dos fracos (FREIRE, 1995, p.26).

Com isso, a alienação cultural e a exportação dos modelos democráticos e culturais continuaram aumentando nossa inexperiência democrática e o “desconhecimento da realidade” (FREIRE, 1967).

Ao criticarmos a educação inadequada às novas condições do processo brasileiro, estamos advertidos do fato de não dever ser encarada a educação ingenuamente, como algo milagroso, que por si fizesse as alterações necessárias à passagem da sociedade brasileira de uma para outra forma. (ibid., p. 88).

Este modelo de colonização não oferecia meios para que o povo adquirisse uma “consciência popular democrática”. A educação jesuíta, a ausência de instituições democráticas, o costume de obedecer e a cultura do silêncio, avessa ao diálogo, impediram esse exercício democrático, com o povo sempre “à margem dos acontecimentos”. “O povo assistiu à proclamação da República “bestificado”. Foi a afirmação de Aristides Lôbo, repetida por todos. Bestificado vem assistindo aos mais recentes recuos do processo brasileiro”, relata Paulo Freire (ibid., p.82).

Grandes são os recuos ocorridos em momentos em que importantes transformações sociais germinavam com a abertura da sociedade. O Golpe Militar conduzido entre 31 de março e 2 de abril de 1964 foi uma conspiração realizada pelos militares contra o governo de João Goulart. O conchavo contra esse presidente aconteceu por conta da insatisfação das elites com os projetos realizados nesse governo, período no qual Paulo freire foi exilado no Chile; momento em “que a posição anterior de autodesvalia, de inferioridade, característica da alienação, que amortece o ânimo criador dessas sociedades e as impulsiona sempre às imitações, começa a ser substituída por uma outra, de autoconfiança” (FREIRE, 1967, p.53).

De acordo com Freire, a despolitização sempre foi interesse das classes dominantes. O aspecto mais grave em relação ao desenvolvimento da sociedade é o sectarismo das elites que se estende à classe média, voltando-se contra o povo que os faz se sentir ameaçados, mantendo-os sob domínio para impedir sua emersão. Com o acirramento da luta para a transição, Paulo Freire começou a desenvolver sua proposta de uma mudança na educação capaz de educar para “a decisão, a responsabilidade social e política” (FREIRE, 1967, p.88).

Paulo Freire compreende que nesse momento de transição pelo qual passava a sociedade na década de 60 com o processo de urbanização e a necessidade de uma nova

consciência, a educação exercia papel fundamental na transformação social e no processo de conscientização. Freire (1967) explica que:

O que teríamos de fazer, uma sociedade em transição como a nossa, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, era tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva do pensamento. (FREIRE, 1967, p. 106).

Ele fala também de uma elite totalmente afastada das massas, com modelos importados e culturalmente alienada. Uma sociedade fechada, “sem povo”, autoritária e sem diálogo. Paulo Freire percebe a urgência de se efetivar uma educação corajosa capaz de ‘empoderar’ o povo para a conquista dos seus direitos e a ocupação dos espaços na sociedade. Assim, Freire (1967) propõe um processo dinâmico:

Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-lo a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável a humanização do homem brasileiro, não poderia ser feito pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época em transição. (FREIRE, 1967, p. 57)

Paulo Freire compreende a necessidade de reformular a prática educativa para atender às novas demandas e possibilitar o desenvolvimento da nossa mentalidade democrática; uma participação crítica nos processos de democratização para que as massas sejam capazes de sair do estado de ignorância; participação esta que tornaria possível a transformação das massas em povo “capaz de optar e decidir” (FREIRE, 1967, p. 102). Ele propõe um modelo de educação popular revolucionária e fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica, democrática e libertadora da classe oprimida historicamente.

A proposta de uma educação libertadora e problematizadora vem de encontro ao tema desenvolvido neste trabalho em relação ao uso das tecnologias na educação através de seu uso crítico e consciente, devido à necessidade de se compreender as novas possibilidades que o desenvolvimento tecnológico pode proporcionar para a democratização do conhecimento e o desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade. Nossa sociedade, vítima de um processo de colonização devastador e excludente, de exploração, pode tornar-se capaz de remodelar sua história através dessas ferramentas que são fruto do trabalho humano e devem ser utilizadas a favor do desenvolvimento social. No entanto, as transformações que ocorrem na educação com a inserção das novas tecnologias demandam um olhar atento em relação à implementação

dessas novas ferramentas nas escolas. A importância da pedagogia freireana, nesse sentido, vem ao encontro do cuidado com os riscos de uma educação que se torne cada vez mais tecnicista e excludente, aprofundando a desigualdade histórica existente em nossa sociedade. As pequenas conquistas adquiridas ao longo da história tendem a sofrer grandes retrocessos caso as necessárias mudanças na estrutura social não aconteçam. A educação que se pretenda popular precisa estar atenta à utilização correta dos recursos tecnológicos para que não passem a servir de instrumento de alienação: “Neste sentido, a formação técnico - científica não é antagônica à formação dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua libertação” (FREIRE, 1987, p.90).

É possível observar na obra de Paulo Freire uma profunda preocupação com a condição humana, uma enorme ânsia de conhecimento, enorme sensibilidade e abertura às ideias de outros e profunda e consistente convicção na construção social e histórica da consciência.

Com a participação e a responsabilidade social sendo conquistada na vida da comunidade, nas associações, sindicatos, clubes, igrejas e associações beneficentes, corroborando em um clima cultural que constituía a fase de transição pela qual passava a sociedade, Paulo Freire via a possibilidade das mudanças necessárias para a superação dos atrasos e das injustiças causadas pelo processo colonizador. Freire (1987) afirma que:

[...]e o Brasil estava incontestavelmente vivendo uma fase assim, nos seus grandes e médios centros, de que, porém, se refletiam para centros menores e mais atrasados influências renovadoras, através do rádio, do cinema, da televisão, do caminhão, do avião. Fase em que, à transitividade da consciência se associava o fenômeno da rebelião popular. Sintoma por sinal, dos mais promissores da nossa vida política. (Ibid., 91-2).

A mudança de termos relativos à escola foi um dado importante na experiência de Paulo Freire com a educação de jovens e adultos para ressignificar a imagem da escola tradicional. Freire (1967) explica seu método:

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação [...]. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o *Coordenador de debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*. Em lugar de “pontos” e de programas alienados, *programação compacta*, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1967, p. 102-3).

Além dessas mudanças, outro importante elemento é a escolha das palavras geradoras a partir de expressões da realidade dos educandos adquirida através da experiência, que revelam a sabedoria popular, selecionadas as com maior riqueza fonética. Com as combinações fonêmicas e a decomposição do vocábulo, em menos de dois meses os participantes dos círculos de cultura já eram capazes de ler jornais, escrever bilhetes, cartas simples, e debater sobre os problemas relacionados aos seus interesses, sejam locais ou nacionais (FREIRE, 1967). As mudanças foram efetivadas para que fossem superados os próprios problemas de formação dos educadores, os “programas alienados”, a passividade e o modelo de transmissão. “Cuidado para não escolarizar Paulo Freire”, alerta Arroyo na live *Vida, obra e atualidade do pensamento de Paulo freire* (2020). As mudanças sugeridas por Paulo Freire eram uma forma de ressignificar a escola tradicional e romper com o modelo de transmissão. Segundo Freitas (2010)

Derrubam-se sobre os alunos informações, referentes aos conteúdos das diferentes disciplinas, que devem ser memorizadas e depois reproduzidas. Esse processo mecânico exclui a reflexão pessoal sobre o material de estudo, as possibilidades de criação e apropriação pessoal. [...] O que acontece, portanto, é uma compreensão passiva que, de acordo com Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, exclui qualquer resposta pessoal (FREITAS, 2010, p. 63).

Entretanto, romper com o ensino tradicional não significa desmerecer o lugar do professor e colocá-lo na mesma posição do educando. Apesar de ambos estarem aprendendo no processo formativo, os papéis não devem se confundir, pois o professor precisa estar apto e com sólida formação para conduzir o educando e ajudá-lo a fazer a travessia em direção ao mundo do conhecimento e da conquista de sua liberdade. Freitas fala da necessidade de se encontrar estratégias para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa na escola. “A marca de uma educação tradicional ou tecnicista ainda é muito forte nos meios educacionais”. (FREITAS, 2010, p. 63). A compreensão correta das novas tecnologias e seu uso crítico e consciente dentro das salas de aula podem permitir que elas sejam uma ferramenta importante na democratização do conhecimento e elaboração de novos saberes.

Preocupado com a educação das massas, Freire entendia que, para que ocorresse esse processo de transição da sociedade de forma que o homem pudesse se transformar de homem-objeto em homem sujeito, era necessário um profundo engajamento e “uma

ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e reflexão sobre seu tempo e seu espaço” (ibid, p. 35).

Miguel Arroyo, em comemoração aos 50 anos da *Pedagogia do Oprimido* ressalta em seu artigo *Paulo Freire ou o paradigma pedagógico* (2019) sobre a radicalidade do pensamento de Paulo Freire como um apelo para a ação política e a prática libertadora. Considerado como a principal obra de Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido* (1987) aprofunda reflexões feitas sobre a libertação dos homens em situação de opressão, a importância do diálogo nesse processo e as possibilidades conscientizadoras através de temas geradores. Arroyo escreve em seu artigo: “Para Paulo, a opressão mais brutal é não ver um ser humano como humano e segregá-lo como in-humano. Essa é a crítica radical de Paulo ao paradigma de humano –in – humano” (2019, p. 09). Arroyo questiona os cursos de formação de professores quanto à sua capacidade de fazer entender e acompanhar os educandos vítimas dos processos de desumanização. Ele questiona: “O pensamento pedagógico assume ou não a desumanização como uma produção histórica?” (Ibid., p. 11). Para o autor, o estado e seus aparelhos passaram a ser dos opressores. Dessa forma, as políticas de escolarização perdem seus sentidos. É preciso repensar a função social, política, pedagógica das escolas para que sejam espaços de proteção de vidas ameaçadas de extermínios, afirma Arroyo (2019).

Desde o processo de colonização, indígenas e negros foram colocados à margem do processo e decretados como “in-humanos” para justificar as injustiças, desapropriação de terras, exploração, classificação de diferentes grupos étnicos e culturas decretadas como inferiores como justificativa de exclusão. O que Paulo Freire propõe em sua pedagogia é a integração desses sujeitos na sociedade da qual foram excluídos e a valorização de suas culturas. Conforme Freire, “aqueles que se comprometem autenticamente com o povo é indispensável que se revejam constantemente. Essa adesão é de tal forma radical que não permite a quem a faz comportamentos ambíguos” (1987, p.27).

Tanto Freire quanto Arroyo propõem outro paradigma na formação de docentes. Em um país onde as elites permanecem estranhas às questões do país com a permanência no poder e a manutenção dos privilégios, as questões relacionadas à opressão são levadas ao nível de extermínio.

Os educadores que pretendem assumir o compromisso de contribuir com a transformação dessa realidade devem buscar emancipar-se, libertar seu pensamento da tradição que exclui esses sujeitos e levar para as escolas discussões que desmistifiquem os processos de colonização, os estereótipos e os preconceitos.

É preciso buscar mediações que intervenham nos processos de extermínio de vidas e culturas consideradas inferiores, o desmonte de escolas e os interesses do dominador. “A diversidade étnico-racial convertida em padrão de superioridade/inferioridade humana, intelectual, cultural, moral tem sido, em nossa história, um dos mecanismos pedagógicos mais perversos e persistentes” (ARROYO, 2019, p.8). São estratégias utilizadas para a exploração do trabalho e a extinção de culturas, assim como justificativa para as políticas de extermínio, ao considerarem os explorados inadequados para o sistema. Com a inserção das novas tecnologias na educação e a forte presença dos celulares nas salas de aula, a necessidade de uma formação crítica e consciente sobre sua utilização é um elemento fundamental para uma adequação favorável no processo formativo para que o avanço tecnológico não se torne um poderoso elemento de exploração, exclusão e alienação. Freitas (2010) aborda as formas de aprendizagem:

Para se adequar às necessidades contemporâneas que pedem novas formas de aprendizagem, especialmente àquelas relacionadas ao uso do computador e da internet, a formação inicial e continuada de professores precisa instaurar a reflexão sobre o papel mediador do professor na preparação dos alunos para o pensar. (FREITAS, 2010, p. 67).

O sujeito explorado e oprimido deixa de se reconhecer no processo de produção, tornando-se alienado. De acordo com Marx, “a sua atividade vital é para ele, portanto, apenas um meio para existir. Trabalha para viver. Ele nem sequer considera o trabalho como parte de sua vida, é antes um sacrifício da sua vida” (1982, p.10). Para Paulo Freire, reconhecer-se como produtor de cultura e se reconhecer nela é importante para o processo de mudança e transformação. Para que esse movimento ocorra, é fundamental o diálogo e a valorização dos diferentes saberes.

O movimento do local para o universal é considerado pelo educador como fundamental para a valorização de si e do outro e na formação de uma consciência capaz de apreender criticamente uma realidade particular. Daí a importância que o autor concede à cultura local no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o conhecimento se constrói nas relações interpessoais. “Portanto, o sujeito do

conhecimento, para Vigotski, não é apenas ativo, mas interativo. A construção individual é o resultado das interações entre indivíduos mediados pela cultura”. (FREITAS, 2010, p. 65).

Freire propõe o uso de técnicas simples para a construção do diálogo começando com perguntas simples sobre o tema para reflexão e levantamento dos conhecimentos prévios a partir da história do educando, partindo do particular para o geral nos processos de contextualização para a ampliação dos conhecimentos: Freire (1987) propõe a técnica da problematização:

A prática problematizadora propõe ao homem: sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la (FREIRE, 1987, p. 42-3).

Através e a partir do diálogo e uma prática problematizadora, o educador é um colaborador que oferece os instrumentos necessários para a alfabetização, a formação crítica, a conscientização e a transformação da realidade: “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (FREIRE, 1987, p. 31).

Em evento online e digital realizado em 3 de maio de 2021, Paulo Roberto Padilha e Carlos Rodrigues Brandão homenagearam a presença e a memória de Paulo Freire, juntamente com Moacir Gadotti, fundador e atual Presidente de honra do Instituto Paulo Freire, em comemoração ao centenário do nascimento do educador completado em 19 de setembro de 2021.

Gadotti (2021) conta que, desde o início, Paulo Freire tinha em mente mais que um projeto de alfabetização, mas um projeto de sociedade com uma educação popular como política pública, projeto este interrompido pela “brutalidade” do golpe militar de 64, vinte e cinco anos depois retomado quando Paulo Freire assume o cargo de secretário da educação da prefeitura de São Paulo, na gestão de Luíza Erundina em 1989.

Segundo Gadotti, (2021) educação popular nos moldes elaborados por Freire tinha um sentido muito mais amplo que a educação de jovens e adultos; trata-se de um

projeto de escola pública e educação popular como política pública, que fosse sobretudo uma escola participativa capaz de criar laços de solidariedade. “A educação substantivamente democrática jamais separa o ensino dos conteúdos do desvelamento da realidade” (ibid., 2021). Acusado de não respeitar a norma culta, Paulo Freire teria respondido aos seus críticos: “nenhuma aprendizagem significativa é feita sem o respeito aos saberes prévios do educando” (FREIRE apud GADOTTI s. p., 2021).

Brandão (2021) por sua vez diz que Paulo Freire é citado mais de 500 mil vezes em teses e dissertações. Citado não apenas na área de educação, mas em diversas outras áreas do conhecimento, como serviço social e medicina, onde Paulo Freire é lido “assustadoramente”.

Para Brandão, (2021) a questão não é “qual o legado de Paulo Freire, ” mas “por que Paulo Freire”? Segundo ele, Paulo Freire nunca deixou de ser lido por todos os níveis culturais desde que começou a escrever na década de 1960, desde a faxineira até doutores, de camponeses do MST até estudiosos do mais alto nível da Europa. A presença de Paulo Freire é constante e sua leitura é feita para captar algo para o presente. Segundo ele, o alcance de Paulo Freire é espantoso. De acordo com Brandão (2021), Paulo Freire se personificou. Do alcance de Einstein, Che Guevara ou Nelson Mandela, que se tornaram personagens que todos conhecem, tão plural e tão presente o seu legado. Sua potência e ao mesmo tempo sua suavidade o destacam entre tantos outros teóricos e em tantas áreas do conhecimento ao longo do mundo inteiro (BRANDÃO, s. p. 2021).

Gadotti diz que o ato de escuta era um ato político em Paulo Freire, que nunca interrompia uma fala ou se impacientava em ouvir. Essa era uma atitude permanente nele. Paulo Freire vivia a democracia que ele sonhava e dava exemplo disso (GADOTTI, 2021).

Gadotti questiona: “será que o mundo será como Paulo sonhou em comemoração ao seu bicentenário? Menos difícil de amar?” Ele mesmo responde: “não estaremos lá pra ver, mas depende do que e como estamos fazendo hoje” (2021 s. p.). Com a revolução tecnológica cada vez mais acelerada e a sua inserção nas escolas, a educação sofre transformações para as quais são necessários olhares atentos e comprometidos com seus efeitos no processo educativo a respeito dos riscos de uma educação tecnicista e aligeirada que possa comprometer a formação para a liberdade e a autonomia do

educando e do educador, ambos constantemente em processo de aprendizagem. Dessa forma, a pedagogia freireana é importante meio de reflexão e possibilidade de entender as transformações de forma que a educação possa se utilizar dessas novas tecnologias a favor do conhecimento e da superação do modelo passivo de transmissão, possibilitando a formação necessária para o movimento de transformação social.

Com a inserção das novas tecnologias no processo educativo, o professor torna-se mediador ao utilizar as ferramentas tecnológicas tanto para ampliação do saber do aluno quanto para a sua conscientização em relação às suas inúmeras possibilidades e até mesmo suas armadilhas e limitações. Segundo Freitas (2010, p. 58) “o computador e a internet não garantem a inovação no processo de aprendizagem escolar. Tudo depende da mediação do professor, que torna eficazes as duas outras mediações: a técnica e a simbólica”. A adesão apaixonada pode também trazer consequências severas à formação, tendo em vista que a busca por reflexão é o caminho que deve ser percorrido para uma formação mais integral.

Para que o modelo interativo possa ocorrer e resultar em uma comunicação efetiva, a ação do educador é primordial. É necessário que ocorra o rompimento com o modelo tradicional e passivo e que a curiosidade e a participação do aluno sejam instigadas. O educador dispõe de novos meios para desenvolver sua prática e necessita também buscar e utilizar novos métodos. Freitas (2010) propõe a abordagem de novas formas de leitura.

No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa e enquanto lê/escreve, novos fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização de bases de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença). Outros tipos de comunicação afetam os usuários por vários canais sensoriais, combinando texto, imagem, cor, som, movimento. Trata-se de uma nova modalidade comunicacional absolutamente diferente possibilitada pelo digital: a interatividade. (FREITAS, 2010, p. 62-3).

Existem inúmeras possibilidades de usarmos as novas tecnologias a favor do processo de ensino-aprendizagem, de modo a permitir que o aluno se torne mais interessado e as aulas mais dinâmicas e interativas com a mistura de diversas linguagens “mixadas numa mesma mensagem, construindo significados, carregando representações, difundindo símbolos” (BELLONI, 2002 p.123). Considera-se “tecnologias de informação e comunicação” (TIC’s) as seguintes mídias: televisão e suas variantes (videocassete, DVD, antena aberta, por assinatura), jogos de vídeo

(videogames) e de computador, máquinas fotográficas e filmadoras de vídeo, Ipod, MP3, telefones celulares e redes telemáticas.

Dentre essas diversas possibilidades de usar a tecnologia no processo educativo, pode-se citar o compartilhamento do universo de cada aluno como uma experiência única, sensibilizando seu olhar sobre a realidade, estreitando a relação com o outro e valorizando os saberes e as práticas de cada um e buscando compreender a sociedade na qual está inserido. Observar as vidas e histórias vividas por aqueles que nos rodeia nos estimula a aprender com suas experiências e a valorizá-las, estabelecendo assim uma relação de respeito e aprendizado que enriquece o processo educativo. Freitas (2010) fala sobre a comunicação interativa da seguinte forma:

Essa comunicação interativa apresenta-se como um desafio para a escola, que está centrada no paradigma da transmissão. Instaura-se com essa nova modalidade comunicacional, uma nova relação professor - aluno centrada no diálogo, na ação compartilhada, na aprendizagem colaborativa da qual o professor é um mediador. Computador e internet se mostram como adequados a uma concepção social de aprendizagem, que se realiza na interação (FREITAS, 2010, p. 63).

O trabalho com as novas tecnologias em sala de aula, as possibilidades de pesquisas, debates, análises e questionamentos sobre as informações que podem ser construídas, reconstruídas com o olhar de cada um, segundo diferentes perspectivas, é um exercício rico em possibilidades de desenvolvimento da sensibilidade, do direito à opinião, da criatividade e imaginação. Freitas (2010) considera positivo o uso de novas tecnologias:

A navegação pela internet é toda feita com base na leitura e na escrita. É lendo/escrevendo que interagimos com pessoas à distância através do e-mail, ou de programas de bate-papos. [...] É lendo/escrevendo que navegamos por sites de internet num trajeto hipertextual em busca de informações ou entretenimento (FREITAS, 2010, p. 62).

O impacto da tecnologia no contexto histórico-cultural é um fato concreto, mas a prática pedagógica dependerá das mediações e intencionalidades da utilização dessas ferramentas. Freitas (2010) avalia a importância da mediação dos educadores para uma boa utilização das novas tecnologias:

Computador e internet não são, por si sós, garantias de uma inovação no processo de aprendizagem escolar. Tudo depende da maneira como são usados, da mediação do professor. É essa mediação que faz toda a diferença, pois é ela que torna eficaz toda as duas outras mediações: a técnica e a simbólica. Nesse sentido, é importante considerar que é insustentável o receio de que a presença do computador e da internet na escola torne o professor

desnecessário. Ao contrário, acentua-se, cada vez mais, a importância de sua presença, de sua mediação humana. (FREITAS, 2010, p. 67).

Portanto, não é somente o aparato tecnológico que vai libertar a educação do modelo tradicional, mas a tomada de consciência de que esse modelo precisa ser reelaborado para se adaptar às novas gerações de modo a atender às novas necessidades comunicativas e de compreensão da realidade, visto que as novas formas de se comunicar sofrem um grande impacto com o advento da cultura digital. Como afirma Silva (2000)

O essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca, o professor está desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e na educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação. Como diz Edgar Morin, “Hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modo de pensamento”. A época é essa! : a era digital, a sociedade em rede, a sociedade de informação, a cibercultura (SILVA, 2000, p.15).

Paulo Freire ressalta o teor libertador de sua proposta em *Pedagogia do Oprimido* (1987) e a importância de uma constante reflexão sobre a prática pedagógica para que essa pedagogia permaneça viva, exercendo o papel para o qual ela foi forjada: promover a transformação tanto no âmbito pessoal quanto social. A importância de se adotar as novas tecnologias como ferramentas pedagógicas de forma dinâmica e com abordagens críticas e criativas possibilita à escola compensar as desigualdades de acesso e de formação tanto em relação à cultura escolar quanto à desigualdade de acesso às máquinas. Freitas (2010) vê os computadores como instrumentos especiais:

[...]Computador e internet são instrumentos construídos pelo homem que não se configuram como meras máquinas. Eles vão muito além disso. São de fato mediadores do conhecimento enquanto ferramenta material, mas, principalmente, são mediadores do conhecimento, enquanto um instrumento simbólico, e permitem a mediação com o outro. Computador e internet abrem novas possibilidades de aprendizagem por permitirem o acesso a uma infinidade de informações, pelas formas de pensamento que são por ele potencializados, pelas interações possibilitadas e pela interatividade que proporcionam. Portanto, eles possibilitam a construção compartilhada de conhecimento, via interatividade, de que fala Vigotski. Estimulam novas formas de pensamento no enfrentamento com a hipertextualidade neles presente pela interrelação de diversos gêneros textuais expressados por diversas linguagens (sons, imagens estáticas e dinâmicas, textos). A plasticidade interativa própria das tecnologias digitais trazidas pelo computador e pela internet permite, ainda, a construção de diversos percursos

de aprendizagem através da atividade do sujeito que interage com o outro e com o objeto do conhecimento. (FREITAS. 2010 p. 67).

Ira Shor, professor estadunidense, e Paulo Freire, falam sobre a hierarquização do conhecimento que marginaliza o uso da tecnologia nas Ciências Humanas, enquanto nas Forças Armadas, ela é considerada mais importante, conforme exemplo citado pelos autores em *Medo e Ousadia* (1992). A falta de incentivo ao uso dos recursos tecnológicos e a formação adequada para a sua inserção na educação inviabiliza o acesso e a compreensão crítica dessas novas formas de comunicação. Portanto, a correta utilização desses recursos e uma postura crítica da realidade e do uso dessas ferramentas é importante e pode contribuir com a formação de sujeitos críticos e curiosos. Freitas (2010) considera que as novas tecnologias possibilitam uma maior interação neste sentido ele afirma:

Se não se der voz ao aluno, se ele não tiver condições e espaço para dizer, impede-se seu processo de compreensão ativa. Aliás, esta supõe, de acordo com Bakhtin, uma interlocução, uma interação verbal na qual há sempre um falante e um ouvinte que se alternam e que se engajam em um processo discursivo dialógico. Nesse processo, que permite a contrapalavra, a argumentação, é que se torna possível uma aprendizagem, a qual se organiza em novas formas de pensar a partir dos objetos de estudo. Essa ideia de Bakhtin, de uma situação compartilhada que favorece a aprendizagem, é defendida também por Vigotski, em *A formação social da mente*. [...]. Para ele, só há aprendizagem quando a pessoa internaliza o que já foi experienciado externamente, apropria-se, isto é, torna próprio o que foi construído com o outro. Nesse processo, segundo Bakhtin, em *A Estética da criação verbal*, as palavras alheias tornam-se palavras minhas, perdem as aspas (FREITAS, 2010, p.63-4).

Ira Shor e Paulo Freire (1992) discutem ainda sobre a adoção de uma nova postura do educador que se pretende libertador, pois os alunos estão acostumados à transmissão do conhecimento. O educador progressista compreende que esse modelo não possibilita uma formação crítica devido às situações em que o conhecimento é transferido aos educandos de forma estática, onde o educando recebe de forma passiva os conhecimentos que lhe são transmitidos e já estão habituados a esse modelo. Mesmo entre os educandos, uma nova postura do educador pode causar estranhamento. Conforme os educadores é preciso assumir o risco de experimentar e propor novas formas de lidar com o conhecimento para possibilitar a formação crítica e consciente. Segundo Freitas (2010):

Hoje, não são mais os cartões telefônicos que se carregam nos bolsos. São os celulares multifuncionais, que carregam textos, fotos, música, dicionário,

catálogo, mapas. Os usos das tecnologias são rapidamente incorporados, enquanto parecem ser cada vez mais ignorados e distanciados os conhecimentos que as viabilizam, as produzem, as sustentam. (FREITAS, 2010, p. 39).

O diálogo entre a escola e a sociedade é fundamental para esse processo de formação e transformação. Paulo Freire afirma que a mudança é possível desde que imbuída de sonho, *Utopia*, “lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do sonhador” (2010, p. 26).

Portanto, a compreensão das novas tecnologias como instrumentos de transformação e o comprometimento com uma formação crítica para o desenvolvimento da consciência são pilares para a mudança na estrutura geral da escola. Com uma educação crítica e uma forma mais ativa de lidar com o conhecimento, os educandos poderão tornar-se agentes de transformação capazes de intervir na realidade, conforme propõe Freire em sua pedagogia para a autonomia e a conquista da liberdade.

Neste item do primeiro capítulo foram abordadas algumas das características da nossa sociedade e seus processos de formação que resultou em uma sociedade desigual, antidemocrática e antidialógica. Uma sociedade com espírito de subserviência e acomodação e incapaz de se posicionar diante das injustiças, como nos mostra Freire. Com a proposta de uma educação através do diálogo e da valorização da cultura do educando, é possível, de acordo com Paulo Freire, romper com essas estruturas e transformar a sociedade. A mudança de paradigma na formação dos docentes é um passo fundamental para que se possa compreender melhor esse modelo de sociedade e nos comprometer com a transformação das estruturas estabelecidas, através da proposta de uma educação problematizadora e libertária como propõe Freire. O uso crítico e consciente das novas tecnologias, assim como a sua democratização, pode torná-las um instrumento a favor do processo de transformação necessário para a construção de um novo modelo de sociedade, mais inclusivo e mais justo. Com a inserção das novas tecnologias no processo educativo, é importante estar atento para que essas novas ferramentas sejam um instrumento a favor da educação e da transformação social.

Paulo Freire critica a transmissão passiva de conteúdos na educação e alerta para a necessidade de um compromisso com a formação de sujeitos capazes de dialogar e pensar criticamente a realidade. O educador progressista é aquele que assume o compromisso de transformar a realidade dos excluídos do processo histórico para que estes possam assumir o seu papel de sujeitos na sociedade em que vivem e assim, serem

capazes de transformá-la.

A sociedade brasileira, vítima de um processo de colonização devastador, necessita de uma educação comprometida com o rompimento dessas estruturas. A elite brasileira, interessada em manter a exclusão e a exploração para assegurar seus privilégios, sempre foi avessa ao processo de democratização dos bens materiais e culturais. Segundo Freire, a despolitização é um recurso utilizado para a manutenção dos privilégios de alguns e da desigualdade da maioria.

A educação segundo Paulo Freire, pressupõe uma formação crítica para a compreensão e transformação da realidade, sobretudo com o acelerado desenvolvimento tecnológico, em que a sociedade se torna cada vez mais complexa, e o risco de recrudescimento das desigualdades se torna cada vez maior. Paulo Freire entende que, com a sociedade cada vez mais complexa, o desenvolvimento intelectual é fator essencial para o desvelamento da realidade e a transformação social.

O modelo de educação de Paulo Freire se propõe a promover uma mudança que seja capaz de educar para a responsabilidade social e política. Para que esse modelo se efetive, é necessária uma profunda mudança em relação ao modelo de educação vigente, através de uma resignificação da prática educativa. Com o advento da tecnologia digital, sua compreensão correta e seu uso crítico torna-se fator essencial para a prática libertadora. Para Paulo Freire, não há outro caminho senão a prática problematizadora, sobretudo através do diálogo e valorização do saber e da cultura do educando.

No desenvolvimento deste capítulo, serão analisadas as características da educação bancária e da educação libertária e os impactos da cultura digital nas práticas educativas. O processo de memorização e o modelo de transmissão presente na educação bancária representam um fator de exclusão que pode se agravar ainda mais com o uso das novas tecnologias. Superar esse modelo de educação mecânica pressupõe uma mudança de atitude. A coerência entre a teoria e a prática é um fator importante na prática pedagógica que se pretende libertária, de acordo com a pedagogia freireana. Compreender a nova realidade altamente tecnológica é um fator crucial para entender o nível de desenvolvimento tecnológico em que se encontra a sociedade atual e assim, usufruir desse desenvolvimento a favor da educação popular e da transformação social através da educação.

1.1 - A educação bancária, a educação libertária e suas relações com os impactos da cultura digital

A educação bancária, segundo Paulo Freire (1987), é a mera transmissão de conhecimentos de forma mecânica em que o educador “enche” o educando de conteúdos que os recebem docilmente. É um processo de memorização que não possibilita a assimilação. Conforme o autor, “na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia” (1987, p. 33). Dessa forma o conhecimento não é transformado em saber e consequentemente deixa de fazer sentido porque não desenvolve a criatividade, não provoca, não se constitui práxis, não dialoga com a realidade do educando. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 21).

A educação bancária atende aos interesses dos opressores, que querem a manutenção do *status quo*, pois esse modelo de transmissão anula a curiosidade, a criatividade, “impondo-lhe a passividade” e assim mantém o domínio sobre os oprimidos, que se tornam impossibilitados de agir. Para Freire (1987, p. 34), essa visão favorece o opressor pois “está em preservar a situação de que são beneficiários”.

Conforme Freire, esse modelo de educação jamais conduzirá ao processo de conscientização necessário para o desvelamento da realidade e a sua transformação, pois funciona como uma forma de domesticação. O próprio educador encontra obstáculos para efetivar um modelo de educação que seja libertador devido às estruturas estabelecidas pelo poder institucionalizado. O modelo de educação imposto não pressupõe o diálogo e é historicamente um modelo de transmissão e de exclusão. Segundo Arroyo (2009)

Essa visão ainda é muito persistente na própria cultura escolar segregadora dos milhões de oprimidos, desde a infância, condenados, reprovados, porque são responsabilizados pelas desumanizações com que a história os vitima, estigmatizando-os até como adolescentes em conflito com a lei (ARROYO, 2009, p. 10- 11).

É uma forma de transmissão do conhecimento para legitimar e assegurar a manutenção do poder nas mãos do opressor, que justifica a perpetuação das desigualdades, culpabilizando as próprias vítimas dos processos de desumanização.

“Nossa educação é “verbosa, palavresca. “É sonora”. “É assistencializadora”. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes” (FREIRE, 1967. p.94).

Paulo Freire critica o verbalismo oco da educação que não provoca a mudança e ajuda a promover a manutenção do *status quo*: “educação que se perca no estéril bacharelismo, oco e vazio. Bacharelismo estimulante da palavra “fácil”. Do discurso verboso” (1967, p. 93).

O projeto de educação de Paulo Freire não se propõe apenas a superar o analfabetismo, mas a educação mecânica e a nossa inexperiência democrática que intensifica a consciência ingênua e desestimula a curiosidade e o gosto pela pesquisa. Seu projeto significa,

acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. Da criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição (ibid., p. 94).

Uma das características principais da educação bancária destacada por Freire é o posicionamento ingênuo frente aos problemas que esse modelo de educação promove: a passividade, a memorização e a ausência de uma reelaboração do conhecimento para que possa ocorrer a transformação individual e social. (FREIRE, 1967).

A mensagem de Paulo Freire é que a educação verdadeira seja “um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (ibid., p. 97).

A crítica à obra de Paulo Freire sobre a hipótese de que seu método é basista e valoriza sobretudo a cultura popular, evidencia o desconhecimento em relação a sua obra. O educador propõe a formação integral através da prática pedagógica e mostra que nenhuma cultura e nenhum saber é superior. A importância da valorização do saber do aluno através do diálogo e respeito dos seus saberes prévios é o ponto de partida para ampliação dos conhecimentos e o movimento para a aquisição de novos saberes, o acesso aos conhecimentos científicos e a passagem de uma consciência ingênua para o desenvolvimento da consciência crítica. Partir do saber do educando é importante para iniciar o processo de escuta, para conhecer o educando e efetivar o processo dialógico, valorizando o que ele já traz consigo, o seu saber feito.

Em contraposição à educação bancária, que “dá ênfase à permanência”, Paulo Freire propõe a educação problematizadora, “que reforça a mudança”, indagadora, que exige antes de tudo a superação da contradição entre educador e educando para que através do diálogo, do respeito aos saberes do outro e do reconhecimento do papel humanizador da educação (1987, p. 70).

Com o advento da cultura digital, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento da consciência são fatores importantes para a aquisição correta dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento intelectual. As ferramentas tecnológicas podem impulsionar o acesso ao conhecimento se utilizadas de forma correta, de forma que viabilize o acesso ao conhecimento e o desvelamento da realidade.

Em *Educação como prática da liberdade* (1967), Paulo Freire elabora os conceitos de intransitividade, transitividade ingênua e crítica, que posteriormente serão retomados e ampliados em *Pedagogia do Oprimido* (1987), assim como sua concepção de educação dialógica, a importância de aprender a pensar a realidade, a coerência entre teoria e prática e o respeito pelo outro. No atual estágio de desenvolvimento tecnológico em que a sociedade se encontra, a necessidade de desenvolvimento da inteligência humana torna-se um imperativo para que se possa elaborar e compreender as mudanças, que nada mais são que o resultado do desenvolvimento humano para atender as necessidades da época, segundo Álvaro Vieira Pinto, em *O Conceito de tecnologia* (2005). Tais processos, necessidades e mudanças precisam passar por uma revisão nas formas de lidar com o conhecimento dentro do processo educativo. Conforme Paulo Freire, a educação bancária, de transmissão e antidialógica não atendem a essas necessidades. Freire (1967) defende o diálogo primordialmente:

O diálogo é, portanto, o indispensável caminho” diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significado pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos (FREIRE, 1967, p.107).

Na pedagogia freireana, o diálogo deve ser respeitoso e humilde e o professor dá sentido ao ato de conhecer e fazer com que o aluno possa ter autonomia intelectual. No contexto da Cultura digital, o diálogo entre a educação e as novas tecnologias passa pela mediação do educador, que precisa estar atento às possibilidades que as ferramentas

tecnológicas oferecem, assim como seus riscos e as limitações de todos os envolvidos em relação às suas potencialidades. Neste contexto, educandos e educadores, se tornam colaboradores ativos no processo educativo. No entanto, o educando, na pedagogia freireana, é o protagonista no processo de aprendizagem. A crítica de Paulo Freire ao ensino tradicional percorre toda a sua obra e dentro do contexto da Cibercultura e da Cultura digital, é necessária atenção para evitar que isso possa ressaltar ainda mais o caráter passivo e antidialógico da educação bancária.

Agir conscientemente em direção à superação da realidade opressora pressupõe um processo que envolve conscientização da condição de oprimido. Para Freire (1967), conscientização e alfabetização andam juntas no processo educativo e devem possibilitar a formação e desenvolvimento de uma consciência capaz de apreender criticamente as características dessa realidade particular.

Paulo Freire define os níveis de consciência pelos quais o homem transita em seu processo de formação: consciência intransitiva, estado quase vegetativo, cuja preocupação é apenas com a sobrevivência; consciência transitiva ingênua, cuja interpretação da realidade ocupa um estágio simples e ainda sem ação e posteriormente, transitiva crítica, cuja interpretação se torna mais complexa e problematizadora, que implica em ação. Neste sentido Freire (1987) afirma:

Sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dele tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la (FREIRE, 1987 p.42-43).

A consciência intransitiva, em regiões atrasadas do país, é o estágio quase vegetativo em que as pessoas, incapacitadas de compreender os problemas sociais, ainda estão preocupados apenas com a esfera da sobrevivência. Ainda assim, se oferecidas as devidas condições, essas mesmas pessoas, mesmo que esmagadas pela história, são capazes de se abrir e desenvolver outros níveis de consciência. A passagem para a consciência transitiva conduz o homem para além da esfera vital de acordo com Paulo Freire (1987):

A consciência transitiva é, porém, num primeiro estado, preponderantemente ingênua. A transitividade ingênua, fase em que nos achávamos e nos achamos hoje nos centros urbanos, mais enfática ali, menos aqui, se caracteriza, em outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas. Pela tendência a julgar que o tempo melhor foi o tempo passado.

Pela subestimação do homem comum. Por uma forte tendência ao gregarismo, característico da massificação [...]. Pela fragilidade na argumentação. Por forte teor de emocionalidade. Pela prática não necessariamente do diálogo, mas da polêmica. Pelas explicações mágicas. (ibid., p. 59).

A passagem da consciência ingênua para a consciência crítica percorre caminhos que passam pelo aprofundamento do diálogo, da compreensão da cultura a qual o homem faz parte e se reconhece como fazedor dessa cultura e responsável pelos acontecimentos que dizem respeito ao seu tempo e à sua realidade, reconhecendo-se capaz de nela interferir e a sua capacidade de transformá-la, compreendendo e exercendo assim o seu lugar de sujeito histórico. Neste sentido ele afirma que:

A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas [...]. a criticidade para nós implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação ativa da realidade. (FREIRE, 1967, p.60).

Para a transição da consciência ingênua para a consciência crítica, Paulo Freire afirma ser necessário um “trabalho educativo crítico” e dialógico para advertir os educandos sobre os riscos da massificação e suas implicações na formação, tais como a acomodação, a adaptação e a passividade diante dos problemas. Para o educador, a acomodação implica em descompromisso com a existência, típico da consciência intransitiva, ainda mais intenso no processo de massificação (FREIRE, 1967). Diante de uma realidade cada vez mais complexa devido ao desenvolvimento tecnológico, com ferramentas cada vez mais sofisticadas, faz-se ainda mais importante adquirir a capacidade de compreender os processos pelos quais a humanidade percorreu para atingir o atual nível técnico e científico, assim como as contradições que envolvem esses processos. Portanto, o sujeito precisa manter uma relação ativa com o conhecimento.

Importante acrescentar que de acordo com Marx (1975) “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (1975, p. 12). Enquanto as consciências não se formam aumentam as contradições que favorecem a desigualdade, a injustiça, a violência e a opressão. Segundo Marilena Chauí “a consciência está relacionada às condições materiais de existência, das formas de intercâmbio e cooperação, e as ideias nascem da atividade material” (1980 p.63) Com o modelo de educação bancária e seu caráter domesticador, os processos de desenvolvimento da

consciência não são viabilizados, gerando grandes obstáculos para uma educação transformadora e libertária.

Em uma sociedade em que os fatores históricos e culturais são ignorados e prevalecem políticas de dominação, a mediação tecnológica pode intensificar os problemas sociais, pois a lógica digital é insuficiente para as questões da existência humana, conforme a pesquisadora Débora Duran. De acordo com a autora: “na lógica digital ou há ou é ou não é. Apesar de sua precisão, tal abordagem revela-se insuficiente e limitada diante de muitas questões complexas que caracterizam a dinâmica da existência humana e dos próprios fenômenos educativos” (2010, p. 34). Para a autora, a ideia de que o desenvolvimento tecnológico pode intensificar o desenvolvimento intelectual e deflagrar o desenvolvimento humano faz parte da “ideologia de progresso, de uma visão linear e objetivista que culmina numa abordagem mecanicista da realidade histórica” (ibid., p. 34).

Com a cultura de imagens, a “lógica midiática”, disseminada pela TV brasileira, conforme estudo realizado por Inamá Simões intitulado *A nossa tv brasileira – por um controle social da televisão* (2004):

O Brasil chegou ao século XX com um índice de analfabetismo ultrapassando 90% da população, com uma parcela mínima exercendo o direito de voto e um sistema de comunicações interno tendo como suporte o barco, o lombo do burro, as carroças sacolejantes e umas poucas linhas de estrada de ferro para distribuir correspondência. Em cinquenta anos – de 1900 a 1950 – chegaram o telégrafo sem fio, o bonde elétrico, o cinema, o automóvel, o rádio, a TV. O Brasil passou de uma cultura pré-literária para uma cultura de imagens, pós-literária, sem passar pela mediação tradicional dos livros, do jornal, e da revista. Uma pesquisa patrocinada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em 2001, revelou que o brasileiro – tomada a população total – lê 1,8 livro por ano. (SIMÕES APUD MANZI, 2020, p. 63-4).

Com o acelerado desenvolvimento tecnológico em uma cultura iletrada e com níveis de consciência e econômicos já bastante comprometidos devido ao histórico de (sub) desenvolvimento do país, a tecnologia avançada passa a ser um sofisticado recurso para a manutenção da dominação, exclusão e desigualdade. Segundo Débora Duran, fatores históricos e culturais são ignorados e a tecnologia passa a ser vista como determinante social “uma vez que a considera capaz de influenciar o “destino de países onde atua”, sem fazer nenhuma referência às políticas de dominação” (2000, p. 35). Segundo Duran, é frequente a ideia de que a tecnologia está transformando

profundamente a educação. Há o pressuposto de que as TIC's são “promotoras do desenvolvimento em suas múltiplas dimensões” (DURAN, 2010, p. 25).

Por outro lado, as novas possibilidades de leitura também passam por mudanças significativas com as novas tecnologias e abrem novas possibilidades de lidar com o conhecimento no processo educativo, capazes de promover maior interação. Conforme Silva (2010):

A disposição interativa permite ao usuário ser ator e autor, fazendo da comunicação não apenas o trabalho da emissão, mas cocriação da própria mensagem e da comunicação. Permite a participação entendida como troca de ações, controle sobre acontecimentos e modificação de conteúdos. O usuário pode ouvir, ver, ler, gravar, voltar, ir adiante, selecionar, tratar e enviar qualquer tipo de mensagem para qualquer lugar (SILVA, 2000, p. 02)

Para que o modelo interativo possa ocorrer e resultar em uma comunicação efetiva que possibilite a reflexão e a reelaboração, culminando na produção de novos conhecimentos, a ação do educador é primordial. Conforme já alerta Freire, é necessário que ocorra o rompimento com o modelo tradicional e passivo e que a curiosidade do aluno seja instigada. O educador adquire novos meios para ensinar e necessita também buscar e utilizar novos métodos. Segundo Paulo Freire e Faundez (1985), é preciso aprender a perguntar:

Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p. 3).

Com o impacto da Cultura Digital, ou Cibercultura, a linguagem e a comunicação sofrem grandes impactos, causando mudanças nas noções de cultura. Na perspectiva do sociólogo Laymert Garcia (2009), não se trata apenas da digitalização da cultura, trata-se da criação de uma nova cultura. Garcia menciona a seguinte compreensão de Michel Foucault (1926-1984) sobre essa nova cultura cibernética e suas implicações.

Foucault percebeu que talvez a gente esteja indo para uma formação outra, esteja entrando numa outra formação histórica e que há uma transformação de fundo no campo da vida, do trabalho e da linguagem. Que são os três campos fundamentais para mostrar que nós estamos caminhando para uma outra configuração. (GARCIA, 2009, P.288).

Como vivemos em uma sociedade que privilegia a escrita, sobretudo na cultura escolar, o professor precisa encontrar meios para exercitar as habilidades do aluno. Com o advento da internet, a escrita e a leitura adquirem novas roupagens.

Os usuários, os consumidores, os portadores do conhecimento, parecem ter o mundo cada vez mais rápido na palma da mão. Têm a memória no bolso, podem ter acesso à informação em tempo real e pesquisar qualquer assunto on-line. As práticas, o conhecimento, encontram-se condensados num pequeno apetrecho portátil. Os gestos abreviam-se num aperto de botão, num toque na tela. (MAGIOLINO; SMOLKA, 2010, p. 39).

É necessário compreender essas novas formas de comunicação e como utilizá-las dentro de cada contexto para o desenvolvimento cognitivo e social, tanto do educando quanto do educador, que, ao ensinar, estará também constantemente aprendendo. O educando, normalmente um nativo digital, é capaz de trazer muitas contribuições ao educador no momento de lidar com as novas ferramentas tecnológicas em sala de aula, enquanto o educador assume o compromisso de propor reflexões sobre esses novos modos de fazer. Devemos estar sempre inquietos e questionadores e a facilidade de acesso às informações e ao conhecimento precisa ser usada a favor desses questionamentos. Não deixa de ser responsabilidade do professor provocar essas inquietações e mostrar caminhos para que os educandos questionem e encontrem respostas para suas questões. “O professor propõe o conhecimento. Não o transmite. Não o oferece à distância para a recepção audiovisual ou “bancária” (sedentária, passiva), como criticava o educador Paulo Freire” (SILVA, 2000, p.8).

O acesso à rede mundial de computadores nos coloca diante de uma infinidade de informações que na maioria das vezes nos passam despercebidas. Com a nova realidade das tecnologias de comunicação, aumentam as possibilidades e a necessidade de rompimento do modelo baseado na transmissão. Segundo Marc Prensky (2001), as novas gerações, chamadas “nativos digitais”, estão habituadas a essas novas tecnologias e processam informações de maneira diferente das gerações anteriores, os chamados “migrantes digitais”.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas (PRENSKY, 2001, p. 01).

Dessa forma, o educador, enquanto imigrante digital, precisa assumir o compromisso de entender essa nova realidade e as transformações pelas quais passam as novas gerações e utilizar essas novas ferramentas no desenvolvimento do seu trabalho de forma crítica e reflexiva. É importante que esse educador compreenda que, diante da nova realidade e das novas formações culturais, o educando traz consigo saberes significativos em relação a essas ferramentas e a essas novas culturas com as quais têm mais familiaridade e poderá assumir o papel de colaborador. Cabe ao educador estar aberto a essas novas possibilidades e mediar a relação das novas gerações com as possibilidades que a cultura digital oferece para promover uma aprendizagem significativa. Segundo Freitas (2010, p. 60) “a noção de instrumento não pode ser considerada desvinculada da perspectiva do desenvolvimento humano visto como o entrelaçamento do natural, biológico com o cultural”.

A apropriação da cultura digital ocupa atualmente o centro das ocupações do governo, das mídias e da indústria. A necessidade de equipar as escolas com as ferramentas digitais é prioridade em relação ao preparo para a aquisição de habilidades para o manuseio e a compreensão das mesmas e a conscientização de que se trata de um importante instrumento de libertação, de inclusão social, fruto do desenvolvimento humano, apesar de estar atrelado com o desenvolvimento do capitalismo e suas contradições. Não se trata somente da aquisição de máquinas para que ocorra a inclusão digital, é preciso que ocorram profundas modificações na maneira de conceber a educação e transformar a estrutura social. O aparato tecnológico pode ser um instrumento útil ou uma armadilha. Conforme Freitas, o computador e a internet são, ao mesmo tempo, produto da vida social e da atividade social do homem” (FREITAS, 2010).

Entretanto, interesses de mercado podem causar sérios prejuízos para os atores sociais. Há um fetiche em torno das ferramentas e uma aura de ficção científica que prevalece em torno da cultura digital. O sociólogo André Lemos (2009), em sua entrevista no livro *Cultura Digital.br*, alia a dimensão técnica à dimensão comunicativa da Ciberultura:

São tecnologias não apenas da transformação material e energética do mundo, mas que permitem a transformação comunicativa, política, social e cultural efetivamente. Porque nós conseguimos transitar informação, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na história da humanidade (LEMO, 2009 p. 138)

Lemos diz que sempre alerta aos seus alunos no curso de Comunicação e Tecnologia, na Universidade da Bahia, para duas questões básicas para o ser humano: a luta quanto às dificuldades da comunicação, enquanto seres políticos, e a necessidade de artefatos para dominar o mundo externo (2010, p.137). Ele completa dizendo que, diferentemente dos outros animais, precisamos de artefatos cada vez mais sofisticados, e a Cibercultura representa a cultura contemporânea. Segundo Freitas (2010):

A criação do computador e, a partir dele, da internet é o resultado de um esforço do homem que, interferindo na realidade em que vive, constrói esses objetos culturais da contemporaneidade que são, ao mesmo tempo, um instrumento material e um instrumento simbólico. (2010, p. 62)

Lucia Santaella afirma que a Cibercultura, assim como quaisquer outros tipos de cultura, são criações humanas. “Nós somos essas culturas. A educação assume papel importante na função de gerar conceitos que possam nos levar a compreender de modo mais efetivo a complexidade da realidade em mutação” (2000, p. 23). Mais que a aquisição de equipamentos, é necessário que os educadores assumam o desafio de se preparar para lidar com essas ferramentas para que possam assumir seu papel de formadores das novas gerações de consumidores e trabalhadores, auxiliando-os na compreensão das potencialidades e riscos que esses produtos oferecem. Segundo Vieira Pinto (2005):

embora a nós, contemporâneos do fato, pareça impressionante e até alarmante o surto de conhecimentos e de realizações práticas a que assistimos[...] lembremos que o estado de espírito de assombro, inquietude e indagação que se apossa de muitos de nós constitui reação natural e reiterada, aconteceu sempre que grandes descobertas científicas, conduzindo a profundas alterações nas relações de produção e de convívio social, deram aos homens da época a sensação de estarem vivendo uma transformação dos tempos. (PINTO, 2005, p, 9-10).

Para que de fato se efetive a inclusão digital e a compreensão das novas tecnologias e suas potencialidades e riscos, mote do governo e indústrias de software, é importante ressaltar que os interesses de mercados são elementos cruciais para o aprofundamento do capitalismo (DURAN, 2010). Maior que esses interesses, devemos nos preparar para utilizar as novas TIC's como instrumento de emancipação.

A relevância da tecnologia na prática pedagógica depende do uso que se faz dos equipamentos; evidentemente a linguagem digital vem para atender às necessidades comunicativas de um determinado momento histórico, visto que o homem acumulou saberes que podem ser apreendidos pelos demais com a democratização do

conhecimento e a possibilidade de um desenvolvimento crítico e consciente, sobretudo no contexto atual, em que o conhecimento é disseminado com mais facilidade através da Cultura digital. Entretanto, cada contexto tem suas particularidades quanto à utilização desses instrumentos. O impacto da tecnologia no contexto histórico-cultural é um fato concreto, mas a prática pedagógica dependerá das mediações e intencionalidades da utilização dessas ferramentas. Segundo Freitas, (2010, p. 65) “a construção individual é o resultado das interações entre indivíduos mediados pela cultura”.

A cultura digital enquanto processo inerente à sociedade atual é fruto do desenvolvimento do ser humano no seu percurso evolutivo e sua incorporação às práticas sociais depende das necessidades que vão surgindo, de acordo com o contexto a qual estão inseridos. Alguns setores da sociedade dependem mais que outros da adesão a essas ferramentas e a forma como são utilizadas também variam conforme as demandas de cada contexto. No entanto, conforme Santaella (2003),

(...) não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003, p. 23).

No entanto, não é somente o aparato tecnológico que vai libertar a educação do modelo tradicional que vigora desde sempre, mas a compreensão de que esse modelo não atende mais às novas necessidades comunicativas da contemporaneidade. Como afirma o Silva (2000):

O essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca, o professor está desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e na educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação. (SILVA, 2000, p. 15).

É importante perceber qual é o momento para se efetuar as mudanças necessárias se já disponibilizamos de recursos que podem auxiliar no processo de torná-las efetivas em relação à superação do modelo bancário de educação, através do uso correto das tecnologias.

Conforme abordamos nesse item, a educação através do processo de

memorização, como ocorre na educação bancária, não possibilita a assimilação e a elaboração do conhecimento para o desenvolvimento da consciência do educando, assim como a transformação da realidade, devido a seu caráter domesticador. Segundo Paulo Freire, no modelo de educação bancária o conhecimento não se constitui práxis, ou seja, a reflexão e ação sobre o mundo para que a transformação seja possível.

A educação bancária, conforme Freire (1987) é um modelo que anula a curiosidade e a criatividade, mantendo assim o domínio sobre os oprimidos, tornando-os incapazes de agir e transformar sua realidade. Logo, é uma forma de domesticação para que se mantenha o sistema de opressão e exploração. É, historicamente, um modelo de transmissão passiva que mantém a exclusão. Segundo Freire (1987)

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. (FREIRE, 1987, p. 39).

Para a superação desse modelo de educação mecânica, Paulo Freire propõe uma mudança de atitude diante da realidade, a transformação de hábitos passivos para uma atitude mais participativa em busca da superação da consciência ingênua diante da realidade imposta. A educação problematizadora, proposta por Freire (1987), deve acontecer através do diálogo, do respeito aos saberes do outro e do reconhecimento do papel transformador da educação. Uma educação corajosa, capaz de preparar o educando para conquistar seus direitos e ocupar os espaços na sociedade em que se insere.

Diante da realidade altamente tecnológica, é importante que se possa desenvolver a capacidade de compreender os processos históricos pelos quais o desenvolvimento técnico e científico percorreu para atingir o atual nível de desenvolvimento tecnológico em que a sociedade se encontra, com a devida atenção, através do desenvolvimento de uma consciência crítica, aos processos de alienação e exclusão que o próprio processo de desenvolvimento pode provocar.

1.2 - A preocupação de Paulo Freire com a coerência entre teoria e prática

Paulo Freire nos conta vários episódios de sua vida que foram cruciais para o direcionamento de sua vocação e sua postura epistemológica. O registro de suas experiências é fundamental para a reflexão sobre sua prática pedagógica e a elaboração de sua obra. Algo que chama atenção nos seus escritos são seus exemplos de vida que constantemente ele traz para ilustrar sua busca incansável pela coerência. “A busca da coerência educa à vontade”. (FREIRE, 2010, p. 23). Tudo nele é educar-se, fortalecer-se para a luta. Buscar a coerência em todas as suas práticas e em sua própria experiência de vida, pois para ele reflexão e prática devem andar juntas. Ele nos mostra que “saber que é possível mudar o mundo é conhecimento tão indispensável a quem faz política quanto o é para quem estuda Marx saber a importância no seu pensamento do conceito de práxis” (2000, p. 44).

Um dos momentos mais bonitos na leitura de Paulo Freire é quando ele relata, em *Pedagogia da Esperança* (1992), que não compreendia porque se sentia tão desesperançoso quando ia visitar as famílias do Sesi e narra “uma trama” que foi fundamental em sua experiência, exercendo “sensível influência” no desenvolvimento do seu “pensamento pedagógico e prática educativa”. O autor então se empenha em compreender o que se passa consigo fazendo profundas reflexões até perceber a íntima relação que ele tinha com a realidade daquelas famílias, vítimas da opressão. Paulo Freire faz um mergulho dentro de si para entender a sua falta de ânimo e esperança, momento em que ele revela uma sensibilidade extraordinária. A partir da compreensão desse “pessimismo e desinteresse pelo mundo” em um retorno à sua infância através da memória e da reflexão, o educador compreende que está “educando sua esperança” para o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico. É o início de uma luta contra a opressão e a injustiça através da educação que o levará a enfrentar o exílio e viver fora do país enquanto fortalece sua luta política e sua visão sobre a educação crítica e emancipadora que irá se concretizar, sobretudo, no livro *Pedagogia do oprimido*, publicado pela primeira vez em 1967 quando estava exilado no Chile.

Outra lição de resistência, coragem e sensibilidade de Paulo Freire é quando, no exílio, ao ver os outros exilados mergulhando em profunda tristeza, ele entende que é preciso seguir em frente e traz a expressão “educar a saudade”. Então Paulo Freire começa a desenvolver um trabalho fundamental de continuidade da sua proposta

pedagógica junto aos trabalhadores do Chile e escrevendo a *Pedagogia do Oprimido* enquanto “educa a saudade” que sente do Brasil, da sua terra e da sua gente. O autor nos mostra nessas passagens seu compromisso político-pedagógico, a sua coragem, a sua força e a importância do seu trabalho para a educação, sobretudo junto à classe trabalhadora.

Paulo Freire nos mostra como agia corajosamente para concretizar aquilo que considerava fundamental em sua experiência de vida e de educador. Ele demonstra que o exemplo é fundamental e que o verdadeiro educador educa através da sua experiência para além de metodologias. Estas podem ser flexíveis, diversificadas e modificadas, mas o exemplo da experiência deve ser firme e coerente com sua postura no mundo (FREIRE, 2000).

Seus exemplos encorajam a nossa ação. Questões que para o homem comum demoraria a se encontrar a solução, ou uma mudança de percurso que desviaria uma rota, Paulo Freire resolve mergulhando em reflexões, vigílias, para compreender o sentido de sua existência e de seu papel no mundo, consciente de sua missão de educador e criador de uma pedagogia capaz de libertar as classes populares de um modelo de educação opressora e alienante. Balduino A. Andreola, no prefácio de *Pedagogia da indignação* coloca Paulo Freire no rol dos grandes mestres da humanidade e a convicção de que ele influenciará gerações através dos séculos, rompendo a fronteira dos tempos (FREIRE, 2010). Andreola diz ainda sobre as cartas pedagógicas contidas em *Pedagogia da Indignação*:

Elas acrescentam novas dimensões, ressignificando, em sua totalidade, o seu legado. Sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento (ibid., 2010, p.13)

Andreola finaliza a introdução dizendo que Paulo Freire situa-se em um “processo histórico de grande envergadura” e que as cartas pedagógicas são uma inspiração para aqueles que, como Freire, “lutam para a construção histórica de um novo projeto de humanidade” (FREIRE, 2010, p.14).

Com o desenvolvimento técnico e científico associado aos altos índices de desigualdade e opressão da classe trabalhadora, é importante a efetivação de uma

educação crítica e libertadora para que se possa construir uma sociedade mais justa e mais preparada para lidar com os desafios de seu tempo. Segundo Marx e Engels no *Manifesto comunista*,

Será necessária uma inteligência profunda para compreender que ao mudarem as condições da existência material dos homens, suas relações sociais, a sua vida social, mudam também as suas ideias, as suas concepções e os seus conceitos, em uma palavra, a sua consciência. (MARX e ENGELS 2015, p. 86)

Com o acelerado desenvolvimento tecnológico e a complexidade da sociedade atual, o acesso ao conhecimento é fundamental para que se construa a possibilidade de que todos possam vencer as dificuldades e encontrar soluções para seus problemas. Em *Miséria da filosofia*, Marx escreve:

O simples fato de cada geração posterior deparar-se com forças produtivas adquiridas pelas gerações precedentes, que lhes servem de matéria prima para novas produções, cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade que é tanto mais a história da humanidade quanto mais as forças produtivas dos homens, e por conseguinte, as suas relações sociais adquirem maior desenvolvimento (MARX, 1985, p. 207)

Entretanto, o capitalismo que se desenvolve graças à exploração da classe trabalhadora, impossibilita o acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela humanidade, enquanto o poder se mantém nas mãos das elites, que não medem esforços para não o perder, através da exploração e a negação de direitos fundamentais para a sobrevivência.

Com o desenvolvimento tecnológico, a ascensão de governos liberais e as artimanhas da indústria cultural ² alienante que comprometem o potencial cognitivo e a formação cultural, a escola é o espaço por excelência para promover a transformação. Sua função é passar para as futuras gerações os saberes produzidos pela humanidade em seu desenvolvimento histórico e amalgamar esses saberes em uma experiência

²O principal equívoco sobre o termo “Indústria cultural” está na relação feita entre cultura popular e cultura de massas. Ambas se diferenciam radicalmente. Enquanto a primeira se relaciona ao saber transmitido de geração em geração pela tradição, a segunda está ligada à produção cultural estadunidense, extremamente especializada e altamente técnica, produzida sobretudo para distrair e estimular o consumo exagerado, irrefletido e que unifica os gostos e as tendências. O tecnicismo e a reprodução em série levaram a produção cultural à padronização e aceitação do que é oferecido pela Indústria. Segundo Adorno, “os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da Indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, torna inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais” (ADORNO, 1985, p. 114). A indústria cultural produz cultura aos modos ditados pelo sistema capitalista, onde se busca a todo custo, o lucro.

A indústria cultural seria a expressão do fetiche do capital, ou seja, a generalização da dominação social pelo valor de troca da mercadoria. E “inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.119).

transformadora. Paulo Freire compreende as mudanças dos processos históricos como “constatação natural da cultura e da história”. Segundo o educador:

Como ser humano, não devo nem posso abdicar da possibilidade que veio sendo construída, social e historicamente, em nossa experiência existencial de, intervindo no mundo, inteligí-lo e, em consequência, comunicar o inteligido” (FREIRE 2010, p.16).

Para Paulo Freire, o educador progressista precisa estar no mundo de forma consciente e reflexiva para não cair na falta de ânimo e desesperança sobre sua prática diante das dificuldades. O educador que assume a luta política não pode se adaptar e ceder aos problemas de seu tempo se acomodando, pois, para ele “a acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança” (ibid., p.20). Ele nos fala da importância de nos tornarmos capazes de transformar o mundo ao invés de simplesmente se adaptar:

Diferenças fundamentais entre o ser que intervêm no mundo e o que puramente mexe no suporte é que, enquanto o segundo se adapta ou se acomoda no suporte, o primeiro tem na adaptação um momento apenas do processo de sua permanente busca de inserção no mundo. (FREIRE, 2000, p.55)

A crítica de Paulo Freire à transferência de conteúdo e a ineficiência desse método para o processo educativo percorre toda a sua obra. Para ele esse modelo de educação não faz sentido para o educando nem transforma sua realidade. O problema se desdobra quando esse educando se torna um educador e usa os mesmos métodos com os quais foi formado.

As reflexões sobre essas questões precisam acontecer nos cursos de formação de professores para que essa lógica seja questionada. Caso contrário, a transformação social que passa necessariamente pela educação não acontece, e as desigualdades e injustiças continuam a se perpetuar. Segundo Freire:

A prática problematizadora propõe aos homens: sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetiva-la. (1987, p. 42-3)

Paulo Freire fala ainda da impossibilidade de uma educação neutra. Para ele, a educação é um ato político. Em suas palavras, “como educadores nós somos artistas e políticos, mas nunca técnicos” (Freire, 1982, p.97). Sua reflexão sobre a necessidade da clareza em relação à opção política do educador, sobre a importância de um posicionamento claro em relação a: a favor de quem e de quê os educadores estão para

que se efetive uma prática coerente, progressista e revolucionária? (FREIRE,1982). Paulo Freire defende o posicionamento radical do educador em defesa do oprimido e este posicionamento deve estar claro e submetido a um engajamento e a uma constante busca por coerência e reflexão sobre a prática. Ele nos alerta:

Eu agora diria a vós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas entre nós, que pararam com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em vez de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e rotina (idem, p.101)

Paulo Freire escreve seus textos no exercício reflexivo sobre sua ação pedagógica e a elaboração de seu aporte teórico. Ele nos deixa um legado que serve de embasamento para a efetivação de uma nova forma de fazer uma educação que realize tanto o educador em sua ação no mundo quanto na contribuição para a transformação social e a construção de uma nova sociedade, mais justa e mais digna.

Sobre a ideia de Freire em relação a uma educação corajosa e uma prática coerente, objeto central na sua obra, para o qual devemos estar sempre vigilantes e com posicionamentos firmes em relação à nossa postura pedagógica, as palavras de Schiller sobre uma educação ética e estética podem ilustrar a preocupação de Freire. Segundo Schiller (2002):

Para que sejamos homens participantes, prestimosos e ativos, é necessário que o sentimento e caráter se conjuguem, assim como para a experiência é necessário que colaborem os sentidos abertos e a energia do entendimento. Por louváveis que sejam nossas máximas, como poderemos ser razoáveis, bondosos e humanos se falta a faculdade de aprender fiel e verdadeiramente a natureza do outro, se falta a força de nos apropriarmos de situações estranhas, de tornarmos nosso o sentimento alheio? (SCHILLER, 2002, p. 70)

Paulo Freire é contundente quando fala da relação entre teoria e prática. Segundo ele, seus livros surgiram a partir de sua prática educativa e não o contrário: “a coerência entre o que dizemos e o que fazemos estabelece limites à tolerância e impede que ela descambe em conivência” (FREIRE, 1995, p. 36).

Outra referência de Schiller sobre a relação entre teoria e prática que condiz com o que Paulo Freire fala a esse respeito é o momento em que Schiller narra um diálogo com Goethe sobre as Ciências naturais, em *A educação estética do homem* (2002):

Expus animadamente a metamorfose das plantas e, com alguns traços característicos, fiz nascer uma planta simbólica ante seus olhos. Ele escutava e observava tudo com grande interesse, com decidida capacidade de compreensão; quando terminei, porém, ele sacudiu a cabeça e disse: isso não é uma experiência, é uma ideia (Ibid. p. 151).

Paulo Freire nos mostra que a beleza de um discurso deve estar atrelada à sua verdade na prática. Esta não está subordinada àquela, pelo contrário. O nascimento de uma planta simbólica como Schiller quis demonstrar teoricamente a Goethe não se compara com a realização dessa experiência. A ideia não fora colocada em prática e, portanto, era apenas uma ideia. O que Paulo Freire relatou em seus textos foi a reflexão sobre a sua experiência pedagógica que antecedia sua escrita. Portanto, o educador trazia em seus escritos seu saber feito experiência.

Para Paulo Freire a capacitação se dá na própria prática e o educando é sujeito e deve fazer parte dela. Do contrário, ele se torna apenas objeto. Portanto, ele defende que a educação precisa ser dinâmica, em oposição ao tecnicismo das especialidades e os riscos da burocratização (1982). O educador coloca a questão:

Será que o papel do educando é apenas o de receber a transferência da resposta a esta pergunta que é dada, às vezes, já nem mais pelo professor, porque o professor é levado a receber os pacotes em torno do conteúdo pragmático que lhe dão, e que transfere ao aluno que, por sua vez, espera chegar o momento de ser professor para que ele possa continuar a transferência? (Ibid., p.97)

A crítica de Paulo Freire à transferência de conteúdo e a ineficiência desse método para o processo educativo é das mais severas e insistentes. Para ele esse modelo de educação não faz sentido para o educando pois não dialoga com a sua realidade.

As reflexões sobre essas questões precisam acontecer nos cursos de formação de professores para que essa lógica seja questionada. Caso contrário, a transformação social que passa necessariamente pela educação não acontece, e as desigualdades e injustiças continuam a se perpetuar. Paulo Freire ressalta a importância da formação e valorização do docente: “A elevação urgente da qualidade de nossa educação passa pelo respeito aos educadores e educadoras mediante substantiva melhora de seus salários, pela sua formação permanente e reformulação dos cursos de magistério” (FREIRE, 1995, p. 46).

O acelerado desenvolvimento tecnológico exige dos educadores novas formas de atuação e compreensão de uma realidade cada mais complexa e desafiadora: “revolução permanente e cada vez mais rápida da tecnologia, baluarte do capitalismo

contra o socialismo, altera a realidade socioeconômica e exige novas formas de compreensão dos fatos sobre os quais se deve fundar nova ação política” (ibid., p.42).

A ideia de prática subordinada à teoria é contrária ao princípio de Paulo Freire em relação à educação. Ele diz: “o que é preciso saber ao me estudarem (perdoem-me esta falta de humildade) é como eu pratico a minha educação, e não o que escrevi apenas” (FREIRE, 1982, p.98). Nesse sentido, ele reforça a necessidade da coerência entre discurso e prática, do contrário, “eu começo dicotomizando os dois e me pondo na posição de superioridade do que pensa que está do lado de cá” (ibid., p.99). Dessa forma, é possível perceber o engajamento do educador para uma prática e uma teoria coerentes, possíveis de desconstruir o discurso de que aquela está subordinada a última assim como a ideia de superioridade de quem ensina sobre quem aprende. Isso vai contra tudo o que ele ensina. “A coerência entre o que dizemos e o que fazemos estabelece limites à tolerância e impede que ela descambe em convivência” (FREIRE, 1995, p.36). Sobre a relação entre teoria e prática, Paulo Freire desmistifica a ideologia positivista que, segundo Chauí,

Concebe a prática como simples instrumento ou como mera técnica que aplica automaticamente regras, normas e princípios vindos da teoria. A prática não é ação propriamente dita, pois não inventa, não cria, não introduz situações novas que suscitem o esforço do pensamento para compreendê-los. (1986, p.28).

Para Marilena Chauí “a história é práxis (no grego, práxis significa um modo de agir no qual o agente, sua ação e o produto de sua ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los)” (1986, p. 20). O educador ético, coerente e comprometido com a transformação social não pode perder de vista a importância da reflexão sobre sua prática. Segundo Freire “não é o discurso, a oralidade, o que ajuíza a prática, mas, ao contrário, é a prática que ajuíza o discurso” (1982, p.98). É possível perceber claramente que, no que diz respeito à educação, a teoria não precede a prática, pois esta não pode ser como um manual de instruções que exclui a criatividade, o imprevisto, o inesperado, a curiosidade e a emoção. Paulo Freire deixa claro em seus textos que suas reflexões partiram de sua prática pedagógica. Antes, o trabalho precisa se realizar na prática. Logo, a teoria, como está explícito no conceito de práxis, é reflexão sobre a prática e não o seu contrário.

O aspecto humanista é central na obra de Paulo Freire. De acordo com ele, a mediação do diálogo é fundamental para a construção do conhecimento. Dialogar, para o educador, “é permitir que todos possam tomar decisões”. Segundo Freire (1995):

A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador. Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital [...]. Mas, se a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dialogicidade, na existência humana no mundo. Nesse nível, a comunicação e a informação servem de sofisticadas linguagens e de instrumentos tecnológicos que “encurtam” o espaço e o tempo. A produção social da linguagem e de instrumentos com que os seres humanos melhor interferem no mundo anuncia o que será a tecnologia. (FREIRE, 1995, p.74 – 5).

Paulo Freire nos ensina que a capacidade de fazer escolhas pode ser adquirida com uma educação crítica e libertadora. Ele nos mostra como o fez através dos seus exemplos de vida, sua constante preocupação com a coerência entre teoria e prática, e nos convida em seus registros de memória e experiência pessoal, seus ensaios e cartas, a entender a importância de nos conhecermos e a conhecermos o mundo para que a transformação aconteça. “Ser coerente é um sinal de inteireza de nosso ser. Afinal a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar” (Freire, 2000, p. 22). Paulo Freire preocupa-se com as ameaças das políticas neoliberais e os prejuízos que elas causam através da desigualdade econômica sustentadas pelo capitalismo. O desenvolvimento tecnológico, resultantes do desenvolvimento capitalista, representam um risco em relação ao aligeiramento e ao tecnicismo na formação para atender às demandas do capital em detrimento ao desenvolvimento integral do ser humano.

O diálogo, a humildade para ouvir o outro, a valorização do saber de cada um e da cultura popular, a sensibilidade e o cuidado com o outro, com a natureza, fazem parte das preocupações de Paulo Freire. Cada palavra que ele escreve é carregada de sentido, palavra viva, “encharcada” de significado. Preocupado com o desenvolvimento de um pensamento crítico, a capacidade de questionar, a formação integral do educando, ele critica veementemente o pragmatismo e o tecnicismo na educação. “A prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes o quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar” (FREIRE, 1996, p. 33).

Para isso Paulo Freire propõe a adoção de uma postura mais humana, mais sensível, ética e estética, que supere o ensino técnico e pragmático que empobrece a existência humana. Segundo Ettore Riter “a formação humana entrelaça aspectos objetivos e subjetivos, atravessada por diversas forças como as relações familiares, as tecnologias, as ideologias, as artes, entre outras esferas que compõem a vida humana em sociedade”. (2021, p.30)

Paulo Freire se mostra atento à política neoliberal que “reforça a pseudoneutralidade da prática educativa, reduzindo-a a transferência de conteúdos aos educandos, a quem não se exige que os apreendam para que os aprendam” (1995, p.32). Segundo o educador, o diálogo, o compromisso ético com a educação da decisão e da ruptura são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação que se pretenda libertadora. Ele nos ensina que “a educação precisa tanto da formação técnica, científica e profissional quanto do sonho e da utopia” (1995, p.29). Segundo Freire, o descaso com a identidade cultural dos educandos, o desrespeito à sua cultura e sua experiência, que ele considera a base para a aquisição dos conhecimentos científicos, fazem parte da cultura escolar devido à ideologia elitista que está impregnada na sociedade. Neste sentido o autor afirma que:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura de nosso tempo (FREIRE, 2000, p.46)

Freire nos alerta para o problema do treinamento dos educadores para a utilização de recursos tecnológicos apenas para a transmissão de conhecimentos. Segundo o educador “é tão fundamental, por outro lado, a prática de pensar certo para o confronto de novos desafios que as inovações tecnológicas nos põem hoje quanto a liberdade de criar (Freire, 2000, p. 45).

A busca pela coerência na prática pedagógica é um elemento essencial na pedagogia freireana. Através de sua obra, Paulo Freire nos mostra os caminhos percorridos pelo seu fazer pedagógico. Para o educador, a coerência entre discurso e prática devem ser constantes na prática educativa. Segundo ele, a prática precede a teoria. Esta é o resultado da reflexão sobre o que foi realizado para que o educador se reveja constantemente.

Atento aos problemas e as demandas de seu tempo, observamos a preocupação de Paulo Freire em torno das políticas neoliberais e os prejuízos que elas trazem para a vida humana. O acelerado desenvolvimento da tecnologia, a desigualdade econômica e a desenfreada corrida pelo lucro e pelo consumo são sustentáculos do capitalismo que ceifa vidas humanas com promessas inalcançáveis.

As novas tecnologias, fruto do desenvolvimento técnico-científico e das necessidades do capitalismo, atendem sobretudo aos interesses do desenvolvimento econômico, em detrimento do desenvolvimento humano. Paulo Freire se mostra atento quanto às desigualdades de acesso a essas ferramentas e sobretudo em relação ao seu uso crítico e consciente, dados os riscos de que possam ser utilizadas como instrumento de dominação, exploração e exclusão.

Os riscos do uso das tecnologias para o aligeiramento da formação em função de atender às necessidades do mercado de trabalho, o pragmatismo e o tecnicismo na educação são centrais nas reflexões de Paulo Freire a respeito do presente tema. Ele sempre alerta para que o educador progressista esteja atento e comprometido com uma formação crítica e reflexiva, assim como a coerência entre a teoria e a prática, fundamentais para a luta do educador progressista, comprometido com a transformação social.

Cap. 2 – Tecnicismo e tecnologias na visão de Paulo Freire

Neste capítulo analisaremos a inserção das mídias na educação, a falta de formação adequada para lidar com essas novas formas de ensinar e os riscos de a educação resvalar em um tecnicismo e um pragmatismo que comprometa ainda mais a formação. As políticas neoliberais e a demanda por uma educação aligeirada para o mercado de trabalho são motivos de preocupação para Paulo Freire. Uma breve análise da escola online durante a pandemia do Covid-19 compõe o capítulo devido à convergência com o tema deste trabalho e o funcionamento das escolas exclusivamente através das ferramentas tecnológicas e da internet. Com o fechamento das escolas devido à pandemia do Covid-19, a partir de março de 2019, o ensino remoto através das novas tecnologias desafiou educandos e educadores e toda a estrutura educacional a uma adesão irrestrita aos recursos tecnológicos como única forma de terem acesso aos

estudos e a manutenção do funcionamento das escolas, ainda que de forma remota. As dificuldades com a tecnologia e a falta de acesso às ferramentas impactou sobremaneira o universo escolar.

Em entrevista à revista *Educação*, edição de novembro/dezembro de 2013, o professor Jorge Larossa Bondía fala sobre a “apropriação da linguagem pedagógica dos especialistas” e critica a banalização do uso de conceitos fundamentais na teoria freireana, como “autonomia” e “crítica”. Autonomia, para Paulo Freire (1996):

Enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 1996, p. 107).

Paulo Freire critica a linguagem técnica e especializada na educação devido ao distanciamento que ela representa em relação ao necessário envolvimento com a prática educativa na escrita e na vida.

Larossa (2013) fala sobre a importância de os cursos de formação de docentes deixarem de lado a linguagem dos especialistas e trabalharem com um currículo mais voltado para o ensino das artes, da literatura e filosofia, pois, segundo ele, “a tarefa de um educador é fazer com que o mundo seja interessante” e “a arte é o que nos traz a carga sensível do mundo” (LAROSSA, 2013, s. p).

Paulo Freire começa a desenvolver seu trabalho com a educação em um momento de grande efervescência cultural – a década de 60 – junto com diversos círculos de cultura - e este contexto contribuía para a expansão do conhecimento.

No ensaio *Educação: O sonho possível*, publicado no livro *O Educador, vida e morte* (1982), Paulo Freire fala do problema da especialização e a linguagem técnica na educação tal qual Jorge Larossa na entrevista citada, possibilitando um diálogo entre momentos diferentes e problemas semelhantes que se estendem ao longo de três décadas e segue até os dias atuais de forma ainda mais intensa, devido ao avanço acelerado das tecnologias e as exigências para uma adaptação emergente às novas realidades que ela apresenta. O ensaio *Educação: o sonho possível* se trata da participação de Freire em uma conferência sobre educação, realizada poucos meses após seu retorno ao Brasil depois do exílio. No início de sua fala ele faz uma provocação em relação à questão dos

currículos: “pensa-se, afinal, mecanicamente, esquematicamente, em vez de dinamicamente” (FREIRE, 1982, p.92).

Para Larossa, (2013) o ensaio foge da linguagem técnica dos especialistas e por isso possibilita a expressão do conhecimento sem se ajustar a essa forma de linguagem, de uma forma mais narrativa, com características literárias. Ele considera essa linguagem dos especialistas “feia”, pois “não diz nada, é muito abstrata e genérica, porque não transmite vida” (2013, s.p.). Larossa dialoga com a forma com que Paulo Freire escreve. Este autor, por sua vez, transita entre diversos gêneros além do ensaio, como memórias, cartas e entrevistas que compõem sua obra.

Sobre o conceito de autonomia, Larossa (2013, s.p) diz que “vivemos uma época de privatização do conhecimento e da própria existência” dentro de uma lógica de mercado em que o próprio corpo é tratado como mercadoria. Autonomia, nesse caso, no sentido de as pessoas se sentirem “proprietárias de si mesmas”. Ele defende que a educação tem a função de “desprivatizar”, de “subtrair a lógica de mercado”.

Em relação à tecnologia na educação, Larossa (2013) é reticente, pois para ele a mediação através das telas tira o caráter comunitário proporcionado pelo espaço escolar e torna a conexão ao conhecimento, “privado e particular”. Para serem educativas, segundo ele, as ferramentas tecnológicas precisam ser usadas para o comum. Para ele, “as tecnologias são educativas quando une e não quando separam” (2013.s.p.). Ele questiona se o uso das tecnologias no espaço escolar é a favor desse uso comum, da conexão, ou se elas favorecem ainda mais o individualismo. Larossa (2013) afirma:

Paulo Freire defende a dinamicidade na educação em oposição ao tecnicismo das especialidades. Segundo ele, sem o comprometimento com a prática, os riscos da burocratização, dos regulamentos desvirtuam a ação pedagógica. Ele questiona: será que o papel do educando é apenas o de receber a transferência da resposta a esta pergunta que é dada, às vezes, já nem mais pelo professor, porque o professor é levado a receber os pacotes em torno do conteúdo pragmático que lhe dão, e que ele transfere ao aluno que, por sua vez, espera chegar o momento de ser professor para que ele possa continuar a transferência? (LAROSSA, 2013, p. 97).

Paulo Freire ressalta a importância de nos tornarmos capazes de transformar o mundo ao invés de simplesmente nos adaptarmos. Para o educador, a acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança (2010, p. 20). A educação liberal, em que ocorre a memorização mecânica de conteúdos, promove a educação como instrumento de opressão. Em Freire, a consciência se dá na relação com o outro e com o meio. O

educador progressista, ele ressalta, deve ter clara a sua opção pela prática dialógica e libertadora. O que ele chama de “Pedagogia radical” é a forma de promover a educação sem fazer nenhuma concessão ao “pragmatismo neoliberal” que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos. “Ao treinamento e não à formação” (FREIRE, 2000, p. 22).

Guimarães (2021) afirma que o dinheiro se converte em Deus e senhor no mundo das mercadorias na sociedade capitalista. Apesar do desenvolvimento técnico e científico, a desigualdade e a injustiça social não foram superadas, pelo contrário, o debate se acirra cada vez mais entre a concentração de renda por um lado e a pobreza extrema por outro, ou seja, a modernidade e o desenvolvimento tecnológico acelerado só aumentam a disputa individual. Para Guimarães, o desafio é compreender uma sociedade que gera doenças que são convertidas em vantagens, como propagandas políticas ou venda de produtos para o combate dessas doenças. Salvar vidas é uma preocupação transferida para a salvação da economia. Segundo ele, todo o tempo do homem se converte em busca incessante pelo dinheiro e sua força de trabalho se torna seu maior bem, sendo esta a sua maior, senão a única mercadoria a oferecer em troca de sua sobrevivência.

Os estudos sobre a desumanização, que ocorre em paralelo ao progresso, à modernidade e ao avanço tecnológico, revelam a disparidade entre esses eventos e o desenvolvimento humano. Paulo Freire, sempre preocupado com aqueles que permanecem à margem e engajado no processo de humanização se posiciona da seguinte forma:

Nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas servem a maioria. Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto a maioria em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século (FREIRE, 1996, p. 101).

Esta se constitui uma das maiores preocupações de Freire em relação ao desenvolvimento tecnológico, associado ao capitalismo e o neoliberalismo, pois ele vê com nitidez os problemas decorrentes desses processos. O pragmatismo, os interesses de mercado, a necessidade de uma formação tecnicista e aligeirada para o mercado de trabalho como mantenedoras da exclusão, justificando as barbáries decorrentes de um

desenvolvimento tecnológico e científico a favor da opressão são preocupações centrais no trabalho de Freire.

2.1 – Mídia educação e sua relação com a concepção de educação de Paulo Freire

As “mídias de massa” são principalmente a televisão e o rádio (BELLONI; BÉVORT, 2009). Essas mídias estão presentes no cotidiano da sociedade contemporânea e se renovam continuamente e de forma acelerada. Não somente sua utilização no contexto escolar, mas as reflexões sobre seus impactos na formação precisam ser consideradas no processo formativo para que uma educação consciente e autônoma possa ser desenvolvida, como propõe Paulo Freire em sua obra.

É preciso pensar com seriedade que, ao assumimos a tarefa de educar, é necessário buscar os meios mais eficazes para que essa tarefa se cumpra. De acordo com Paulo Freire não podemos fazê-lo sem estarmos em uma busca constante de estudo, compreensão profunda dos conceitos e da realidade, pesquisa, exercício crítico e reflexivo da prática docente. É uma preocupação necessária em relação ao trabalho com as TIC's no campo da mídia-educação, devido à onipresença das (novas) mídias na vida social e sua inserção no ambiente escolar. Segundo Freire (1967),

A falta de permeabilidade parece vir sendo dos mais sérios descompassos dos regimes democráticos atuais pela ausência, dela decorrente, de correspondência entre o sentido de mudança, característico, não só da democracia, mas da civilização tecnológica e uma certa rigidez mental do homem que, massificando-se, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. Excluído da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que, em nada confia ou acredita, se não ouviu no rádio, na televisão, ou não leu nos jornais” (FREIRE, 1967, p.90-1).

A mídia-educação é parte essencial dos processos de socialização das novas gerações, mas não apenas, pois deve incluir também populações adultas, numa concepção de educação ao longo da vida, de acordo com Belloni e Bévort. As pesquisadoras consideram as (novas) mídias um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea, como já dito anteriormente, em outros momentos deste trabalho (2009). Paulo Freire considera o capitalismo e a modernidade como os motores do desenvolvimento da sociedade tal como ela se configura na atualidade e vê com atenção os seus desafios e sua inserção maciça na vida social. Freire (1996) explica que:

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim,

sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e homens de perder seu trabalho, deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica (FREIRE, 1996, p. 130).

Entre os maiores obstáculos para o uso desses recursos encontramos: a ausência de políticas públicas, despreocupação com a apropriação crítica das novas TIC's; uso inadequado nas salas de aula devido a formação insuficiente dos educadores e preconceitos em relação à suas implicações sociais, culturais e educacionais, além de sua integração à escola sem um exercício reflexivo sobre suas mensagens e seus meios de produção. São defasagens que prejudicam a formação das novas gerações (BELLONI; BÈVORT, 2009).

As novas tecnologias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos que geram novos modos de perceber a realidade, produzir e difundir conhecimentos, e funcionam como uma espécie de escola paralela em que as novas gerações interagem de forma mais atrativa e mais interessante que as instituições escolares. Assim, paralelamente, os educandos desenvolvem novas habilidades cognitivas e colaborativas que os professores ainda ignoram devido à morosidade com que as escolas adotam o uso da mídia-educação e a falta de uma formação adequada para lidar com esses novos e sofisticados recursos (BELLONI; BÈVORT 2009).

A integração das TIC's na escola é fundamental para cumprir com seu papel de formar as novas gerações para que elas se apropriem das mídias de forma crítica e criativa para compensar as desigualdades e serem agentes de socialização entre os jovens que vivem diferentes realidades sociais. Enquanto o mercado se apropria rapidamente desses recursos, as instituições educacionais enfrentam dificuldades para efetuar as inovações pedagógicas e educacionais para integrar os novos dispositivos. A escola tem a função de auxiliar os jovens a utilizar as TIC's como meios de participar e expressar suas opiniões e saberes, mas os educadores não recebem a formação necessária para efetivar este trabalho, devido à complexidade das novas ferramentas como afirmar Belloni; Bévort (2009).

A forma acelerada com que a tecnologia se desenvolve não é acompanhada pelo desenvolvimento social e humano. Freire (1995) nos mostra as discrepâncias desses processos e os contrastes que essa aceleração provoca:

Hipnotizados pelos espelinhos, percebemos crescentemente o capitalismo como gerador de escassez: enquanto aumenta o volume de brinquedos tecnológicos nas lojas, escasseiam o rio limpo para nadar ou pescar, o quintal com as suas árvores, o ar limpo, água limpa, a rua para brincar ou passear, a fruta comida sem medo de química, o tempo disponível, os espaços de socialização informal. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas e compradas. (FREIRE, 1995, p. 12)

O capitalismo, associado ao desenvolvimento tecnológico, a lógica de mercado e as formas de entretenimento produzidas pela indústria cultural causam uma revolução social que opera mudanças sem precedentes nas formas de se viver, alterando a natureza humana e colonizando os sentimentos e os hábitos:

Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro (ibid., p. 131).

De acordo com Freire, quanto mais entretenimento, mais riscos de comprometer o entendimento. “Não podemos estar disponíveis ao que vier”, portanto, a mente e a curiosidade devem estar “epistemologicamente” funcionando constantemente contra o ocultamento das verdades e a “farsa ideológica” que o sistema provoca (FREIRE, 2000). “O ser humano, que já se encontra em um processo de alienação e uma luta incessante contra os abusos do capitalismo e o “extraordinário poder das mídias”, assiste, atônico e impotente, o “fim da história” (2000, p. 49). Nas palavras de Freire, “ao constituir-se, o sistema capitalista estava fadado a acabar com a própria história” (ibid., p.33).

De acordo com a pesquisa realizada por Belloni e Bévort (2009), já nos anos 60 o interesse pela mídia passa a ocupar importantes discussões em torno de seus riscos, devido à sua crescente importância na vida cotidiana: “os perigos da influência ideológica, o receio de uniformização estética e empobrecimento cultural pela padronização de fórmulas de sucesso do cinema e do rádio, agora estandarizados pela televisão” (ibid., p.1085).

Segundo as autoras, à medida que os meios de comunicação evoluem, a indústria cultural, a publicidade e os avanços tecnológicos constroem o modelo do futuro que estamos vivenciando: a industrialização da cultura e da informação efetivados pelo processo de globalização. De acordo com Freire (1996):

O discurso da globalização astutamente oculta ou nele busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na história. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ele vem robustecendo a riqueza de uns poucos e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1996, p. 127-8).

É o novo mundo delineado pela globalização e efetivado pelas evoluções tecnológicas, atualizando o romance distópico de Aldous Huxley, *Admirável mundo novo* (2017) publicado em 1932, no qual são anunciados os perigos de um mundo administrado e manipulado pela engenharia genética e as grandes evoluções técnicas, ou o romance *1984*, de George Orwell, publicado em 1949, que anuncia uma vida vigiada pelo *Big brother* através de telas, mostrando a manipulação da história e o controle das consciências através de propagandas políticas e ideológicas, adestramento comportamental, mundialismo (ou globalização) e intoxicação coletiva (ORWELL, 2019).

Segundo Paulo Freire, a ideologia e a propaganda constituem a tragédia moderna através de receitas prontas que tiram do homem o poder de tomar decisões por conta própria, levando-o à massificação e à domesticação. Freire (1996) afirma:

O poder dominante, entre muitas, leva mais uma vantagem sobre nós. É que, para enfrentar o ardil ideológico de que se acha envolvida a sua mensagem na mídia, seja nos noticiários, nos comentários aos acontecimentos ou na linha de certos programas, para não falar da propaganda comercial, nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente todo o tempo. Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o televisor (*atualmente a tela do celular ou o computador*) diante do qual nos achamos não é tampouco um instrumento que nos salva (FREIRE, 1996, p.140).

Portanto, a necessidade de uma consciência crítica torna-se cada vez mais importante à medida que a sociedade e os meios de comunicação se tornam mais sofisticados e mais complexos. “Quanto mais dinâmica uma época na gestação de temas próprios, tanto mais terá de usar, como salienta Barbu, “cada vez mais funções intelectuais e cada vez menos funções puramente instintivas e emocionais”” (ibid. p. 44).

A necessidade de adquirir conhecimento e desenvolver o intelecto para lidar com as novas formas da sociedade é fundamental para que o homem possa perceber as mudanças que estão ocorrendo em seu tempo sem se tornar vítima do próprio processo de desenvolvimento científico e tecnológico. Freire (1967) afirma:

O momento de trânsito propicia o que vimos chamando, em linguagem figurada de “pororoca” histórico-cultural. Contradições cada vez mais fortes entre formas de ser, de visualizar, de comportar-se, de valorar, do ontem e outras formas de ser, de visualizar e de valorar, carregadas de futuro. Na medida em que se aprofundam as contradições, “a pororoca” se faz mais forte e o clima “dela” se torna mais e mais emocional. FREIRE, 1967, p.45).

O modelo de educação passivo e de transmissão mecânica de conteúdos não corresponde mais à necessidade dos educandos em relação à complexidade dos temas que circulam, as formas de abordagem e os posicionamentos, tais como: meio ambiente, preservação, consumo responsável, democracia, extremismo, racismo, feminismo, igualdade de gênero, entre tantos temas atuais em pauta que demandam posicionamentos responsáveis e debates que possam circular na sociedade, para que os problemas possam ser solucionados e a sociedade seja mais justa e democrática, respeitando as liberdades, as diferenças e a sustentabilidade. A educação escolar é o meio por excelência para a formação e o desenvolvimento da consciência crítica que seja capaz de romper com os modelos vigentes e os posicionamentos sectários e possibilitar o rompimento com os antigos modelos.

De acordo com Paulo Freire “há uma espécie de “nuvem cinzenta” envolvendo a história e afetando, ainda que diversamente, as diferentes gerações – “nuvem acinzentada” que é, na verdade, a ideologia fatalista, opacizante, contida no discurso neoliberal”. (FREIRE,2000, p.52)

Nora Merlin (2021) relata que o poder neoliberal “quer uma cultura de individualidades; de indivíduos sem pensamento crítico que forma a massa”. Ela afirma que “a morte da política, sempre anunciada pelos cânones neoliberais, retorna à sociedade como ódio, como destruição física e moral” (2021, s.p.). Segundo Merlin a demonização de dirigentes políticos de esquerda e líderes sindicais é uma estratégia do neoliberalismo para “aniquilar as diferenças” e pregar a homogeneização dos discursos e a massificação. As redes sociais, de acordo com ela, ajudam a propagar esses discursos. Conforme a pesquisadora, através da manipulação dos afetos que traz a sensação de desamparo, angústia, medo, culpa, “o neoliberalismo não é possível sem uma colonização psíquica, que responde pela obediência inconsciente” (2021, s.p.).

Nos dias atuais, apesar da ideia de liberdade que as pessoas acreditam possuir, a submissão continua através dos discursos neoliberais com a ênfase dada à meritocracia,

o empreendedorismo, a uberização, a ausência de vínculos com um empregador que acarreta na perda dos direitos trabalhistas e na responsabilização do sujeito pelo seu desempenho, seu lucro, através da sua disponibilidade e disposição para prestar serviços sem vínculos empregatícios (MERLIN, 2021). A partir do momento em que dispomos nosso tempo, nossos dados, nossos cliques e visualizações nas redes sociais para o funcionamento de um sistema, estamos contribuindo com o fortalecimento das grandes corporações de tecnologia e as classes trabalhadoras ficam cada vez mais enfraquecidas.

Segundo Merlin, o capitalismo é “como um vírus que foi tomando todos os aspectos da cultura e invadindo as relações sociais, amorosas, de amizade, laborais, foi tomando os governos e o coração da subjetividade” (2021, s.p.). Com o individualismo e a meritocracia pregada pelo neoliberalismo, a subjetividade é afetada de forma negativa, pois não há a possibilidade de desenvolvimento da consciência nem de si nem do mundo. Dessa forma, nos adaptamos, incapacitados de atuar no mundo e de romper com o sistema (FREIRE, 2000). Segundo o educador, “do ponto de vista mecanicista, a subjetividade é simples reflexo das condições materiais. Transforme-se a objetividade e a subjetividade automaticamente muda” (ibid., p. 41). Não aleatoriamente, o sistema cria as condições necessárias para impedir o acesso à transformação através dos recursos tanto materiais quanto imateriais, colonizando a subjetividade e mantendo a servidão e a alienação. Segundo Freire (2000):

Não é por outra razão que a pura memorização mecânica do perfil do objeto não constitui conhecimento cabal do objeto. Daí que, na experiência cognitiva verdadeira, a memorização do conhecimento se constitui no ato mesmo de sua produção. É apreendendo a razão de ser mesmo do objeto que eu produzo o conhecimento dele. (FREIRE, 2000, p.41).

Paulo Freire, em contrapartida, e com postura sempre engajada para a luta contra o dominador, recusa a “ideologia da despolitização da administração pública e uma democracia fundada na ética do mercado que, malvada e só se deixando excitar pelo lucro, inviabiliza a própria democracia” (FREIRE, 2000, p.24). Atento em relação ao poder devastador do inimigo político ele alerta que, como quer a lógica neoliberal, “com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada, não se pode lutar” (ibid., p.23).

O neoliberalismo, enquanto um sistema que valoriza a individualidade, a competição, a homogeneização dos discursos, assim como a massificação do

pensamento crítico, é vista pelos analistas como a principal ameaça para o desenvolvimento humano. As novas tecnologias, as redes sociais, as novas formas de trabalho, são vistas como as formas de dominação atualizadas pelo desenvolvimento tecnológico para o fortalecimento de grandes corporações e o desamparo de milhares de seres humanos que perdem seus empregos, suas condições de subsistência e sua capacidade de compreensão da realidade em uma luta incessante pela sobrevivência, sem condições de buscar o desenvolvimento intelectual e a consciência crítica que possa libertá-los da opressão.

A lição de Paulo Freire é que estejamos sempre “desconfiados” em relação às propostas que são apresentadas para dinamizar o processo educativo, para não cair no risco de uma formação técnica e mecanicista que visa atender aos interesses do mercado e do sistema. Assim, a discussão sobre as mídias na educação é importante para compreendermos que, enquanto produção humana, nós somos os seus mediadores e não podemos dar a elas a autonomia e visibilidade que as faça assumir o lugar de sujeito na história, fetichizando-as a ponto de nos tornarmos meros objetos para o funcionamento do sistema.

A importância de uma educação crítica em relação à sua organização e aos instrumentos que são disponibilizados para efetivar o processo educativo devem ser constantemente analisados e questionados pelo educador progressista para que ele não ceda às facilidades e aos “encantos” da evolução tecnológica. De acordo com Freire (2000)

É preciso sublinhar a educadoras e educadores de boa vontade equivocados que quanto mais se esvazie a educação dos sonhos, por cuja realização se lute, tanto mais o lugar dos sonhos vai sendo preenchido pelas técnicas até chegar o momento em que a educação é a elas reduzida. Aí, então, a educação é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo (FREIRE, 2000, p. 45)

Diante do grande impacto causado pela inserção das mídias na educação, Paulo Freire fala sobre a necessidade de os educadores se empenharem em compreender a realidade através de pesquisas, estudos e reflexões em sua prática docente.

Conforme observamos, a mídia educação tornou-se na atualidade parte central dos modos de produção, reprodução e transmissão de cultura e informação. Para Paulo Freire, este estágio de desenvolvimento é impulsionado pelo capitalismo. O educador

defende que, se tal progresso não visa a atender as necessidades da existência humana e se constitui uma ameaça para a espécie humana, trata-se de questões éticas e políticas, não podendo assim culpabilizar a tecnologia.

Para Paulo Freire é preciso questionar os avanços tecnológicos quando estes representam uma ameaça para os seres humanos a favor da ética de mercado. Os perigos da manipulação ideológica e do empobrecimento cultural já se mostraram presentes nas reflexões dos estudiosos a respeito da inserção das mídias na sociedade e na educação, desde o início dos anos 60, conforme visto neste item.

Para lidar com os riscos dessas influências e a compreensão dos processos do desenvolvimento tecnológico, a necessidade do desenvolvimento intelectual torna-se aspecto fundamental para a superação dos desafios impostos. O rompimento com os antigos modelos é fator essencial para a transição da sociedade e a compreensão dos novos temas que circulam entre as diferentes gerações. A discussão sobre a relação entre as mídias na educação e a concepção de educação de Paulo Freire nos permite trazer questões como a presença das fake-news, a dificuldade de diálogo entre opiniões diferentes, a polarização das ideias e a sobreposição das opiniões sobre os fatos. Ocorre que os debates se tornam cada vez mais empobrecidos nas redes sociais, onde só são aceitos os discursos nos quais todos pensam igual. Com a mídia-educação, a escola deve assumir a responsabilidade de propor debates sobre essas novas práticas por um viés crítico e reflexivo e a pedagogia freireana nos dá as ferramentas necessárias para a compreensão e o enfrentamento desses novos desafios.

2.2 - Disseminação das mídias e suas implicações com a educação

A expressão “educação para as mídias” ou “mídia-educação” surge a princípio como novos meios de comunicação e alfabetização à distância para populações privadas de instituições de ensino. Educadores e intelectuais não deixam de se preocupar com os riscos de manipulação política, comercial e ideológica desses novos formatos de educação, como afirmam Belloni; Bévort (2009). De acordo com as pesquisas destas autoras sobre o percurso das decisões da Unesco em relação à implementação da mídia-educação, é definido então duas dimensões distintas: objeto de estudo e ferramenta pedagógica. Essas dimensões vão se desenvolvendo e ocupando diferentes perspectivas e interesses com o desenvolvimento das determinações da Unesco em diversos encontros que ocorreram ao longo das últimas décadas (BELLONI; BÉVORT, 2009).

Enquanto ferramenta pedagógica, a mídia-educação passa a ser amplamente desenvolvida nos EUA e América Latina, visando melhorar os sistemas educacionais nos países de terceiro mundo. Enquanto objeto de estudo, a proposta é que ocorra uma leitura crítica das mensagens midiáticas no contexto educativo, paralelo aos usos das ferramentas tecnológicas, segundo as autoras. Nesse sentido, Paulo Freire se posiciona em relação à influência da televisão na formação: “a alfabetização na televisão não é lutar contra a televisão, mas como estimular o desenvolvimento da curiosidade e do pensar críticos” (1995, p.48). As propostas da Unesco são na direção de dar o suporte técnico e teórico em relação à implementação das mídias nas escolas. Belloni; Bévort mostram em suas pesquisas os avanços e os retrocessos dessas políticas na educação (2009).

Com a revolução tecnológica no final do século XX, as mídias convencionais (rádio, tv, cinema e impresso) sofrem uma mutação tecnológica sem precedentes com o advento da cultura digital, ou seja, a internet. Com ela se desenvolve uma série de dispositivos que revolucionam as possibilidades de se comunicar, produzir e difundir informação. Os celulares e os jogos eletrônicos se tornam cada vez mais sofisticados, permitindo interação e entretenimento, assim como acesso sem limites à informação. Nas palavras de Belloni; Bévort “as mídias tornam-se mais individualizadas, impregnantes e invasivas” (2009, p.1091).

Diante da nova realidade, somos desafiados a viver em uma “sociedade em rede” em que as questões políticas, econômicas e educacionais são colocadas de forma abrupta e muitas vezes sem uma elaboração consciente e crítica, permeada por interesses políticos, comerciais e ideológicos, veiculadas pela internet em tempo hábil e de forma irrefletida. Paulo Freire (1995) nos desafia a pensar:

Na medida em que aceitamos que a economia, ou a tecnologia ou a ciência, pouco importa, exerce, sobre nós um poder incorrigível não temos outro caminho senão renunciar à nossa própria capacidade de pensar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. Reduzida a ação de viabilizar o já determinado a política perde o sentido da luta pela concretização de sonhos diferentes. Esgota-se a eticidade de nossa presença no mundo (FREIRE, 1995, p. 27).

A implementação da mídia-educação se impõe de forma ainda mais urgente e mais complexa. É preciso lidar com a cultura midiática muito mais interativa e participativa e com fronteiras indefinidas entre quem produz as mensagens e a massa de consumidores, suscetíveis à manipulação ideológica e interesses políticos e econômicos.

A indústria cultural potencializa-se com o modelo de globalização e política neoliberal, invadindo todas as esferas da vida social em escala planetária (BELLONI; BÉVORT, 2009).

Em 1982, a Unesco deu um salto na adoção das mídias no campo educativo e adota, juntamente com 19 países, “uma declaração comum sobre a importância das mídias e a obrigação dos sistemas educacionais de ajudarem os cidadãos a melhor compreender esse fenômeno” (BELLONI; BÉVORT, 2009). Dessa forma, a Unesco “reconhece a enorme importância das mídias na vida cotidiana e em todas as esferas sociais[...] enfatizando a responsabilidade dos “sistemas educacionais” na promoção de uma compreensão crítica desses fenômenos” (ibid., p.1087).

Logo, mídia-educação significa, como afirmam as autoras, sobretudo a formação crítica das mídias, sem deixar de reconhecer seu potencial para a formação criativa e participativa dos cidadãos, assim como seu potencial democrático.

Nesta reunião ocorrida em 1982, na Alemanha, foi assinada então a Declaração de Grünland, que passa a ser o documento fundador da dupla dimensão da Mídia-educação, vem sendo proposta desde o início, evoluindo ao longo das próximas décadas e sendo explicitada na convenção de Paris, em 2007, explicada com mais detalhes nas páginas abaixo (BELLONI; BÉVORT, 2009).

Em 1990, a Unesco promoveu outro colóquio internacional com representantes de diversos países e áreas de atuação, sendo o Brasil representado pela Fundação Roberto Marinho. A ênfase é dada no desenvolvimento do espírito crítico e criativo no uso das mídias e a participação dos membros da comunidade na produção e distribuição de mensagens e conteúdos, viabilizando a democratização da comunicação. Belloni; Bévort avaliam a preocupação com a escuta e a participação efetiva das crianças e jovens neste documento (2009).

Conforme as autoras, a conferência Internacional realizada pela Unesco em Viena, em 1999, ressalta, pela primeira vez, a “consideração das crianças e adolescentes como parceiros efetivos na discussão e definição de propostas” tomando por base o “espírito da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente”. Outro elemento considerado importante é a discussão sobre as mutações tecnológicas não mais

como meros suportes técnicos, mas como elementos de reflexão sobre suas “repercussões socioculturais, cognitivas, linguísticas e estéticas” (ibid., 2009, p. 1092).

Neste encontro, como relatam as autoras, pela primeira vez os jovens assumem papel ativo e mostram seu potencial criativo, gravando o encontro e produzindo um documentário que capta a “atmosfera da conferência, o compromisso dos especialistas e a presença ativa dos jovens” (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.1092). A conferência busca reafirmar a convicção de que a mídia-educação e a participação das crianças e adolescentes são caminhos necessários à informação e participação em decisões que lhes dizem respeito, a efetivação da liberdade de expressão, como está expresso nos artigos 12,13 e 17, respectivamente, da Convenção dos Direitos das Crianças e Adolescentes. (BELLONI; BÉVORT, 2009, p. 1093).

Com relação às necessidades e finalidades da mídia-educação, os países ricos destacam a necessidade de formação de indivíduos críticos e participativos, enquanto os países mais pobres destacam a importância da mídia-educação para a formação da cidadania, democratização e justiça social, conforme a pesquisa de Belloni; Bévort (2009). São caminhos diferentes que os jovens percorrem devido às necessidades impostas por sua realidade social e as desigualdades de condições que experimentam em relação aos países mais desenvolvidos, além das desigualdades existentes em seu próprio país. Dessa forma, os jovens dos países periféricos têm seu percurso de desenvolvimento comprometido e permanecem em desvantagem em relação aos países desenvolvidos, inviabilizando a possibilidade de igualdade entre eles em relação aos objetivos propostos. Belloni; Bévort explicam sobre a integração entre novas tecnologias e os processos educacionais:

A questão mais importante é a integração destes dispositivos técnicos aos processos educacionais e comunicacionais. Nas sociedades contemporâneas, esta integração tende a ocorrer de modo bastante desigual: ela é alta e rápida nos processos de comunicação, onde os agentes (as “mídias”) se apropriam imediatamente das novas tecnologias e as utilizam numa lógica de mercado; e tende a ser muito baixa nos processos educacionais, cujas características estruturais e institucionais dificultam mudanças e inovações pedagógicas e organizacionais, que a integração de novos dispositivos técnicos acarreta. Além desta desigualdade estrutural, é preciso ressaltar outras, igualmente importantes: o acesso e a apropriação das TIC ocorrem também de modo muito desigual, segundo as classes sociais e as regiões do planeta (BELLONI; BÉVORT, 2009, p. 1084).

Os obstáculos apontados pelas autoras sobre os relatos da conferência, dizem respeito à efetivação e desenvolvimento da mídia-educação, assim como sua integração

nos sistemas educacionais, a falta de vontade política e de apoio dos organismos oficiais, ausência de políticas públicas e falta de investimentos. O desinteresse das mídias oficiais também é ressaltado nos documentos da Unesco no que diz respeito a renunciarem a seus interesses para se adaptarem à escola e “tampouco se pode esperar muito das famílias” (UNESCO 1984 apud BELLONI; BÉVORT, 2009).

Sem a ajuda das famílias na conscientização e controle do uso das mídias, torna-se ainda mais difícil a concretização do que prevê o documento da Unesco. O desinteresse do estado, que assume cada vez mais um posicionamento distante dos interesses da população mais vulnerável e ocupa-se, sobretudo, com as políticas neoliberais e privatistas, efetiva a não efetivação da proposta da Unesco. Visando o desenvolvimento comercial e o lucro com o sucateamento da educação pública e o abandono dos profissionais da educação em relação à formação, a tarefa da escola torna-se exaustiva e pouco eficaz na concretização de uma educação crítica e consciente que se pretende democrática e criativa. Primeiramente, os interesses do mercado e da manutenção da lógica capitalista se sobrepõem às políticas públicas. Consequentemente, a ação dos educadores comprometidos com a formação na perspectiva freireana se torna ainda mais árdua.

As mídias de massa, baseadas na publicidade comercial, precisam de audiências desavisadas, distraídas, embevecidas pelas aventuras dos heróis das ficções ou embaladas por informações fragmentadas, prontas a aceitar sem pensar os argumentos de mensagens publicitárias animadas, coloridas, envolventes. Os sistemas de mídia necessitam de públicos não-educados, acríticos, cujo tempo de cérebro suas mensagens preenchem (BELLONI; BÉVORT, 2009, p. 1084)

A crescente evolução das ferramentas tecnológicas foi prevista na Declaração de Grünland em 1982, ao citar os “satélites, sistemas de cabo e a combinação do computador e da tv”. Na convenção de Paris (2007) é elaborado novo documento que passa a caracterizar a mídia-educação como uma “alfabetização alargada” que integra o ensino da linguagem e da comunicação de forma mais ampla, prevendo “experiências midiáticas dos jovens fora da escola” para, a partir de tais experiências, ensinar sobre as mídias (BELLONI; BÉVORT, 2009). Ou seja, pressupõe-se que a escola assuma a responsabilidade de fazer com que as novas gerações tragam suas experiências para o ambiente escolar e que a escola esteja apta a promover reflexões e usos mais críticos, mais criativos e colaborativos com o uso das mídias. Espera-se neste documento que as famílias, professores e comunicadores, assim como lideranças políticas e econômicas se

unam para a promoção de uma consciência mais crítica, segundo análise apresentada por Belloni; Bévort (2009).

A declaração, segundo as autoras, enfatiza sobre o necessário comprometimento das autoridades políticas com a realização de políticas públicas que assegurem a presença da mídia-educação no campo da educação, nas dimensões de ferramentas pedagógicas e como objeto de estudo, como prevê a declaração de Grünland de 1982, agora reforçado na convenção de Paris de 2007 (BELLONI; BÉVORT, 2009). Pressupõe-se, então, que as escolas sejam equipadas com as ferramentas necessárias e os professores estejam participando de formações que os orientem em relação ao uso dessas ferramentas nas duas dimensões previstas, tanto técnicas quanto críticas. Com relação à maneira como os educadores e as famílias devem lidar com os novos desafios, Paulo Freire escreve:

Rigorosamente, a importância de nossas tarefas tem que ver com a seriedade com que levamos a cabo, com o respeito que temos ao executá-las [...]. Tem a ver com o sentido ético de que as tarefas devem “molhar-se com a competência com que as desempenhamos, com o equilíbrio emocional com que as efetivamos e com o brio que por elas brigamos”. (FREIRE, 1995, p.24).

Apesar do engajamento da sociedade civil, profissionais da educação e movimentos culturais em práticas inovadoras de caráter militante e alguns avanços, não houve políticas públicas significativas para a integração da mídia-educação nas escolas, como era previsto na declaração, conforme as autoras Belloni; Bévort (2009). Elas salientam que, na comemoração dos 25 anos da Grünland, em 2007, a agenda de Paris analisa os reais avanços conquistados na mídia-educação e a conclusão é que a mídia-educação não se efetivou ou mesmo tenha se tornado prioridade no sistema educacional. Segundo Belloni; Bévort (2009):

Embora, nesta última década, educadores militantes tenham realizado projetos interessantes, jornalistas e comunicadores de boa vontade tenham refletido e discutido sobre suas responsabilidades, experiências, e declarações não tenham faltado, dificilmente podemos dizer hoje que a batalha está ganha e que a mídia-educação penetrou na escola e se tornou prioridade na sociedade. Até hoje, nenhum sistema educativo integrou oficialmente a mídia-educação como uma prioridade ou conseguiu difundir seu espírito e sua importância entre os educadores em geral (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.1095)

Foram elaboradas, neste encontro comemorativo de 25 anos em Paris, 2007, 12 recomendações como prioridade para a promoção da mídia-educação, considerando sua importância para a formação de uma sociedade mais “plural, inclusiva e participativa”.

Dentre as recomendações, estão: a formação de professores; desenvolvimento de métodos apropriados que possibilitem a reflexão e a experimentação, sem receitas prontas; mobilização de todo o universo escolar e mais integração entre este e a sociedade. Considera-se, também, a importância da mobilização dos setores políticos para a elaboração e efetivação de políticas públicas que viabilizem o acesso das escolas às ferramentas necessárias para a implementação da mídia-educação nas escolas (UNESCO 2007, apud BELLONI; BÉVORT, 2009).

Assim, com a implementação da mídia educação, populações privadas de acesso às instituições de ensino passaram a fazer uso dessa modalidade, trazendo preocupação a intelectuais e educadores com esse formato de educação. A mídia – educação passa a ter duas dimensões no contexto educativo: objeto de estudo e ferramenta pedagógica, conforme determinações da Unesco. Dessa forma, a mídia-educação deve envolver a dimensão crítica e formativa.

As mutações tecnológicas sofridas pelas mídias convencionais revolucionam as formas de comunicação e de interação, sem limites de acesso ao entretenimento e à informação. Diante desses novos desafios, Paulo Freire nos convida a refletir sobre o poder das mídias sobre nossa capacidade de pensar e de compreender os caminhos impostos pela indústria cultural e pelas políticas neoliberais.

É importante ressaltar o abismo existente entre os países desenvolvidos e os países periféricos. São realidades diferentes e desigualdades de condições que comprometem o acesso, o desenvolvimento e a compreensão dessa nova realidade, mantendo e/ou aprofundando ainda mais as desigualdades existentes, o modelo de exploração, e a permanência das injustiças sociais.

2.3 – A cultura digital no ambiente escolar – possibilidades de diálogo com Paulo Freire

Lidar com a cultura digital dentro das salas de aula tem sido um desafio cada vez maior para os educadores e para os educandos, uma vez que estes estão constantemente conectados. Não raro, os educandos, nativos digitais, usam as novas mídias com naturalidade e de forma irrestrita, mas sem a maturidade necessária para refletir sobre as questões que envolve essas novas ferramentas. Os educadores, chamados de migrantes digitais - pois são anteriores ao surgimento da cultura digital, ao contrário das novas

gerações, chamadas de nativos digitais - compreendem seus riscos e enfrentam grandes desafios para a sua adesão nas metodologias de ensino.

Não é novidade que normalmente as redes sociais estão presentes nas salas de aulas e à escola, como espaço de formação e construção de conhecimento, é imposto o uso das tecnologias de acordo com a nova realidade e as demandas das novas gerações. O intuito é desenvolver os saberes dos educandos e proporcionar uma formação crítica que possibilite a compreensão da realidade social e histórica e contribua o quanto possível para a sua transformação, buscando diminuir a desigualdade em relação ao acesso e possibilitando a construção do conhecimento de forma dinâmica e democrática. Paulo Freire nos leva a questionar: “E o que fazemos com as exigências que a própria tecnologia nos coloca de contarmos com indivíduos prestos, rápidos nas respostas variadas e adequadas a desafios inesperados? Será que o treinamento técnico prepara indivíduos assim?” (FREIRE, 1995, p. 49). Ele coloca em questão a tendência de se utilizar as ferramentas tecnológicas a favor da ideologia neoliberal que estabelece a exigência de que as pessoas estejam aptas a tomar “decisões rápidas e variadas a desafios inesperados”, próprios do “momento atual e de contextos que sofrem o impacto da modernidade tecnológica” (ibid., p. 45).

É necessário buscar compreender e estar atento às diversas possibilidades de usarmos as ferramentas digitais a favor do processo de ensino-aprendizagem, de modo a permitir que o aluno se torne mais interessado e as aulas mais dinâmicas e interativas, dialogando com a contemporaneidade e os recursos que ela dispõe, de forma crítica e consciente. O uso das tecnologias em sala de aula é importante tanto pelas suas possibilidades de apoio ao professor quanto pelo interesse dos educandos por essas ferramentas, a troca de informações e a aproximação entre aluno e professor. O acesso a um número ilimitado de informações e ferramentas sofisticadas talvez possam ser usadas como instrumentos que dinamizem o processo educativo, tornando-o mais coerente com as necessidades e habilidades do aluno no momento presente, dadas as novas formas de se comunicar às quais estão habituados. Entretanto, é importante que o educador adote essas novas possibilidades de forma consciente e adequada, para que possa utilizá-las em suas metodologias, renovando-as e abrindo espaço para atividades cocriativas, onde aluno e professor compartilham seus conhecimentos e criam juntos novos saberes, valorizando a contribuição que cada um pode oferecer.

Paulo Freire entende as mudanças do tempo histórico e não diaboliza os avanços técnicos e científicos próprios de cada época, mas se mostra atento aos problemas que eles provocam: Neste sentido Freire (1967) explica:

A falta de permeabilidade parece vir sendo dos mais sérios descompassos dos regimes democráticos atuais pela ausência, dela decorrente, de correspondência entre o sentido de mudança, característico, não só da democracia, mas da civilização tecnológica e uma certa rigidez mental do homem que, massificando-se, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. Excluído da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que, em nada confia ou acredita, se não ouviu no rádio, na televisão, ou não leu nos jornais” (FREIRE, 1967, p.90-1).

O grande impacto da tecnologia no atual contexto histórico-cultural é um fato concreto, mas a prática pedagógica dependerá das mediações e intencionalidades da utilização dessas ferramentas. O papel do educador progressista na concepção de Freire é “estimular e possibilitar, nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervenção no mundo” (FREIRE, 1995, p.28).

Com o advento da internet, as exigências de transformação na educação se tornam cada vez mais desafiadoras devido aos processos culturais cada vez mais globalizados e mediatizados pela técnica, rompendo com os conceitos de distância, tempo e espaço (BELLONI, 2002). O poder de se comunicar em grande escala deixou de ser direito de alguns e passa ao alcance de todos. Diante desse novo modelo de comunicação é possível interagir e intervir, permitindo ao usuário a manipulação dos conteúdos em um processo cocriativo, rompendo com o modelo de emissão e recepção e possibilitando aulas dialógicas e o conhecimento do professor e do aluno sendo compartilhados entre si na elaboração dos conteúdos, visto que as gerações mais novas têm familiaridade com as ferramentas digitais.

O grande desafio do professor atualmente, em sua maioria educada no ensino tradicional com uma formação anterior à cultura digital, é vencer suas limitações e passar a utilizar as ferramentas tecnológicas para renovar suas estratégias didáticas e dialogar com as novas gerações. Com a familiaridade dos novos educandos com as ferramentas digitais, eles podem ser colaboradores no processo de ensino aprendizagem, contribuindo com os seus conhecimentos sobre essa nova formação cultural. Além de valorizar o saber do educando, o processo educativo pode tornar-se mais dinâmico e mais consonante com a realidade em que a geração atual está inserida e muitas vezes não sabe lidar de forma crítica. Segundo Belloni; Bévort (2009):

Com a difusão crescente em ritmo exponencial, mesmo em países pobres como o Brasil, das TIC e da internet, simples usuários sem formação específica podem ter acesso a mídias sofisticadas, que permitem interatividade e acesso à informação e entretenimento quase sem limites (BELLONI e BÉVORT, 2009, p. 1091)

A adesão apaixonada pode também trazer consequências severas à formação, tendo em vista que a busca por reflexão é o caminho que deve ser percorrido para uma formação mais integral. Os limites entre educação e entretenimento precisam ser bem definidos. De acordo com Freire (1996):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, reconhecer (FREIRE, 1996, p.86).

Para que o modelo interativo possa ocorrer e resultar em uma comunicação efetiva, a ação do educador é primordial. É necessário que ocorra o rompimento com o modelo tradicional e passivo e que a curiosidade e a participação do aluno sejam instigadas. O educador dispõe de novos meios para desenvolver sua prática e necessita também buscar e utilizar novos métodos, não somente enquanto técnica, mas de forma crítica, conforme prevê a agenda de Paris de 2007 mostradas na pesquisa de Belloni; Bévort (2009):

As formas e os sentidos que vão revestir estas novas potencialidades dependem dos modos de relações que os jovens desenvolverão com as mídias: uma direção mais democrática, crítica e criativa dependerá, em grande parte, das oportunidades de mídia-educação oferecidas às novas gerações (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.1092).

As escolas são o principal espaço de discussão e compreensão das possibilidades e dos riscos que todo o aparato tecnológico oferece e chega de forma cada vez mais acelerada. Como vimos, a presença das redes sociais no ambiente escolar é uma realidade desafiadora, sobretudo para os educadores.

As diversas possibilidades de usar as ferramentas digitais para impulsionar o desenvolvimento do educando é uma necessidade que desafia o educador a sair de seu lugar habitual e buscar desenvolver metodologias que abram espaço para a criatividade, a interação, o diálogo e a reflexão sobre e através dessas novas mídias presentes no ambiente escolar. O rompimento com o modelo tradicional é fundamental para a interação entre educandos e educadores.

As possibilidades de diálogo entre Paulo Freire e a cultura digital no ambiente escolar dizem respeito à forma como essa nova formação cultural se insere no contexto

educativo atual e as mudanças que ocorrem na comunicação. Com a nova cultura digital, a relação entre educador e educando é cada vez mais mediada pelas novas ferramentas tecnológicas, muitas vezes sem a devida reflexão crítica. Nesse sentido, a reflexão sobre a prática pedagógica se torna ainda mais relevante diante dos novos desafios na educação escolar. O modelo tradicional, sobretudo o modelo bancário, torna-se ainda mais obsoleto diante das novas formas de comunicação e informação possibilitadas pela cultura digital. A necessidade de uma educação dialógica e uma nova postura do educador diante dos novos desafios para uma formação mais crítica torna-se fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Diante da abrangência dos discursos que circulam com o advento da cultura digital, que passam a ser consideradas no âmbito escolar, surge a necessidade de uma nova mentalidade, devido à essa inserção das novas tecnologias de formação e comunicação. Não basta usar as ferramentas digitais e manter o modelo bancário de educação. Essas novas práticas pressupõem ações mais colaborativas e mais interativas. Emergem questões como a possibilidade de democratizar o conhecimento e as informações que circulam, ampliando as possibilidades de dizer, e surgem questões novas como a confiabilidade nas informações que a escola precisa lidar (BARBOSA, 2020).

Dessa forma, o diálogo com Paulo Freire se dá sobretudo em relação à necessidade de um rompimento com o modelo bancário de educação, a importância do diálogo e valorização do saber do educando para uma educação crítica e libertadora no contexto da nova cultura digital.

2.4 – Os desafios da escola online

O acesso aos conteúdos gerados pelas TIC's pode promover ampla democratização do conhecimento e apropriação do capital cultural produzido pela humanidade, possibilitando condições de acesso à cultura e ao conhecimento por camadas cada vez maiores da sociedade. O alto grau de desigualdade econômica e social e as enormes diferenças na educação formal limitam as possibilidades de se construir um projeto de ampliação de acesso à inclusão digital. A educação formal é fator decisivo para dotar os cidadãos de capacidade cognitiva para assimilar a cultura digital e produzir conhecimento. De acordo com Libâneo (2016) uma entre as três

orientações teóricas presentes nos cursos de formação de professores, conforme os documentos oficiais de políticas e diretrizes para a educação:

Defende um currículo assentado na formação cultural e científica em interconexão com as práticas socioculturais, tendo como pressuposto que a escola é uma das mais importantes instâncias de democratização da sociedade e de promoção de inclusão social, cabendo-lhe propiciar os meios da apropriação dos saberes sistematizados constituídos socialmente, como base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e a formação da personalidade, por meio do processo de ensino-aprendizagem (LIBÂNEO, 2016, p. 42).

A formulação de políticas públicas precisa abarcar, além de investimentos em equipamentos, uma efetiva e contínua melhoria nas condições do ensino básico e na formação continuada dos professores. A não efetivação dessas políticas trouxe para o contexto atual de pandemia e ensino básico à distância, grandes dificuldades e inúmeros obstáculos para os envolvidos no processo educativo, tanto educandos quanto educadores, aprofundando ainda mais as desigualdades e o acesso ao conhecimento.

A ascensão de governos neoliberais ao poder e as políticas de privatização e estado mínimo dificultam ainda mais a inclusão digital e a democratização do conhecimento. Libâneo (2016) analisa as estratégias do Banco Mundial para a educação, previstas para o período de 2011 a 2020:

Os papéis da escola e do ensino referentes aos conteúdos científicos e ao desenvolvimento da capacidade de pensar estão ausentes, a despeito do uso de termos edificantes como desenvolvimento humano, aprendizagem para todos, equidade, inclusão social. A escola se reduz a atender conteúdos “mínimos” de aprendizagem numa escola simplificada, aligeirada, atrelada a demandas imediatas de preparação da força de trabalho. O que precisa ser desvendado nesses princípios assentados na satisfação de necessidades básicas de aprendizagem é que, na verdade, trata-se de criar insumos para que o aluno alcance a aprendizagem como produto, deixando em segundo plano o processo de aprendizagem (LIBÂNEO, 2016, p. 47-8).

A função da escola passa a ser um espaço de produção de força de trabalho para o desenvolvimento do mercado e da economia, que exige uma formação rápida e simplificada para atender as necessidades do capital, excluindo dessa forma a valorização do conhecimento para a formação humana, assim como a desvalorização do papel do professor e a da escola.

O desafio das aulas remotas, realizadas através das novas tecnologias, veio à tona em março de 2020, quando as escolas passaram a funcionar online, ou seja, por meios digitais, devido à pandemia da COVID 19, que fez com que todas as escolas fechassem suas portas e passassem a funcionar via internet. Conforme Palú (2021):

A suspensão das aulas não impactou somente no que diz respeito aos aspectos pedagógicos, ao processo ensino-aprendizagem, mostrou a importância da escola enquanto instituição e espaço social. É por meio da escola que muitos alunos têm oportunidade de estar em um espaço adequado para estudar. (PALÚ, 2021, p. 94).

Muitos professores ainda excluídos digitalmente, sobretudo devido à ausência de políticas de formação continuada, alunos sem acesso à internet e as ferramentas necessárias, tiveram que se adaptar a “trancos e barrancos” à nova realidade no processo educativo. “O início das aulas remotas também mostrou o déficit de políticas públicas no que diz respeito à formação do professor, sendo que a maioria não estava preparada para esse novo formato” (PALÚ, 2021, P. 94-5).

Foi o cenário encontrado para a nova realidade enfrentada pela educação. Dessa forma, as novas tecnologias fizeram com que a desigualdade se acentuasse ainda mais. A questão vai além da aquisição de equipamentos. Em uma sociedade marcada por altas taxas de analfabetismo funcional e profundas desigualdades, como construir uma sociedade de infoincluídos? “A pandemia também evidenciou a necessidade de políticas públicas de formação contínua em tecnologias educacionais para professores, gestores, técnicos e alunos” (PALÚ, 2021, p. 96).

O professor Claudemir Belintane **ANO**fala dos “restos” que as pestes e pandemias deixam ao longo da história, tais como “experiências interessantes a serem pesquisadas e tematizadas, desde os aspectos médicos, biológicos e químicos sobre o vírus [...] até as mudanças nos comportamentos e relações sociais diante das situações de confinamento” (2021, p. 01). Segundo o professor, outra consequência é a diluição da “onipotência” e o “positivismo exacerbado” em relação à negação das diferenças e a tentativa de homogeneização da “subjetividade universal”.

Conforme Belintane,**ANO** o funcionamento virtual e online das escolas é um fator que agita o mundo da educação com a mudança de “ambiência” de ensino e aprendizagem. Ambiência no sentido de ambiente distinto de mero espaço físico, “perpassado e matizado por laços sociais, costumes e tecnologias humanos, ou seja, é um espaço sócio psíquico e histórico” (**BELINTANI**,2012, p.01). **BELINTANE**

Belintane **ANO** afirma que a mudança do ambiente escolar para o ambiente familiar abre espaço para “diversas possibilidades”, sobretudo para o mercado. “A presença da família em casa” compartilhando os aparelhos eletrônicos para o trabalho e

os estudos oferecem diversas possibilidades, dentre elas a vigilância e o julgamento dos pais sobre as aulas, o que gera uma “poderosa sombra de vigiadores sobre os vigiados” (2021, p. 02). **AUTOR**

O autor nomeia o fenômeno de “panoptismo”, que significa o monitoramento e o julgamento dos conteúdos e das performances dos professores. Desses vigiadores, poucos compreendem que “o conhecimento requer liberdade, intimidade, laços com outros diferentes do outro familiar – que só é possível crescer autonomamente enfrentando diferenças e ressignificando e expandindo os conhecimentos que vêm dos laços familiares” (BELINTANE, 2021, p. 02).

Belintane fala sobre a vontade que alguns pais têm de controlar o que os filhos aprendem e assim “preservá-los de supostas más influências que a escola poderia trazer para a família” (2021, p. 02). O “Homescholling”, antes da pandemia, já vinha sendo cogitado após a eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente, em 2018, envolvendo várias polêmicas sobre vigilância sobre os professores, com alunos sendo incentivados a filmar as aulas para que os pais se certificassem sobre o que estava sendo ensinado nas aulas. Conforme Belintane (2021):

A tal “homescholling”, nesta versão, ajuda nisso tudo, pois nega a educação básica, protegida pela constituição, e reivindica que famílias e religiões possam ter acesso direto às definições curriculares e programáticas do ensino. Questiona ou mesmo exclui alguns objetivos escolares laicos que expõem profundamente a análise dogmas religiosos, entre tantos, a ideia de estado e educação laicos, além das temáticas científicas que põem em xeque os pilares fundamentais da religião (origem da vida e do universo, a complexidade da sexualidade humana, a questão dos gêneros, as liberdades individuais e direitos de minorias, a (im)possibilidade da ressurreição, enfim, renegam o primado das ciências e das artes (BELINTANE, 2021, p.03)

Ele explica que, dessa forma, o “homeschooling” vem ao encontro dos interesses da escola sem partido, o controle sobre o trabalho dos professores e a oportunidade de evitar tensões relacionadas aos temas indesejados e às “contradições fundamentais da vida” (ibid, p. 03).

Nesse sentido, a Pandemia e as novas “ambiências” provocadas por ela vieram de encontro aos interesses dessa parcela da sociedade para a efetivação de seus objetivos de controlar o ensino e a aprendizagem.

A redução de gastos, investimentos nas escolas, formação de professores, investimentos no mercado de computadores e softwares que possam substituir os

professores e as escolas, são os possíveis horizontes dos sectários, os neoliberais e os fanáticos religiosos sequiosos por controle, poder, lucro e manutenção de privilégios. Conforme Palú (2021):

Todavia, se no período que antecedeu a pandemia já assistíamos a uma crescente interpelação e assédio de empresas privadas, institutos e fundações com vistas a adentrar no espaço público, tanto no que diz respeito à gestão educacional quanto escolar, durante a pandemia essas encontraram um terreno fértil, principalmente no que diz respeito às tecnologias educacionais e, em muitos casos, material didático, que passaram a se constituir uma necessidade imediata dos sistemas. (PALÚ, 2021, p. 97-8)

Belintane traz a ideia de escola uberizada, controlada por aplicativos que podem ser pagos conforme são utilizados. As possibilidades apresentadas pelo autor são assustadoras e típicas de um romance distópico se tornando realidade diante dos nossos olhos: “a família poderá escolher o nível de contato, a religião, a ideologia do professor, quantas e quais aulas presenciais no pacote com desconto e exigir seus brindes quando acumulam pontos” (BELINTANE, p. 04, 2021).

Para o autor, a sociedade da inteligência preconizada pelo desenvolvimento tecnológico contrapõe-se aos avanços sociais conquistados “a duras penas”. De acordo com ele, a educação pós-Covid - 19 fará avançar a “mediocridade” sem possibilidades de questionamentos e de subversões. Segundo Belintane(2021):

Mais do que nunca precisamos de debates, discussões, aprofundamentos, quebra de aquários e bolhas ideológicas, que só uma educação com lastros solidamente presenciais seria capaz de pôr em discussão de forma plural e livre. Mais do que nunca precisamos de professores bem formados, politizados, capazes de polemizar o conservadorismo, as proliferações, as fake-news e outras doutrinações que vem via redes sociais. Mais do que nunca precisamos trazer a complexidade analítica para dentro das escolas como forma de combater essa mediocridade política que parece ter virado moda” (BELINTANE, 2021, p.05).

O autor defende que somente a escola presencial e de interesses imediatos é capaz de promover os debates necessários para o desenvolvimento intelectual, da transformação pessoal e social e a possibilidade de reduzir as desigualdades de acesso e de oportunidades. De acordo com Belintane (2021):

Muita gente vem dizendo, com razão, que as linhas de força do discurso que subsistirão à covid 19 já vem sendo tecidas nas últimas décadas e os nós mal enjambrados pra fechar propostas decentes ou indecentes estão sendo dados agora, nesse momento singular em que a anormalidade vai se tornando regra (Ibid., p.06).

Belintane reforça a importância dessas discussões entre professores, sindicatos, movimentos sociais e estudantis, áreas de ensino e outras instituições decidirem os rumos da educação e o destino da nação.

Conforme Ged Guimarães (2021) a pandemia nos permite enxergar que na sociedade capitalista nada está à disposição da vida humana: PIBs, bolsa de valores, poder bélico, nenhum deles oculta a sua intenção de matar, assim como o vírus. Ele reitera que todo o progresso não foi capaz de vencer a pandemia: “a modernidade é filha muito mais das armas que matam e do discurso enganador do que se imagina”. Segundo ele, não é a cultura, não é a educação, não é a saúde que recebe a maior fatia dos PIB’s, mas a propriedade. Preservá-la é a finalidade do discurso neoliberal, ele afirma. Segundo Paulo Freire, “na visão pragmático tecnicista, contida em discursos necessariamente pós-modernos, o que vale é a transferência de saberes técnicos, instrumentais, com que se assegure boa produtividade ao processo produtivo” (FREIRE, 1987, p. 43).

Com todos os avanços tecnológicos e os problemas sociais e econômicos gerados pelo capitalismo exacerbado e as políticas que tentam sustentá-lo sem se importar com as vidas humanas, explorando-as e descartando-as como objetos quando não servem mais; com as ameaças que essas formas de gestão oferecem ao planeta com o esgotamento dos recursos materiais, a educação formal parece se assemelhar a uma mercadoria barata e vulgar que tem pouca utilidade em meio a tantos atrativos tecnológicos e os entretenimentos que dispõe. A forma como o conhecimento é oferecido e acessado não é interessante, nem estimulante e muito menos formativo. Nas palavras de Paulo Freire: “constatar essa preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como realidade ontológica, mas como realidade histórica” (1987, p.16).

A educação online expôs ainda mais a desigualdade de acesso às ferramentas tecnológicas e digitais necessárias para a efetivação de aulas que atendessem minimamente à demanda das escolas e dos educandos. Expôs ainda as lacunas na formação dos educadores em relação ao uso das tecnologias. Foi necessária uma adaptação em tempo recorde, através de um esforço homérico, exaustivo e de forma imperativa. Porém, mesmo os jovens e adolescentes mais adaptados à cultura digital sentiram o peso da ausência da escola e do convívio com colegas e professores,

compreendendo que estes espaços são fundamentais para a sua formação. Segundo Palú(2021):

[...]a escola é um espaço importante, sobretudo de formação humana, de transmissão do conhecimento, onde é possível acessar esse grande e importante legado da humanidade, mas, além disso, é o espaço da interação, convívio, é o local do cuidar e educar nossas crianças, jovens e adultos. Esse espaço não pode ser substituído por plataformas, principalmente quando estão associadas aos interesses mercantis cujos valores não são a educação de qualidade social, com vistas à emancipação humana. (PALÚ, 2021, p. 101).

Todos puderam entender também o quão exaustivo e desestimulante é o convívio constante através das telas de celulares e computadores. No prefácio de *admirável Mundo Novo* (2014), Huxley escreve:

Voltando ao futuro...se eu reescrevesse o livro agora [...]a ciência e a tecnologia seriam usadas como se, a exemplo de sábado, tivessem sido feitas para o homem e não (como no presente e em *Admirável Mundo Novo*) como se o homem tivesse de ser adaptado e escravizado a elas (HUXLEY, 2014, p. 9).

A possibilidade de democratização do conhecimento e apropriação do capital cultural produzido pela humanidade por camadas cada vez maiores da sociedade é um recurso que as novas tecnologias podem proporcionar para promover o desenvolvimento sócio cultural. A educação formal é fator decisivo para a promoção desse desenvolvimento. Contudo, é importante que esse conhecimento esteja permeado por reflexões críticas sobre as necessidades que constituem a espécie humana e as experiências que possibilitam o desenvolvimento humano. A substituição da vida real por uma existência virtual em que o homem se torna escravo dessas novas formas de vida, pode tornar o ser humano refém de sua própria criação.

Os riscos de manipulação ideológica e o rompimento com os antigos modelos ameaçam a transformação social, conforme Paulo Freire. No entanto, são recorrentes os retrocessos que ocorrem na sociedade, capitaneados por grupos conservadores, para a manutenção do *status quo*. O rompimento com os antigos modelos é essencial para a transição da sociedade e a transformação e compreensão da realidade. As transformações tecnológicas possibilitam novas formas de comunicação e superação dos limites de acesso ao conhecimento. Diante disso, Paulo Freire nos leva a questionar sobre os caminhos impostos pelas políticas neoliberais e as desigualdades que comprometem o desenvolvimento humano e social. A democratização do conhecimento e dos bens culturais produzidos pela humanidade para todas as camadas sociais é um

papel que as novas tecnologias são capazes de desempenhar através da educação formal, desde que esta se comprometa com a transformação da sociedade.

Cap. 3 - Relação entre tecnologia e educação na visão de Paulo Freire

Este capítulo pretende fazer um aprofundamento na relação entre as tecnologias na visão de Paulo Freire e a necessidade da compreensão crítica dessas ferramentas para que não sejam utilizadas para o aprofundamento da opressão e da desigualdade. Para o educador,

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não se chegará por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1987, p. 17).

De acordo com Freire, não é possível à sociedade revolucionária atribuir à tecnologia as mesmas finalidades que lhe eram atribuídas pela sociedade anterior (FREIRE, 1987).

O acesso à rede mundial de computadores nos coloca diante de uma infinidade de informações que na maioria das vezes nos passam despercebidas. Com a nova realidade das tecnologias de comunicação, aumenta a possibilidade e a necessidade de rompimento com o modelo baseado na transmissão. Cabe ao educador buscar compreender essa nova realidade e utilizar essas ferramentas de forma que possam auxiliar e ampliar o desenvolvimento do seu trabalho, conforme as demandas e os hábitos das novas gerações, familiarizados com as novas mídias, mas sem um olhar crítico sobre elas. Freire (2000) alerta:

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética estreita a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a serviço do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (FREIRE, 2000, p. 46).

A cultura digital é fruto do desenvolvimento do ser humano no seu percurso histórico, resultado do desenvolvimento das tecnologias, sobretudo a partir da invenção do cinema, ou seja, a imagem em movimento, depois a televisão e posteriormente a

internet, em uma junção de linguagens que se tornam cada vez mais complexas, interativas, aceleradas, acessíveis e atrativas. Sua utilização e seu aperfeiçoamento são consequências do avanço das técnicas e das demandas que vão sendo criadas para a sua adesão. Cada contexto tem suas particularidades quanto à utilização desses instrumentos, assim como seus objetivos e suas funções.

Normalmente, os educandos utilizam a rede social de maneira superficial, acessando conteúdos muitas vezes impróprios ou mesmo prejudiciais para sua formação, utilizando um tempo excessivo diante das telas e deixando de lado atividades importantes para o seu desenvolvimento, como brincadeiras ao ar livre, interação social ou mesmo o simples prazer de não fazer nada e desenvolver o hábito de observação e reflexão sobre sua realidade e sua presença no mundo. A facilidade de acesso através das mídias de comunicação de massa, que visa sobretudo audiência, incentivo ao consumo desregrado com fortes argumentos persuasivos através da publicidade, forte apelo sexual aliados à falta de orientação sobre o papel das redes comprometem os valores tanto morais quanto éticos e estéticos no processo de formação. Nas palavras de

Freire(1996): ESPAÇO

A ética de que falo não é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por essa ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar (FREIRE, 1996, p. 16).

Uma compreensão do alcance dos recursos tecnológicos, suas possibilidades e seus riscos para a formação passam a fazer parte do papel da escola, tanto como aparato técnico quanto como objeto de análise crítica. “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” (ibid., p. 33).

Pensar que o humano está superado pela “dimensão técnica” e que nada pode ser feito com relação à realidade altamente tecnológica não é uma possibilidade para o educador envolvido no processo educativo e na prática problematizadora. Agora inserido na cultura digital, enquanto professor ele precisa estar consciente das dificuldades impostas pelo momento histórico e cultural em que está atuando dentro da sala de aula, enfrentando constantes obstáculos no desenvolvimento do seu trabalho, em uma busca constante de análise, reflexão e diálogo, buscando proporcionar sobretudo

um posicionamento crítico sobre a realidade imersa na cultura digital. De acordo com Freire, não é possível à sociedade revolucionária atribuir à tecnologia as mesmas finalidades que lhe eram atribuídas pela sociedade anterior (FREIRE, 1987, p.90).

O impacto da tecnologia no contexto histórico-cultural é um fato concreto, mas a prática pedagógica dependerá das mediações e intencionalidades da utilização dessas ferramentas. A construção de uma nova prática pedagógica, em que o professor não é mais o *donos* do conhecimento, se dá num processo contínuo de troca de experiências e informações com o educando. O professor tem que sair de seu lugar habitual e promover a construção do conhecimento juntamente com o educando, numa troca mútua de saberes e experiências. Para Diker(2007):

por outro lado, podemos dizer que este processo é também um processo de registro de um campo a outro, que produz efeitos políticos e estéticos na medida em que distribui determinadas formas de enunciados e sujeitos de enunciação, posições de saber e não saber, capacidades e incapacidades (DIKER, 2007, p.15).³

As análises sobre o impacto da Cultura digital ainda são contraditórias e incertas, sobretudo sua inserção em grande escala nas práticas educacionais. É possível afirmar, nas palavras de Norbert Elias, que “os prazeres do olhar e da audição se tornam mais ricos, mais intensos, mais sutis e mais gerais [...] percebemos muito e nos movimentamos pouco. Pensamos e observamos sem sair do lugar” (Elias, 1994, p.100). Não é possível prever como as novas gerações configurarão seu olhar e suas experiências a partir dessa nova realidade virtual e os seus impactos pois ainda vivemos uma fase de “deslumbramento”.

A nova cultura digital, na qual a circulação de novas e surpreendentes formas de comunicar-se, adquirir e produzir conhecimento através da nova cultura digital, revoluciona constantemente as relações sociais e com o conhecimento, disponível como nunca antes na história da humanidade. Se, conforme Pinto (2005) esses dispositivos constituem uma projeção humana e é resultado de uma longa história feita pelo “acúmulo de aquisições cognitivas”, toda a sociedade contemporânea sofre o impacto dessas aquisições, modificando-se as relações sociais através da interação com essas novas formações culturais. Quanto à escola e sua relação com esses novos dispositivos, espera-se, pelo fato de esta se constituir o espaço por excelência que produz e dialoga

³ Tradução minha.

diretamente com o conhecimento formal e científico, que encontre meios ou possa estar à frente da compreensão dessa nova realidade, por mais desafiadora que seja. De acordo com **Pinto(2005): ESPAÇO**

Sendo esta a resposta do homem a uma necessidade imperiosamente sentida, não é preciso dizer que só se pode compreender essa necessidade se nela virmos uma expressão do desenvolvimento social. Toda técnica resume-se em responder a uma exigência da sociedade (PINTO,2005, p. 19)

Ao utilizar as ferramentas tecnológicas nas metodologias de ensino de forma reflexiva, inúmeras possibilidades de lidar com o conhecimento e desenvolver a linguagem e o pensamento podem ser exploradas.

3.1 – Tecnologia para impulsionar a conscientização

O acelerado desenvolvimento tecnológico e das mídias de comunicação e os debates em torno de sua inserção na prática educativa pressupõe a inclusão digital e uma atitude mais colaborativa e interativa entre o educando e o educador. Portanto, não é somente o aparato tecnológico que vai libertar a educação do modelo tradicional, mas a tomada de consciência de que esse modelo precisa ser reelaborado para se adaptar às novas gerações de modo a atender às novas necessidades comunicativas e de compreensão da realidade, visto que as novas formas de se comunicar sofrem um grande impacto com o advento da cultura digital.

Com o acelerado desenvolvimento das mídias de comunicação, sobretudo através da internet, circula uma infinidade de informações de sentidos opostos – algumas podem ser formadoras, outras podem interferir negativamente na formação, devido ao acesso irrestrito a todo conteúdo disponível e a ausência de uma compreensão crítica desses conteúdos. Os novos contextos gerados pela transformação nas estruturas capitalistas contemporâneas: “cibercultura, culturas híbridas⁴, paisagens

⁴ Nas culturas híbridas, misturam-se diversas culturas, em que convivem o erudito e o popular, o rural e o urbano, o moderno e o antigo, mixadas e transmitidas através das tecnologias e linguagens audiovisuais como fotocopiadoras, videocassetes, filmes, vídeos e vídeo games. (CANCLINI, 1997). A remodelação tecnológica das práticas sociais nem sempre contradiz as culturas tradicionais e as artes modernas. Expandiu, por exemplo, o uso de bens patrimoniais e o campo da criatividade. Assim como os vídeo games trivializam batalhas históricas e alguns vídeos as tendências experimentais da arte, os computadores e outros usos do vídeo facilitam obter dados, visualizar gráficos e inová-los, simular o uso de peças e informações, reduzir a distância entre concepção e execução, conhecimento e aplicação, informação e decisão. Essa apropriação múltipla de patrimônios culturais abre possibilidades originais de experimentação e comunicação, com usos democratizadores, como se observa na utilização do vídeo feito por alguns movimentos populares. (CANCLINI,1997, p.11). Hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. (CANCLINI,1997, p.29).

audiovisuais”(BELLONI, 2001, p.120), são estímulos que desafiam a escola e a sua capacidade de se comunicar com as novas gerações. Os novos modos de percepção e aprendizagem são modificados por essas novas formas de se comunicar, de acordo com Maria Luiza Belloni (2001):

Tais transformações técnicas, econômicas e culturais geram necessariamente novos modos de perceber e de compreender o mundo: o local é reinterpretado à luz do global, o afetivo é sublimado no espetáculo e transformaram-se os modos de aprender das novas gerações, bem como suas representações sobre, e suas relações com a instituição escolar (DEBORD 1967; LASCH,1979; 2002 p.120, apud BELLONI, 2001a e 2001b;2002 p.120,)

Ao educador, atento às necessidades e às transformações de seu tempo e da sociedade, é fundamental perceber o momento para se efetuar as mudanças necessárias. Não é mais possível contestar o uso dessas ferramentas em uma sociedade já dominada por elas em que, de acordo com a autora, as mídias eletrônicas assumem um papel cada vez mais importante na socialização, enquanto a escola não corresponde minimamente a essa demanda (BELLONI, 2002). Entretanto, o uso acrítico desses recursos pode trazer prejuízos para a formação dos educandos. **BELLONI 2001 OU 2009 ?**

A questão que se coloca é como fazer com que essas novas formas de viver possam ser direcionadas a um desenvolvimento positivo das faculdades humanas no processo educativo sem permitir que a sociedade se torne vítima do que se pretende tomar por processo evolutivo e pela ideia de progresso. Conforme escreve Kracauer em *O ornamento da massa* (2009): “é uma simples consequência da expansão do poder desenfreado do sistema econômico capitalista, que as forças obscuras da natureza se rebelem de modo sempre mais ameaçador e impeçam o acesso do homem à razão”. (2009, p.99). O desenvolvimento tecnológico está diretamente relacionado ao desenvolvimento do capitalismo. É importante que se reflita sobre os perigos que esse desenvolvimento pode representar no sentido de aumentar ainda mais a exploração humana e a desumanização. Freire (1995) afirma que:

De fato, a necessidade de decidir com rapidez faz parte de sociedades em que a informação e a comunicação se aceleram. O problema fundamental dos centros de poder está em como produzir uma criticidade tão especializada que só decida em favor da verdade dos fortes e opressores, negando a verdade dos fracos (FREIRE,1995, p.40).

Levar o educando, no seu processo de formação, a sair do lugar passivo de consumidor a produtor de conhecimento, possibilitando a reflexão e levando-o a valorizar suas próprias experiências é uma oportunidade que o educador pode viabilizar,

proporcionando o desenvolvimento de uma consciência crítica. Dessa forma, usará a tecnologia como uma ferramenta de transformação tanto a favor do educando quanto a seu próprio favor. “A invenção da existência envolve, repita-se necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos” (FREIRE, 1996, p. 33).

Para que ocorra a inclusão digital, é preciso profundas modificações na maneira de conceber a educação e transformar a estrutura social. O “deslumbramento” ou a desconfiança em relação à Cultura digital é fruto de sua inserção recente e avassaladora na vida contemporânea, transformando os hábitos e as formas de socialização e comunicação, abrindo horizontes desconhecidos. Segundo Diker (2007)

A memória das maneiras que o homem esculpido em diferentes materiais e que quando vistas produzem a mistura de emoções e pensamentos, distanciamento e reflexão, acreditamos que tem a ver com o conhecimento que proporcionam (DIKER, 2007, p. 27)⁵.

Com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado e sua inserção no ambiente escolar, a educação passa a ser mais amplamente discutida nos diversos setores da sociedade: a família, professores, pesquisadores. Segundo Freire “o que ocorre é que há etapas nas culturas em que as mudanças se dão de maneira acelerada. É o que se verifica hoje. As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma mudança e outra” (2010, p.16).

Organizações mundiais juntamente com os governos estabelecem metas educacionais de acordo com os interesses econômicos, do mercado de trabalho e do sistema capitalista, pautando-se em avaliações externas que não dialogam com as diferentes realidades sociais às quais os sujeitos pertencem. Segundo Paulo Freire, “a educação para hoje é a que melhor adapte homens e mulheres ao mundo tal qual está sendo. Nunca talvez se tenha feito tanto pela despolitização da educação quanto hoje” (FREIRE, 2000, p. 43).

Com relação aos governos, esse interesse é causa de desconfiança e insatisfação por parte de educadores e pesquisadores da educação, enquanto a sociedade em geral se mantém alheia aos interesses que estão envolvidos nas metas educativas que são estabelecidas pelas políticas neoliberais e organizações que visam uma formação técnica

⁵ Tradução minha

e aligeirada para o mercado de trabalho e que aprofundam cada vez mais as desigualdades e a exclusão. De acordo com Freire (2000):

É tão urgente quanto necessária a compreensão correta da tecnologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que perfila como constantemente a serviço do seu bem-estar. A compreensão crítica da tecnologia da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, é a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida ao crivo político e ético. (FREIRE, 2000, p. 46)

A tomada de consciência é um dos pilares da teoria freireana e um dos fatores fundamentais para a sobrevivência do planeta. A partir da tomada de consciência é possível intervir no mundo e transformá-lo através de atitudes que irão promover mudanças nas relações humanas, no reconhecimento dos direitos básicos como educação e saúde, na mobilização contra as injustiças e em defesa da vida. Paulo Freire alerta para a utilização dos recursos tecnológicos a favor do ser humano e chama atenção para o perigo de sua utilização para a manutenção da dominação e da alienação (FREIRE, 1992; 1995c; 1996; 2000).

Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância sobre ela. De uma ética a serviço das gentes de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado. (FREIRE, 2000, p.46)

Paulo Freire desenvolve possibilidades de inverter a lógica da dominação na sua pedagogia e a apresenta como uma Pedagogia libertadora, voltada sobretudo para as classes populares, oprimidas pela desigualdade, exploração, descaso, abusos de poder, entre outros casos de desumanização causadas pelos interesses do opressor, sobretudo em um contexto de capitalismo periférico situado em um país de terceiro mundo com marcas profundas de um sistema escravista e de exploração associadas a uma política neoliberal avassaladora que se serve do avanço tecnológico para efetivar seus objetivos. De acordo com Freire(1996): ESPAÇO

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates “ideológicos” que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana (FREIRE, 1996, p. 102).

Para Freire, o educador progressista não se conforma com a permanência das injustiças sociais e a exclusão da maioria da população brasileira que ele chama de “oprimidos”. Estes, subordinados ao sistema do opressor, que sempre foi detentor do

poder e do saber, são usados para a manutenção de um sistema a favor de uma minoria privilegiada que sempre teve acesso aos bens culturais e simbólicos. Conforme Soffner (2003):

O uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem pode não ser o único meio para alcançarmos a excelência na educação. Entretanto, considerando que temos em mão ferramentas que ampliam, facilitam e estimulam as faculdades cognitivas humanas, por que não nos valermos dela para ampliar e/ou modificar as formas de ensinar e aprender. (SOFFNER, 2003, p. 158)

Em tempos nos quais o desenvolvimento científico é visto paradoxalmente como recrudescedor de desigualdades, o acesso ao conhecimento e aos recursos tecnológicos comprometem a formação humana devido ao deslumbramento que as novas ferramentas despertam pela sua novidade e as infinitas possibilidades que apresenta, assim como a falta de uma formação adequada e uma visão crítica sobre a realidade. Com o aprofundamento das desigualdades diante do interesse puramente técnico no uso das TIC's, o diálogo entre Paulo Freire e o matemático sul-africano Seymour Papert, referência no uso das tecnologias na educação, sobre tais questões, é analisado por Renato Soffner, pesquisador na área de Tecnologia Educacional (2003). A rápida expansão do desenvolvimento tecnológico desperta angústias e resistências diante da necessidade de mudanças e adaptações nos hábitos e práticas sociais. A resistência de uma parcela da sociedade e a adesão cega de outra dá ensejo a questionamentos e inquietações diversas (PINTO, 2005).

Para Soffner (2003) o desenvolvimento tecnológico é pensado para auxiliar no desenvolvimento de potenciais que poderia ajudar na transformação de crianças e jovens em pessoas autônomas. Ele acrescenta ainda que as tecnologias modernas podem auxiliar no desenvolvimento de ações criativas e colaborativas, assim como aumentar a produtividade das aulas expositivas tradicionais. As TIC's, segundo ele, proporcionam a reformulação de propostas pedagógicas, estruturam novos ambientes de aprendizagem e servem de mediadoras na relação pedagógica.

Castels (2001) apud Soffner (2003) considera que a tecnologia é dimensão fundamental de mudança social, já que a própria evolução e transformação das sociedades são feitas através da interação complexa de fatores culturais, econômicos, políticos e tecnológicos.

Para **soffner NOME MAIUSCULA**(2003), a proposta de apropriação da tecnologia passa pela sua utilização para construção e manutenção da emancipação, autonomia e desenvolvimento humano, para tornar as pessoas munidas de autoestima e capazes de compreender a realidade.

De acordo com Paulo Freire, o emprego da tecnologia na educação deveria ter o caráter de práxis tecnológica, já que o uso da tecnologia está, inicialmente, imbuído de ideologia (2003). Práxis, segundo Freire, “é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (1987, p.38). Transformar o mundo a partir da reflexão e ação é uma práxis educativa (Freire 1987 apud Sofner 2003). Freire não perde de vista a importância do olhar crítico sobre a novidade. Segundo ele, o modelo bancário tem sido usado pelas estruturas sociais para manter o conservadorismo e as políticas de opressão e as tecnologias podem servir para potencializar esses objetivos, caso não ocorra um rompimento com o modelo bancário e o cuidado com o ensino meramente técnico através das ferramentas tecnológicas. Soffner diz que, no diálogo com Freire, Papert “completa o raciocínio mostrando que a tecnologia pode ser a arma das crianças e dos jovens justamente para recusar tal opressão e manter sua curiosidade natural e poder intelectual que lhe garantem autonomia de vida” (Soffner, 2003, p.155 - 6).

A Pedagogia libertadora de Freire é um chamado para uma educação que possibilite a mudança e a transformação dessas estruturas, mas não é um trabalho fácil, pois exige dos que assumem o compromisso radical de romper com a educação bancária, um forte compromisso com a ética, coragem, ação e reflexão, sustentadas pelos conceitos de palavra verdadeira e coerência entre teoria e prática. Freire (2000) enfatiza que:

A coerência entre o que eu prego e o que eu faço, entre o sonho de que falo e a minha prática, entre a fé que professo e as ações em que me envolvo é a maneira autêntica de, educando-me com eles e com elas, educá-los numa perspectiva ética e democrática (FREIRE, 2000, p. 19)

Para o autor, acreditar na possibilidade de todos vencerem suas dificuldades e encontrar soluções para os problemas faz parte de uma educação libertadora, comprometida com a realidade. Conceitos caros como solidariedade, inclusão, criticidade, consciência, sustentabilidade, devem estar presentes na prática do educador para serem despertados no educando. Para tanto, esses conceitos precisam fazer parte da formação do educador que queira assumir esse compromisso com a sua prática educativa, sempre atento à sua opção pedagógica. De acordo com Freire (1996):

A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição desse saber necessário e que me faz certo dessa coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham (FREIRE, 1996, p. 137).

Ele considera ainda que a função da escola é passar para as futuras gerações os saberes produzidos pela humanidade de modo que possam compreender os processos históricos e se apropriar desses saberes, para que ocorram experiências transformadoras. Para que isso ocorra, o rompimento com o modelo de transmissão e exclusão imposto historicamente precisa ser superado. “É tão fundamental por outro lado, a prática de pensar certo para o confronto de novos desafios que as inovações tecnológicas nos põem hoje quanto a liberdade de criar” (Freire, 2000, p. 45).

O papel do educador progressista é promover o desenvolvimento da consciência a respeito do poder de transformação possível através da educação; estimular a curiosidade crítica dos educandos desafiando-os a aprender, a construir seus sonhos, ideais e objetivos. A consciência de que somos seres inacabados, históricos e em constante processo de formação e transformação tanto individual quanto social (FREIRE, 2004).

O processo de ensino aprendizagem na proposta do autor deve problematizar os conhecimentos para que os educandos se tornem sujeitos críticos. Outros espaços da comunidade promovem essa transformação, mas a escola é o espaço por excelência para proporcioná-la. O diálogo entre a escola e a comunidade é fundamental para esse processo de formação e transformação. Paulo Freire (2010, p. 26) afirma que a mudança é possível desde que imbuída de sonho, *Utopia*, “lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do sonhador” (2010, p. 26).

Em resumo, vimos que o acelerado desenvolvimento tecnológico das mídias de comunicação traz angústias e inquietações diante das novas formas de viver e de se comunicar e a importância de uma visão crítica a respeito dessas mídias e dos conteúdos que nelas circulam. Conforme o tema proposto nesta pesquisa, relacionando a pedagogia freireana com o uso das novas tecnologias na educação, percebe-se a necessidade da inclusão digital e uma nova atitude mais ativa no processo educativo e o

desenvolvimento de uma consciência crítica diante da realidade para que a tecnologia seja uma ferramenta a favor do educador e do educando e da sociedade em geral.

O deslumbramento e/ou a desconfiança em relação à cultura digital é o resultado de sua inserção avassaladora na vida contemporânea. Outro fator para o qual Paulo Freire sempre alerta é a utilização da tecnologia para a manutenção da dominação, devido às políticas neoliberais e os interesses do capital.

No diálogo entre Freire e Papert analisado por Soffner (2003), os educadores veem também a possibilidade das novas tecnologias auxiliarem no desenvolvimento de ações criativas e colaborativas que possam ajudar a reformular as propostas pedagógicas presentes no ensino tradicional. Para Paulo Freire é necessário uma práxis tecnológica na educação.

3.2 - Avanço tecnológico: entre a liberdade e a opressão

A precarização da educação e a desvalorização do conhecimento, potencializada pela demanda do mercado por operários adestrados, torna a formação mera ferramenta para a sobrevivência do capital. Conforme Paulo Freire (1996, p.107): “a desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo” (1996, p.107). A tecnologia, com potencial para que o homem possa ter mais acesso ao conhecimento para melhor compreender o mundo e modificá-lo, muitas vezes funciona como uma ameaça ao desenvolvimento da inteligência humana devido a interesses dos donos do poder, governantes mal-intencionados e de grandes corporações que visam ao lucro desenfreado e a manutenção de seus interesses e privilégios.

O conceito de autodesvalia presente na obra de Paulo Freire pode ser relacionado à subordinação e ao medo que são passados de geração em geração de submissão até tornar-se costume, tornando as pessoas fracas, com baixa autoestima, incapazes de lutar pela liberdade: Freire (1987) considera que:

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do ‘doutor’ como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais (FREIRE, 1987, p. 28).

Ronaldo Manzi explica da seguinte forma o consentimento em servir: “é porque se almeja estar ‘acima’ dos outros que alguém se submete à tirania [...] um sistema só funciona se existem modelos: é só porque apresentam-se modelos de dominadores, tal como o tirano, que as pessoas se submetem a tal sistema” (MANZI, 2020, p. 112). Esta leitura nos remete à consciência hospedeira trazida por Freire (1987, p.17) na *Pedagogia do oprimido*: “somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo” (FREIRE, 1987, p.17).

Para Freire (1987), a conquista da liberdade se dá através de um processo que se assemelha a um parto, fazendo emergir um novo homem: “a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores oprimidos” (FREIRE, 1987, p. 19).

Conforme Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* ““hospedeiros” do opressor, resistem como se fossem este[...] e como seres duais, porém, aceitam também, ainda que em função das “sobrevivências”, o poder que se burocratiza e violentamente os **reprime**”(FREIRE, 1988, p.91). **ESPAÇO**

A proposta de Paulo Freire é desenvolver a autoestima do educando através da valorização de sua história e sua cultura, do seu saber e da sua experiência para que ele adquira consciência do seu direito à liberdade, oferecendo-lhe, através da educação, ferramentas para compreender as razões pelas quais ele se encontra em condições de opressão, e se sinta capaz de lutar, de indignar-se. De acordo com Freire, o pouco conhecimento de si implica o próprio problema da desumanização, pois o povo não se reconhece em sua realidade histórica (1987).

Dessa forma, enquanto o opressor se fortalece, o oprimido se vê cada vez mais fraco e destituído de condições de lutar. Instrumentos de dominação cada vez mais sofisticados se encarregam de manter os homens sob controle e cada vez mais distantes de uma vida livre e consciente, em prol da manutenção de um desenvolvimento econômico desenfreado que oprime a grande maioria. O que se entende por desenvolvimento e progresso faz parte de um projeto que envolve o domínio de uma minoria. Pinto (2005) afirma:

O sinal desta sensacional reviravolta no curso da história, que permite descortinar desde já o estado fantasticamente original do novo milênio em que a humanidade ingressa, nos é dado pela constituição de recentes e imprevisíveis ciências, que possibilitam a regulação e o controle de ações humanas mediante maquinismos engendrados pelo homem, porém dotados de extraordinários e inimagináveis poderes. Efetivamente, ao que agora se revela, não apenas são capazes de regular e dirigir a tradicional fabricação dos bens de consumo, como passam a oferecer os modelos, e logo depois os meios materiais, para o domínio do próprio homem em sua realidade de indivíduo e agente social. (PINTO, 2005, p. 05).

A proposta de uma pedagogia libertária significaria um rompimento radical com o modelo de educação que está posto e que o sistema liberal se serve para manter as políticas de exclusão e de exploração: “não me basta dizer: “que se há de fazer?”. A tecnologia automaticamente traz o automatismo e este, o desemprego”. (FREIRE, 1995, p. 22). O desenvolvimento tecnológico, as novas formas de trabalho, a formação tecnicista, o pragmatismo, associados às políticas neoliberais a serviço do capital, representam uma ameaça a construção da autonomia e ao desenvolvimento da consciência em relação aos desafios impostos pela realidade altamente tecnológica. A massificação do pensamento crítico, a valorização da competitividade e da individualidade ameaçam o desenvolvimento humano.

Daí a ideia de parto trazido por Freire: se o homem não conhece a liberdade, a partir do momento em que ele a conquistar, ele se tornará um novo homem. Freire afirma que “neste sentido, a formação técnico-científica não é antagônica à formação dos homens, desde que a ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente” (FREIRE, 1987, p.90).

A importância de Paulo Freire para a educação é ainda maior quando ele se dispõe a compartilhar seu conhecimento elaborando sua teoria a partir de sua prática, mostrando os caminhos para a sua efetivação. Ele tornou-se o educador que fundou a pedagogia libertária e mostrou a importância da autoestima e a valorização do saber e da experiência como elementos fundantes para a conquista da liberdade através da educação. Freire (1987) esclarece que:

Somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. O importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar, nos polos da contradição (FREIRE, 1987, p. 24).

Logo, a necessidade da mudança proposta por Freire pressupõe uma transformação na própria estrutura social. Considerado utópico e sonhador, Freire não nega esses adjetivos. Ele acredita que a mudança é possível desde que haja quem assuma o compromisso de contribuir com essa mudança. Não é exagero ilustrar o ideal de Paulo Freire e sua confiança na humanidade com as palavras de Schiller: “o homem traz irresistivelmente em sua pessoa a disposição para a divindade. O caminho para a divindade, se podemos chamar assim o que nunca levará à meta, é-lhe assinalado pelos sentidos” (SCHILLER, 2002, p. 61). O que seria “o caminho que nunca levará à meta” senão o próprio sentido de Utopia, percorrer sempre o caminho que nos leve a uma sociedade melhor, um homem que esteja sempre em busca de se tornar a sua melhor versão, ainda que esse ideal jamais alcance o fim em si mesmo, dadas as características mutáveis do homem e da história. Nas palavras seguintes de Paulo Freire é possível compreender que ele elabora a Pedagogia do Oprimido para que seja aplicada em qualquer época ou em qualquer lugar, visando sempre a busca por uma formação humana e integral do ser humano: Freire (1987) enfatiza:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante da recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p. 17).

Os desafios para uma transformação que só é possível através da educação são sempre desafiadores e encontram sempre a oposição dos dominadores com o objetivo de se manterem do poder.

Os romances distópicos *1984* de George Orwell (2019) e *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (2014) retratam o controle feito pela tecnologia altamente desenvolvida onde o acesso aos livros e o conhecimento da história é proibido para que o controle da população seja mantido e as pessoas não questionem o sistema estabelecido. As obras retratam o apogeu do totalitarismo e um sistema de controle extremo efetivado sobretudo através do desenvolvimento tecnológico. Essas obras mostram como a tecnologia pode servir como um fator de segregação e alienação quando a princípio seria para trazer benefícios, melhorar a existência humana e desenvolver a comunicação, busca incessante do ser humano. No entanto, nos romances

citados a tecnologia torna-se um instrumento de desinformação e desinteligência. Essas obras distópicas mostram o lado negativo do desenvolvimento científico e tecnológico, colocando como uma sociedade altamente desenvolvida tecnologicamente pode tornar-se plástica e superficial. Segundo Freire(1987):

“Tanto quanto o desumanismo dos opressores, o humanismo revolucionário implica na ciência. Naquele, esta se encontra a serviço da “reificação”; nesta, a serviço da desumanização. Mas, se no uso da ciência e da tecnologia para reificar, o *sine qua* desta ação é fazer dos oprimidos sua pura incidência, já, não é o mesmo o que se impõe no uso da ciência e da tecnologia para a humanização. Aqui, os oprimidos ou se tornam sujeitos, também, no processo, ou continuam “reificados”. (FREIRE, 1987, p. 75)

Conhecendo-se e conhecendo seus direitos, o povo aprende a pensar e a questionar. Por isso a educação lhes é negada. “A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista que a serve, tende a anestesiar as massas populares para que não pensem” (ibid., p.84). O desejo de Paulo Freire é que o povo possa compreender isso e transformar sua realidade ao invés de conformar-se e lamentar. No entanto esse conhecimento é negado para que a dominação e o controle permaneçam nas mãos de homens que, como diz Paulo Freire, negam a humanidade do outro e acabam negando a sua própria humanidade (1987).

A tentativa de desacreditizar Paulo Freire no governo atual, com o apoio de elite conservadora, tem como objetivo frear o desenvolvimento social e manter o povo preso aos velhos moldes da sociedade, além de promover retrocessos e perdas irreparáveis para o país. Segundo Corte Real (2021, p.4-5)

esta reflexão não poderia deixar de render atenção ao contexto sócio-político-cultural que a sociedade brasileira vive, tendo como emblemáticos os debates públicos, que giraram em torno das eleições presidenciais de 2018. Trata-se de reconhecer que as disputas presidenciais trouxeram à tona o acirramento das contradições em torno, de um lado, do campo das esquerdas e, de outro, da direita e/ou da extrema direita, aliadas tradicionalmente aos interesses especulativos internacionais que, não raro, promovem ataques à educação e aos seus pensadores, especialmente, vinculados ao campo progressista.

Semelhante aos grandes tiranos da história, usam os recursos tecnológicos mais sofisticados de forma antiética, apelando para instituições caras à sociedade como a família e a religião, para manipular e dominar o povo fragilizado através de um longo processo histórico de injustiças e descasos. A devastação do país com políticas de extermínio, fome, miséria, desemprego e completo descaso com a população compõem o histórico de um governo fascista e autoritário, que ignora as necessidades básicas da população. A destruição dos recursos naturais, perseguição e ameaça às universidades,

privatizações, retirada de direitos trabalhistas, tentativas de desmoralização do serviço público que atende à população, além do menosprezo à gravidade da pandemia da Covid-19 que assolou o país estão entre as inúmeras barbaridades praticadas pela incompetência governamental. De acordo com Della torre (2001):

O governo Bolsonaro sem dúvida é baseado numa grande aliança de uma parte do capital financeiro com milícias, agronegócio, igrejas evangélicas, entre outros. Não há dúvida de que há interesses materiais em jogo. Mas o fascismo se implanta organizando ressentimentos difusos do corpo social, direcionando insatisfações, explorando o desejo de mudança, prometendo vingança contra quem se recusa a aceitar toda a renúncia exigida para sobreviver nesse mundo fechado da família, do trabalho, da religião. (DELLA TORRE, 2001, s.p)

Novamente vêm à tona as ameaças de retrocesso mediante algumas conquistas alcançadas. A ascensão de um governo que representa as camadas conservadoras da sociedade coloca em pauta políticas que impedem a possibilidade de uma sociedade mais justa e democrática, impedindo os avanços sociais. Através de notícias falsas, discursos controversos nas redes sociais, uso antiético dos recursos tecnológicos para provocar conflitos e discursos que mobilizam as emoções dos sujeitos como defesa da família, religião e preconceitos em relação às diferenças, pautas fundamentais perdem espaço para o conservadorismo e a permanência dos privilégios, aumentando o desemprego, o sucateamento da educação, a devastação da natureza através de políticas de exploração, enquanto as necessidades básicas da população perdem cada vez mais espaço diante da espetacularização das injustiças. Em uma sociedade com uma educação popular precária, onde a opressão sempre foi naturalizada, diante da inexperiência democrática do brasileiro, as disputas políticas que são definidoras do destino da nação assumem o caráter de torcidas de futebol, defendidas com violência e paixão enquanto pautas importantes são banalizadas. As novas tecnologias são usadas a favor da opressão, da alienação e do aprofundamento das desigualdades e injustiças, conforme alertou Paulo Freire. Diante disso, a pedagogia freireana, com seu caráter conscientizador, libertário, passa a representar uma ameaça, daí a perseguição sofrida pelo educador na comemoração do seu centenário, com a ascensão do governo bolsonarista.

Entre março de 2018 até julho de 2021, foram mais de 500 mil mortos pelo coronavírus, agravado pelo descaso do governo durante a pandemia da Covid-19. Durante o período citado, enquanto órgãos mundiais como a OMS (organização mundial de saúde) determinavam os cuidados necessários para evitar a disseminação do

vírus, o governo confundia e aterrorizava a população, conclamando-a a sair para as ruas para não comprometerem a economia. Depoimentos do presidente Jair Bolsonaro como “*não tô nem aí*” e “*não sou coveiro*” ou “*se não morrer de covid vão morrer de fome*” eram as respostas ao desespero pela média de 2000 mil mortes por dia. Desde o início da doença, alguns discursos mais radicais e conservadores se fizeram e se fazem presentes. Diante do novo cenário defendem a economia e não a vida humana e ganham apoio dos capitalistas neoliberais de todo o mundo (PALÚ, 2021, p.88).

Conforme Paulo Freire (1987, p.26)., “o sadismo aparece assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isso seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida. A elite conservadora, interessada na “manutenção da alienação para garantir a permanência dos seus privilégios, distorce a realidade e coloca todo tipo de obstáculos para impedir o avanço da sociedade à conscientização e à conquista da liberdade, liberdade esta que implica em não apenas estar no mundo, mas estar com o mundo, como diz Freire: “Estar *com* o mundo resulta de sua abertura com a realidade” (FREIRE, 1987, p. 39).

De acordo com Freire, quando o homem se adapta e se acomoda é “sintoma de sua desumanização. Ele deve, para tornar-se livre e capaz de fazer escolhas e pensar por si, integrar-se ao invés de ajustar-se. Freire (1967) destaca que:

A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem sujeito. A adaptação é assim um conceito passivo – a integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, altera-se a si para adaptar-se. (FREIRE, 1967, p. 41-2)

Ao suprimir a liberdade do homem, ele se ajusta, se acomoda e se massifica, nas palavras de Freire. Com uma ação educativa para a conscientização e para a luta por seus direitos fundamentais de ser de cultura e atuante em seu tempo histórico, o homem é capaz de superar as dificuldades de seu tempo e buscar sua emancipação. É uma luta que envolve conhecimento de si, valorização de sua história e de sua cultura. Neste sentido, Schiller (2002) afirma:

Quanto mais facetada se cultiva a receptividade, quanto mais móvel é, quanto mais superfície oferece aos fenômenos, tanto mais mundo o homem capta, tanto mais disposições ele desenvolve em si; quanto mais força e profundidade ganha sua personalidade, quanto mais liberdade ganha sua razão, tanto mais

munho o homem concebe, tanto mais forma cria fora de si (SCHILLER, 2002, p.68)

À medida que o homem domina a realidade e consegue agir sobre ela conforme sua razão e suas próprias decisões e escolhas, sua relação com o mundo e a maneira como ele interfere, modifica, cria, decide, age diante dos desafios, ele se humaniza e faz cultura. Diante de uma sociedade que se complexifica cada vez mais com a sofisticação dos instrumentos de dominação, os educadores que assumem a educação libertadora precisam estar atentos às possibilidades subverter a lógica da dominação e usar o desenvolvimento tecnológico para contribuir com a revolução cultural necessária à transformação social: “A revolução cultural toma a sociedade em reconstrução em sua totalidade, nos últimos que fazeres dos homens, como campo de sua ação formadora” (FREIRE, 1987, p. 91).

A preocupação com a manutenção dos privilégios e do *status quo* das classes dominantes fazem com que os governos que as mantêm usem de todos os recursos para isso, mesmo que seja “matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mortificá-los, violentá-los, são o próprio dos opressores” (FREIRE, 1987, p. 73). Os opressores são incapazes de enxergar a necessidade ou o valor do outro, pois estão ocupados em somente assegurar que nada perderão mesmo que para isso seja necessário inviabilizar a sobrevivência daqueles que não lhes serve mais e passam a ser vistos como uma ameaça. Esta se constitui a lógica tanto dos sectários quanto das políticas neoliberais, que, para manter o lucro e os privilégios de sua classe, estimulam a competitividade, o individualismo e têm se valido do desenvolvimento tecnológico para expropriar os direitos humanos: “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (ibid., p.37) De acordo com Paulo Freire, na ânsia de dominar, os opressores “vão se apropriando, cada vez mais da ciência também, como instrumento para suas finalidades. Da tecnologia, que usam como força indiscutível da manutenção da “ordem” opressora, com a qual manipulam e esmagam” (1987, p. 26).

Para manter a população distraída e sem compreender a realidade, a famosa política do Pão e circo da Roma antiga continua sendo oferecida ao povo para mantê-lo ocupado com divertimentos e não venham a se interessar por assuntos políticos, mantendo assim a massa submissa. De acordo com Paulo Freire (1987, p.79). “os conteúdos e os métodos de conquista variam historicamente, o que não varia, enquanto

houver elite dominadora, é esta ânsia necrófila de oprimir”. Na sociedade atual, as mídias e as redes sociais, através do desenvolvimento tecnológico, fazem com que os passatempos e as distrações assumam novas roupagens e a dominação torna-se mais acirrada e com ares sofisticados, enquanto o povo vive uma realidade cada vez mais complexa e impossível de ser compreendida. Oferecendo promessas impossíveis de serem realizadas, “deixando os povos abobados” e facilmente manipuláveis, o povo vê substituída a possibilidade de ser livre através do estudo e do conhecimento por ilusões e prazeres imediatos, devido ao excesso de entretenimento e distrações disponíveis e a ausência de uma educação libertadora. Conforme Freire (1987):

Todos esses mitos e mais outros que o leitor poderá acrescentar, cujo introjeção pelas massas oprimidas é básica para sua conquista, são levadas a elas pela propaganda bem organizada, pelos slogans, cujos veículos são sempre chamados “meios de comunicação de massas (1987, p. 79).

Dentre esses mitos dos quais Paulo Freire fala estão: o mito de que todos têm direito à educação enquanto esse direito é negado através do descaso e do sucateamento da mesma; o mito de que as elites dominadoras são responsáveis pelo povo que deve ser grato e aceitar a situação; o mito da igualdade de classes; o mito da inferioridade “ontológica” dos oprimidos e da superioridade dos opressores, entre outros tantos mitos que são interiorizados pelo oprimido através da ideologia dominante (1987).

Com o excesso de distrações que a contemporaneidade oferece, somadas à necessidade de lutar pela sobrevivência em um mundo cada vez mais competitivo, com recursos cada vez mais escassos e uma população cada vez mais numerosa, com as condições de trabalho cada vez mais precarizadas e o trabalho humano sendo substituído cada vez mais por máquinas, o povo se rende cada vez mais facilmente a uma submissão inevitável disfarçada de progresso e liberdade, devido à atratividade das tecnologias modernas e o apelo dos recursos persuasivos cada vez mais bem elaborados pela indústria cultural, o consumo e as necessidades mais imediatas. Segundo Huxley (2017) no prefácio de *Admirável Mundo novo*:

Não há, por certo, nenhuma razão para que os novos totalitarismos se assemelhem aos antigos. Os governos pelos cassetes e pelotões de fuzilamento, pela carestia artificial, pelas prisões e deportações em massa, não é simplesmente desumano (ninguém se importa muito com isso hoje em dia; é, de maneira demonstrável, ineficiente – e numa época de tecnologia avançada a ineficiência é um pecado contra o espírito santo. Um estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que os chefes políticos de um Poder Executivo todo poderoso e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam a servidão (2017, p. 14).

Um **governo que** ESPAÇO se aproveita da consciência mágica e ingênua do povo desvalorizando o desenvolvimento científico, vulgarizando as instituições educacionais, se apropriando das tecnologias da informação (TIC's) altamente sofisticadas para manipular e confundir a população, promove a ascensão do autoritarismo típico de governos tirânicos para a manutenção do projeto ideológico do poder dominante que, conforme Freire :“[...] vai tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas politicamente estejam elas (rurais ou urbanas) tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder” (FREIRE,1987, p.83).

Paulo Freire é um desses espíritos clarividentes com o entendimento forjado em um momento de transição do desenvolvimento do país em que a sociedade se abria para o desenvolvimento de uma nova consciência. Banido do país por suas ideias progressistas e libertárias, os tiranos não conseguem atraí-lo, nem o desanimar, nem o desvirtuar. Jamais aceitou passar para o lado do opressor. Sempre teve muito claro o sentido de sua luta. Paulo Freire mostra como despertar no povo esse desejo e a coragem de libertar-se através da conscientização. Para Freire (1987, p.91) “a construção da sociedade, que não se pode fazer mecanicistamente, tem na cultura que culturalmente se refaz por meio desta revolução, o seu fundamental instrumento”. Pensar o uso das tecnologias segundo a teoria de Freire é fazer com que os recursos tecnológicos possam servir de instrumentos capazes de viabilizar a conscientização e o acesso ao saber, sem perder de vista os riscos que essas tecnologias se voltem contra àqueles que já estão em situação de desigualdade e exclusão.

Na visão de Freire, entretanto, “através destas “sobrevivências”, a sociedade opressora continua “invadindo” e agora “invadindo” a própria sociedade revolucionária” (FREIRE, 1987, p. 91).

Atualmente, a tentativa de uma retomada ao voto impresso, rejeitada pelo congresso, mas insistentemente desejada pela parcela mais conservadora da sociedade e pelo governo atual, representa um dos maiores retrocessos que a democracia se vê ameaçada. A mesma parcela da sociedade e o mesmo governo que sustentam as fake-News através das redes sociais e das novas tecnologias para conservação de seus interesses e privilégios, contraditoriamente, defendem a volta do voto impresso. São tentativas de retroceder as conquistas do país para a manutenção do desconhecimento da

realidade e do desenvolvimento social que favorece uma parcela da sociedade presa a moldes ultrapassados, indiferentes às demandas de uma sociedade que busca se desenvolver e acompanhar o tempo consonante com as necessidades contemporâneas. Della Torre (2021) aborda a questão:

É sabido que um dos organizadores das manifestações de extrema-direita de 2015, o Movimento Brasil Livre (MBL) foi financiado pelos irmãos Koch, entusiastas da indústria armamentista e de institutos conservadores que combatemos direitos trabalhistas e a espoliação total do meio ambiente (DELLA TORRE, s.p., 2021).

As tecnologias digitais e as redes sociais são utilizadas tanto para o compartilhamento de saberes e os debates sobre temas importantes na sociedade quanto para a manipulação das consciências e a polarização dos debates, além de serem utilizadas em larga escala para disseminar o ódio e alienar a sociedade com a sloganização e as propagandas massificantes.

Paulo Freire (1967) nos ensina sobre a educação corajosa, que promove a reflexão sobre si mesma, sobre seu tempo histórico e suas responsabilidades em relação à tomada de decisões necessárias para a transformação social.

Freire (1987) é acusado às vezes de ingênuo, outras vezes incompreendido apesar de da clareza de suas ideias, não é de se espantar que seja tão amado por uns e tão perseguido por outros. Neste sentido Freire (1987, p. 34) “A questão está em que, pensar autenticamente, é perigoso”. Paulo Freire percebeu que, qualquer tentativa de uma educação que estimulava o pensamento autêntico era vista como uma ameaça. Paulo Freire colocava em prática suas ideias e projetos que davam visibilidade ao povo e despertava a sua consciência a respeito de seus direitos, propondo uma educação não só formal, mas crítica e política. Freire (1967) conclui seu pensamento explicando:

Nas campanhas que se faziam e se fazem contra nós, nunca nos doeu nem dói quando se afirmava e afirma que somos “ignorantes”, “analfabetos”. Que somos “autor de um método tão inócuo que não conseguiu sequer, alfabetizá-lo (ao autor). Que não fomos o inventor do diálogo, nem do método analítico-sintético, como se alguma vez tivéssemos feito afirmação tão irresponsável. Que “nada de original foi feito” e que apenas fizemos um plágio de educadores europeus ou norte-americanos [...]. A questão, porém, era bem outra. Suas raízes estavam no trato que déramos, bem ou mal, ao problema da alfabetização, de que retiráramos o aspecto puramente mecânico, associando-o à “perigosa” conscientização. Estava em que encarávamos e encaramos a educação como um esforço de libertação do homem e não como um instrumento a mais de dominação. (FREIRE, 1967, p. 121).

A preocupação e o empenho de Paulo Freire é (são) com uma educação “crítica e criticizadora” como caminho para as transformações sociais, para que o povo possa se ver capaz de participar das decisões políticas do seu país. As classes privilegiadas sempre se viram no direito de comandar e sempre negaram os direitos políticos dos mais pobres: “os mais altos estratos tendem a encarar os direitos políticos dos mais baixos, particularmente o de interferir no poder, como coisa absurda e imoral” (ibid., p.86). A tomada de consciência das classes populares deixa as elites assustadas, que tentam frear o processo através do silenciamento e da domesticação através de soluções paternalistas como lhes é próprio, travando o processo de abertura da sociedade. O autor considera como passos para o desenvolvimento. Segundo. Freire (1967):

[...] não apenas questões técnicas ou de política puramente econômica ou de reformas de estruturas, mas guardando em si, também, a passagem de uma para outra mentalidade. A da adesão à necessidade de reformas profundas, como fundamento para o desenvolvimento e este para a própria democracia. (Ibid., p. 87).

O recrudescimento das desigualdades, da opressão, do descaso pelo povo, o desinteresse em proporcionar condições para o desenvolvimento humano e a melhoria das condições de vida da população pelos homens que assumem o poder, são questões que não se esgotam e não se resolvem, pelo contrário, são cada vez mais agravadas com o desenvolvimento tecnológico. Com ferramentas cada vez mais sofisticadas, as formas de dominação tornam-se cada vez mais sutis e precisas.

A utopia de Paulo Freire é para que sempre haja quem possa auxiliar os que têm sua liberdade perdida ou ameaçada.

Apesar das ameaças que o acelerado desenvolvimento tecnológico oferece, suas potencialidades são igualmente grandes para que possam auxiliar o homem em suas demandas de formação e de instrumentos para a sua libertação. De acordo com a Pedagogia freireana, é preciso, antes de tudo, um profundo humanismo e busca constante pela coerência na prática pedagógica dos educadores que compreendem a pedagogia freireana e desejam assumir o compromisso de colocá-la em prática.

Conforme vimos neste capítulo, as tecnologias digitais são capazes de revolucionar a relação com o conhecimento e são o resultado da história do desenvolvimento humano. Diante disso, as relações sociais se modificam e surgem novas formações culturais. As instituições educacionais, produzem e refletem os conhecimentos formais e científicos e, portanto, espera-se que encontre meios de

compreender a nova realidade e utilizar o desenvolvimento a favor do desenvolvimento humano.

Freire reflete sobre a possibilidade do desenvolvimento tecnológico auxiliar na realização de ações capazes de reformular as práticas pedagógicas. As novas formas de comunicação que as novas mídias proporcionam são desafiadoras. A inclusão digital demanda uma visão crítica e responsável diante dos conteúdos que circulam nas novas mídias. Entende-se que a inserção das novas tecnologias na educação pressupõe uma atitude mais ativa, capaz de promover a reflexão e a consciência crítica para que essas ferramentas estejam a favor da educação.

Paulo Freire sempre alerta sobre os riscos de a tecnologia servir como instrumento de dominação. As ameaças sofridas pelas populações mais vulneráveis, a falta de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela humanidade, as ameaças à liberdade e ao desenvolvimento humano e a manutenção do *status quo* são constantes ao longo da história humana. Paulo Freire não condena o desenvolvimento científico e /ou tecnológico, pelo contrário, entende perfeitamente os processos históricos que colidiram nessa etapa do desenvolvimento humano. Sempre muito crítico e consciente a respeito dos processos de dominação e sectarização, esteve durante toda a sua vida, coerente em seus discursos e em suas ações a favor da libertação e do desenvolvimento das camadas populares.

Considerações finais cuidado com a pessoa verbal- busca-se , me preocupa

Neste trabalho, busca-se analisar as contribuições de Paulo Freire em relação ao uso das (novas) tecnologias da informação na educação. A primeira parte trata-se da educação segundo Paulo Freire, sua concepção de educação bancária e educação libertária e sua preocupação com a coerência entre teoria e prática. Paulo Freire **me preocupa com a desigualdade** de acesso às tecnologias e os riscos do pragmatismo e do tecnicismo para o aprofundamento das desigualdades sociais e a perpetuação dos privilégios através da educação.

A segunda parte **busca** entender os conceitos de mídia-educação, sua inserção na educação, relacionando essas mudanças com a teoria freireana. Foi feita ainda uma breve abordagem sobre a escola online em decorrência da pandemia do Covid-19, momento em que as escolas passaram a funcionar de forma remota através das novas tecnologias e redes sociais. A emergência de adaptação ao modelo da escola online e

seu funcionamento via internet suscitou reflexões sobre as novas formas de lidar com o ensino.

A terceira parte busca fazer possíveis relações entre a obra de Paulo Freire e o uso das novas tecnologias, suas contribuições para entendermos o contexto atual e as necessidades de mudanças no modelo de educação vigente, sobretudo devido ao desenvolvimento tecnológico e a presença das novas mídias na educação e as novas formas de educação que elas proporcionam. A possibilidade das novas tecnologias impulsionar o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento da consciência crítica são tão possíveis quanto o risco dessas ferramentas se tornarem sofisticados instrumentos de dominação. A perspectiva dialógica, a coerência entre teoria e prática, a valorização dos saberes prévios e da cultura do educando e o desenvolvimento da autonomia e da consciência foram os principais conceitos de Paulo Freire desenvolvidos ao longo do texto.

A contribuição mais efetiva de Paulo Freire em relação ao uso das tecnologias na educação relaciona-se ao uso crítico e consciente desses recursos, como em toda a sua proposta de educação; usar as tecnologias a favor do processo educativo, provocar a reflexão e atentar-se para os riscos da automatização da aprendizagem e da tendência tecnicista que a educação neoliberal e bancária tende a impor, sobretudo se aproveitando do acelerado desenvolvimento tecnológico e os interesses de mercado: “os saberes de que este educador “pragmático” necessita na sua prática não são os de que venho falando neste livro. A mim não me cabe falar deles, os saberes do educador “pragmático” neoliberal mas denunciar sua atividade anti-humanista (1996, p. 143)

A crítica de Paulo Freire sobre a transferência de conteúdo e a ineficácia desse método na concepção de educação popular que ele desenvolve é das mais severas e insistentes. Para o educador, não faz sentido “receber” conhecimento dessa forma, pois não faz sentido para o educando e não transforma nem a si nem a sua realidade.

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade (ibid. p. 40).

O problema continua quando esse educando um dia decide se tornar um educador e utiliza os mesmos métodos com os quais foi formado. Paulo Freire ressalta a importância dessas reflexões nos cursos de formação para professores para que essa

lógica seja questionada. Ele afirma que a educação da resposta não contribui para a curiosidade necessária ao processo cognitivo.

As reformulações da prática educativa para atender às novas demandas diziam respeito a necessidade de uma tomada de consciência e um desenvolvimento intelectual que fosse capaz defender a sociedade emersa de novos recuos e atrasos em relação ao desenvolvimento social e aos avanços democráticos

Um sistema que concentre suas maiores energias no desenvolvimento de nossos poderes intelectuais e dê lugar a uma estrutura mental capaz de resistir ao peso do ceticismo e de fazer frente aos movimentos de pânico quando soe a hora do desaparecimento de muitos dos nossos hábitos mentais (ibid., p. 89).

Mudam-se os meios, mas permanece a mesma forma de ensino utilizando estratégias ainda mais sofisticadas de transmissão de conhecimento e automação do pensamento, tornando a educação um treinamento puramente técnico, como alerta Paulo Freire. Ele esclarece que tanto mecanicistas quanto humanistas reconhecem o poder da tecnologia e da economia globalizada, mas a responsabilidade dos educadores progressistas é “lutar contra a robustez dos poderosos que a globalização intensificou ao mesmo tempo que debilitou a fraqueza dos frágeis” (2010, p.27)

Ao ler Paulo Freire passamos a enxergar com mais clareza onde estão as dificuldades de empreendermos uma educação que seja libertadora. Ele nos mostra os problemas da educação tradicional e da educação bancária e sinaliza para as possibilidades de transformação a partir do ensino através do diálogo, da valorização da cultura e do saber do aluno. “Nosso objetivo é chamar a atenção dos verdadeiros humanistas para o fato de que eles não podem, na busca da libertação, “servir-se da concepção bancária”, sob pena de se contradizerem em sua busca” (FREIRE, 1987, p. 38).

Quando o autor nos diz que somos capazes de contribuir para que nossos alunos possam ser livres, críticos, capazes de compreender a realidade em que vivem e a partir daí poder transformá-la; que somos feitos para ser mais e sairmos da condição de opressão a que estamos submetidos; que devemos sair da condição de vítima e lutar pelos nossos direitos, nos sentimos imbuídos de um poder e uma responsabilidade que

nos encoraja a sermos mais comprometidos com o nosso papel de educadores, a manter viva a esperança e a capacidade de sonhar e acreditar. Ele nos mostra

Como desocultar verdades escondidas. Como desmistificar a farsa ideológica, espécie de arapuca atraente em que facilmente caímos. Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua “sintaxe” que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito. (2010, p. 49)

Quando o professor toma conhecimento do legado de Paulo Freire e o incorpora em sua prática, passa a assumir-se como um educador comprometido com a construção do conhecimento através do diálogo, da pesquisa, da reflexão, da coerência entre teoria e prática; assumir-se como um pesquisador que está constantemente aprendendo junto com o educando; a partir do momento em que esse modelo de educação for colocado em prática, a transformação da sociedade será um sonho possível. Não que isso seja rápido ou fácil. Essas palavras não fazem parte dos ensinamentos de Paulo Freire. Ele nos encoraja a acreditar e a lutar pois acredita no potencial humano e na sua capacidade de elaborar os conhecimentos necessários para agir e enfrentar as contradições inerentes ao nosso tempo e ao nosso contexto histórico: “a escolha e a decisão, atos de sujeito, de que não podemos falar numa concepção mecanicista de direita ou de esquerda, e sim na sua inteligência como tempo de possibilidade, necessariamente, sublinham a importância da educação” (2010, p. 27).

O estudo de Paulo Freire deveria fazer parte dos currículos de toda Universidade brasileira, sobretudo aquelas que estão formando professores, em um país com tamanha desigualdade e injustiças sociais. A pedagogia freireana corresponde à necessidade de uma formação que seja crítica e autônoma, que torne o educando capaz de questionar a realidade e transformá-la. Quando o modelo de ensino assumir novas formas que possam atender às necessidades ontológicas dos nossos educandos e educadores, quando deixarmos de seguir um modelo pronto e engessado que não corresponde às necessidades do educando e da nossa realidade, estaremos colocando em prática a proposta de Paulo Freire para a construção da nossa escola, dentro dos moldes que nos possibilite “Ser mais”. Paulo Freire acredita, sobretudo, no ser humano e na sua capacidade de superação, a “consciência de si e do outro como um ser no mundo capaz de aprender, de questionar e de decidir” (2010, p.51). Ao invés de negar os avanços tecnológicos e aceitar a vitimização dos oprimidos diante de tanto progresso técnico em detrimento do progresso humano, ele vê a possibilidade dos educadores progressistas

usarem o progresso a favor de sua prática para “estimular e possibilitar, nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervir no mundo” (1995, p. 28).

Enquanto educadores que buscam compreender o que há por trás de tantos obstáculos para a formação dos educandos, que interesses se escondem por trás de tantos descasos, desvalorização, empobrecimento dos currículos, falta de acesso, precarização, é preciso buscar entender o que as novas tecnologias podem possibilitar enquanto ferramenta emancipatória. Ainda que ela seja fruto do desenvolvimento técnico e científico e dos interesses do capital, é o resultado de um processo histórico e pode auxiliar na demanda dos tempos atuais para resolver problemas desse tempo e atenuar desigualdades devido à sua capacidade de compartilhamento de conhecimento e experiência.

Com a pandemia, as novas tecnologias foram essenciais na comunicação à distância e no funcionamento virtual das escolas, apesar das dificuldades de acesso e de compreensão do funcionamento dos equipamentos e devido à emergência da situação em que foram utilizadas.

É importante estar atento para que o desenvolvimento tecnológico não seja mais um agravante para a existência humana e uma ferramenta audaciosa que vá permitir que os opressores coloquem em prática todo o seu potencial de ambição contra os oprimidos. Conforme Freire, “é tão urgente quanto necessária a compreensão correta da tecnologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que a perfila como constantemente a serviço de seu bem-estar” (2000, p. 45-6).

Apesar das ameaças que o acelerado desenvolvimento tecnológico oferece, suas potencialidades são igualmente grandes para que possam auxiliar o homem em suas demandas de formação e de instrumentos para a sua libertação. De acordo com a Pedagogia freireana, é preciso, antes de tudo, um profundo humanismo e busca constante pela coerência na prática pedagógica dos educadores que a compreendem e decidem optar pela educação libertária; e que os educadores possam sempre refletir sobre sua prática, que se revejam constantemente e possam fortalecer sua esperança de um mundo mais justo para todos e todas, com igualdade, justiça e liberdade, como Paulo Freire nos ensina e mostra ser possível através da sua teoria pedagógica elaborada a partir de sua prática.

Paulo Freire ressalta, no processo educativo, a valorização de si para o reconhecimento do sujeito na realidade histórica e o processo de humanização. A apropriação da tecnologia como instrumento de manipulação transforma os oprimidos em coisas que podem ser descartadas conforme perdem sua utilidade.

A educação bancária, segundo Freire, implica no imobilismo, dá ênfase na permanência e inibe o poder criador dos educandos, pois o conhecimento é transmitido de forma passiva e mecânica, constituindo-se um instrumento da ideologia e da opressão. A prática problematizadora, por outro lado, não se conforma com a realidade injusta e desigual e reforça a mudança.

A compreensão das novas tecnologias na educação pressupõe uma mudança de paradigma para que estas sejam um instrumento de transformação social junto às classes populares e não mais uma ferramenta sofisticada que possa servir ao sistema de opressão e exclusão. Os riscos de que estas ferramentas sejam inseridas no contexto educativo para aligeirar uma formação mecanicista e tecnicista para o mercado de trabalho através do modelo de educação bancária é uma das maiores preocupações de Paulo Freire.

O que fica de Paulo Freire para a prática educativa? O educando é o sujeito do processo; a prática educativa é uma prática política; o conhecimento precisa ser reelaborado; a educação é para a libertação; é preciso prazer no processo de aprendizagem. Para Paulo Freire, a coerência entre discurso e prática é o maior desafio do educador progressista. Segundo o educador, crer no povo é condição indispensável à mudança revolucionária.

Em relação ao uso das novas tecnologias na educação, pode-se concluir que o educador não condena em nenhum momento o desenvolvimento científico e tecnológico. Isso seria contra seu conceito de desenvolvimento humano em relação às constantes transformações que ocorrem na sociedade. Entretanto, o educador mostra-se atento aos riscos que essas ferramentas possam servir aos processos de dominação e aumentar ainda mais a opressão e a desigualdade.

Para Paulo Freire não há outro caminho senão a prática pedagógica humanizadora. Ele se preocupa com o uso irrefletido das (novas) tecnologias na educação devido aos riscos de que essas ferramentas sejam utilizadas para o aprofundamento das desigualdades e da opressão através de uma educação cada vez mais tecnicista e pragmática.

O diálogo com Paulo Freire sobre a disseminação das mídias na educação e as novas formas de comunicação e informação através da internet possibilita importantes reflexões respeito do nosso modelo de educação e de formação histórico-cultural e mostra caminhos importantes para a transformação de nossa sociedade através da educação crítica e emancipadora.

Paulo Freire se preocupa com o acelerado desenvolvimento tecnológico e os riscos de empobrecimento ainda maior da formação humana com o aligeiramento e o pragmatismo cada vez maior no processo educativo. Segundo o educador, é importante que os professores se mantenham firmes diante das ameaças de adaptação impostas pela globalização e os avanços tecnológicos, mantendo uma postura crítica e rigorosa.

Para Paulo Freire, o educador precisa ouvir mais que falar, buscando conhecer e entender o outro, compreender sua realidade para poder intervir. Segundo ele, a liderança revolucionária deve estabelecer, sobretudo, uma relação dialógica com o povo.

O computador e a internet precisam da mediação para possibilitar a inovação do processo de ensino-aprendizagem a partir do rompimento com o modelo tradicional e passivo, instigando a participação do educando. A interatividade é um desafio para a escola, devido ao modelo bancário e mecânico de transmissão de conhecimento vigente. Paulo Freire vê nesse modelo uma forma de legitimar e manter o poder na mão do opressor e justificar a perpetuação de desigualdades.

Segundo Freire, a educação corajosa e a prática coerente são fundamentais para a ação pedagógica que se pretenda libertadora. Paulo Freire mostra caminhos tanto para a realização do educador quanto para a transformação social na construção de uma sociedade mais justa.

A permanência do modelo de educação bancária e de transmissão é favorável à educação mecanicista e alienante associados ao poder da tecnologia. Paulo Freire acredita na capacidade humana de superação e transformação. Para o educador, os avanços tecnológicos podem estimular a capacidade de intervenção no mundo. Negar o desenvolvimento tecnológico é desperdiçar o potencial do desenvolvimento humano e científico alcançado ao longo da história da humanidade.

A SUAS CONSIDERAÇÕES FINAIS PODE SER MUITO MAIS CURTA, E NÃO PRECISA MAIS CITAR AUTORES

Referências

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ARROYO, Miguel. Paulo Freire: um outro paradigma pedagógico? Disponível em: <https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Arroyo-PAULO-FREIRE-UM-OUTRO-PARADIGMA-PEDAG%C3%93GICO.pdf> .>acesso em 01 abr 2021

_____. Vida, obra e atualidade do pensamento de Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tXgYgWnZg2Y>.>acesso em 02 jun de 2021.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. A escola e as práticas de linguagem contemporâneas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IrL7dBRMlaE>.> Acesso em 21 abr 2022

BELINTANE, Claudemir. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/ambiencias-de-ensino-no-pos-covid/#:~:text=Do%20mesmo%20modo%2C%20os%20investidores,boa%20parte%20das%20aulas%20presenciais.>>Acesso em 19 mai 2021

BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre o a educação a distância no Brasil. Educação e Sociedade., Campinas, vol. 23., n.78, p.117-142, abril.2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a08v2378.pdf> .>acesso 01 abr 2021.

BELLONI, Maria Luiza; BÉVORT, Evelyne: Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009, disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 19 jan 2020.

CALEJON, Laura Maria Carnielo. Minicurso: Freire e Vigotski: diálogos possíveis. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VhfOOUcWw20&t=5695s>. >Acesso em 10 jan 2022.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. In. Culturas híbridas, poderes oblíquos. São Paulo: EDUSP, 1997. Disponível em:<<https://www.ufrgs.br/cdrom/garcia/garcia.pdf>. >Acesso em 09 jul 2022.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1986

_____. Convite à filosofia. São Paulo: Ed. Ática. 2000

CORTE REAL. Márcio Penna. 50 anos da pedagogia do oprimido: educação popular, saber/poder diante da onda neoconservadora. Disponível em:<http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5229-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>acesso em 01 abr 2021

DELLA TORRE, Bruna. Adorno vê a máquina de propaganda bolsonarista. Disponível em:<<https://outraspalavras.net/outrasmidias/adorno-ve-a-maquina-de-propaganda-bolsonarista/>>Acesso em 24 out 2021

DURAN, Débora. Letramento digital e desenvolvimento. Das afirmações às interrogações. São Paulo: Hucitec editora, 2010.

ELIAS, Norbert. As estátuas pensantes. In:____. A sociedade dos indivíduos. Rio de janeiro: Jorge Zahar,1994

FAUNDEZ, Antônio. Por uma pedagogia da pergunta. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. Á sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'Água, 1995c.

_____. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra,1996

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1992

_____. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000

_____. Pedagogia do oprimido (18ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

_____. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1460>> acesso 01 abr 2021

FAUNDEZ, Antônio. Por uma pedagogia da pergunta. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Extensão ou comunicação? 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A perspectiva vigotskiana e as tecnologias. História da Pedagogia. São Paulo: Vol. 2. pp.58-67.2010.

FRIGERIO, Graciela, DIKER, Gabriela. (comps.). Educar: (sobre) impresiones estéticas. Buenos Aires: Del estante Editorial, 2007. pp.15-43.

GADOTTI, Moacir. BRANDÃO, Carlos. PADILHA, Paulo Roberto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOHhR6skfFU>> Acesso em 1 mai de 2021.

GALVÃO, Rafael. Disponível em: <<http://www.rafael.galvao.org/2004/01/a-historia-de-marre/>> Acesso em 02 jun de 2020.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. Dicionário de filosofia. 2010. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em 08 jul 2022.

GUIMARÃES, Ged. Projeto: Ciências humanas em movimento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p11PguAlN2g&t=5372s>> Acesso em 23 mai de 2021.

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo, 2014

KRACAUER, Siegfried. O ornamento da massa. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pp.-91-101

- LA BOÉTIE, Etienne de. Discurso da servidão voluntária. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LEMOS, André. Entrevista. In SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio. Cultura digital.br. São Paulo: Azougue Editorial, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. Cadernos de Pesquisa v.46 n.159 p.38-62 jan./mar. 2016. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/cp/v46n159/1980-5314-cp-46-159-00038.pdf>> Acesso em 29 mai de 2021.
- MANZI, Ronaldo. Uma leitura sobre ideologia, mídia e educação. Curitiba:Brasil Publisching,2020.
- MARX, Karl. A miséria da filosofia. São Paulo: Global, 1982.
- _____. A questão judaica. www.lusosofia.net, s/d.
- _____. ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. São Paulo:Edipro, 2015
- MASS, Olmaro Paulo. Disponível em:<https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/edicao7/Olmaro_Mass.pdf> Acesso em 25 mai 2021.
- MERLIN, Nora. Do culto ao eu à passividade social. Disponível em:<<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/do-culto-ao-eu-passividadesocial/>>acesso em 29 mar 2021.
- MIRANDA Marília G. Disponível em:<<https://neoliberalismoedu.wordpress.com/2020/02/21/plano/>>:>Acesso em 21 mai de 2021.
- MIRANDA, Marilia G. Crise na educação: A retórica conservadora. Retratos da escola. Brasília, v. 10, n. 19, p. 567-579, jul./dez. 2016. Disponível em:< <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/700>. > Acesso em mai de 2021.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A educação de Paulo Freire – andarilho da utopia – em diferentes contextos. Inter-Ação. Goiânia, v.42, n. 1, p.1 -19, jan/abr 2017.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PALÚ et AL. Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Editora Ilustração. 2021.

PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de Tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005

PLOENNES, Camila. O professor ensaísta. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2013/05/03/o-professor-ensaista/>:<Acesso em 25 jan 2001.

PRENSKY, Marc. Trad. Roberta de Moraes de J. e Souza. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. >Disponível <http://pt.scribd.com/doc/55575941/Nativos-Digitais-Imigrantes-Digitais-Prensky>>Acesso em 23/02/013

RITER, Ettore. In. Cinema e formação: Concepções estéticas e pedagógicas.

QUEIROZ, Fabrício David de...[et al.]. Campinas, SP: Editora Alínea, 2021. p.23 -37

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento do pós humano. Porto Alegre: Revista Famecos Nº 22. 2003.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras. 2002

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. Disponível em <www.senac.br> Acesso em 22 fev 2013.

SMOLKA, Ana Luiza; MAGIOLINO, Lavínia. A perspectiva vigotskiana e as tecnologias. História da Pedagogia. São Paulo: Vol. 2.p. 30-39. 2010.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. A escola e as práticas de linguagem contemporâneas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IrL7dBRMlaE>. >Acesso em 21 abr 2022.